Fr. P. Sinzig
Não Desanimar!

Não Desanimar!

Romance contemporaneo brasileiro

por

Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

Terceira edição

TYPOGRAPHA DAS «VOZES DE PETROPOLIS»
PETROPOLIS
1925

Appresentando a terceira edição

Até pouco antes de pegar na penna para escrever o *Não Desanimar!* nunca me havia passado pela cabeça que, um dia, escreveria eu algum conto mais desenvolvido, ou até um romance. Muito pelo contrario, tinha tal admiração pelos autores de romances, que julgava demasiadamente despida de recursos a minha phantasia, para pensar em seguil-os nesse terreno.

Uma longa viagem ferroviaria, porém, de Curityba a São Paulo, fez-me ler com attenção e interesse o bello romance de «Ansgar Albing» (Monsenhor Paul, Barão von Mathies): *Moribus Paternis*, mais tarde traduzido e editado pelas officinas das *Vozes de Petropolis*. Achei tudo quanto dizia esse privilegiado escriptor tão natural, tão simples, tão espontaneo, tão tirado da vida de cada dia, que, pela primeira vez, me surgiu a idéa: «E si tentasse outro tanto?...»

Puz-me a recordar factos reaes, a concatenal-os e, terminado mais ou menos o quadro na imaginação, fui fixal-o com a penna, dentro de um mez, mais ou menos: *Não Desanimar!*

Ao primeiro seguiram outros: *Pela mão d'uma menina*, traduzido por uma revista belga para o francez, sob o titulo *L'Etoile du Foyer;* — *Ai! meu Portugal!* e, finalmente, *Guerra!!!* Si

houve nisso algo de bem, é devido ao autor do *Moribus Paternis*, que para tanto, sem o saber, me animou.

Era minha intenção retocar em sua nova edição o *Não Desanimar!* Trabalhos de outra ordem, que me roubaram o ultimo restinho das 24 horas do dia, não m'o permittiram. Vae, pois, com o mesmo frescor — ou a mesma pallidez — das primeiras edições, cujo rapido esgotamento agradeço muito sinceramente ao publico. Si continúa a ter defeitos, que desejaria tivessem desapparecido, conto, todavia, com a indulgencia que já encontrou a primeira edição, e com o effeito apologetico da narração de factos reaes, que animam.

Verei tambem esgotada a 3a edição? Vel-o-ei em vida, ou da eternidade? Tudo como Deus quizer.

Petropolis, 1 de Maio de 1925.

Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

Duas palavras

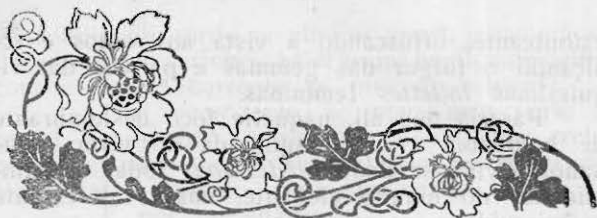
Embora me tenha servido da licença concedida aos romancistas, a maioria de todos os episodios narrados nestas folhas baseia-se em factos reaes. Nas scenas historicas preferi servir-me das proprias palavras que constam de actos officiaes ou da imprensa.

Na fórma literaria sou devedor á brilhante penna do illustrado jornalista e companheiro Julio Tapajós, a quem, além dos laços de gratidão, me prendem outros de estima e de amizade.

No mais, basta dizer que desejo ser util ás almas pela leitura desta tentativa, talvez ousada, de romance, e, si tanto conseguir, que ellas se lembrem, nas preces á Santissima Virgem, do bem espiritual do

AUTOR

Petropolis, 7. XIII. 1911.

PRIMEIRA PARTE

I

No theatro real de Wiesbaden

Finalizava o segundo acto, quando, pela setima vez, em brados enthusiasticos, chamava a platéa ao proscenio a grande cantora berlineza *Fräulein* Hempel, que ao papel de Rezia da opera *Oberon* soubera dar interpretação tão justa e vigorosa, que melhor não a poderia exigir nem imaginar o proprio Weber. O delirio das acclamações, a explosão estrondeante dos applausos freneticos continuava imperiosa ainda, quando o *régisseur*, forçado a intervir para que o espectaculo proseguisse e a tempestade triumphal se interrompesse, por já quasi importuna, fez impiedosamente correr entre a scena e a platéa o *velarium*.

Num instante despovoou-se o elegante recinto, frequentemente honrado com a presença de Guilherme II, o idolatrado imperador allemão. Senhoras gentis e cavalheiros elegantes affluiam para o *foyer* luxuoso, onde a luz jorrava

estonteante, offuscando a vista aos olhos e realçando o fulgor das gemmas e perolas das riquissimas *toilettes* femininas.

Parecia que ali, naquelle fóco deslumbrante de bom tom e arte requintada do viver mundano, haviam-se dado *rendez-vous* todas as summidades do mundo elegante, numa interessante promiscuidade cosmopolita.

Aprimorados manequins armados passeiavam lentamente, ou melhor, ostentavam em passeio as ultimas creações da futilidade inventadas pelos Worth e mais tyrannetes da moda; alguns *habitués* a custo disfarçavam um bocejo de enfado, sem nem mais resquicio das impressões recebidas na representação da opera de Weber. Ali estavam, porque ali os prendia a «moda», como pela manhan os forçára a exhibir-se no *Kurgarten* e á tarde a jogar *tennis*, e como os forçaria, no dia seguinte, á excursão pelo Rheno, em vapor especial, rumo e visita a Rüdesheim. Pesada lhes era a vida, e monotona, e sem encanto. O *foyer* deslumbrante os aborrecia; de facto, tolerariam a real elegancia de alguns, mas chocavam-se... oh! chocavam-se com a tola ostentação de outros, os mexericos ridiculos, os projectos casamenteiros ali brotados, as pequeninas intrigas, todo esse fervilhante mundo despresivel ali concentrado em fóco; idéas, projectos, planos, ambições e arrojos de audacia apenas iniciados uns, outros mais abertamente lembrados, postos outros em inicio de execução... Uma deploravel insipidez, aquillo tudo!

Nem todos, porém, pensavam da mesma fórma. Rostos juvenis reflectiam a justa e san alegria de viver, depoimentos vivos de prazer verdadeiramente sentido, acicateados de esperança; outros guardavam ainda, no reflexo dos sentimentos intimos, as impressões que lhes despertaram na alma e no coração as emoções da opera.

— Unica, a nossa Hempel! — affirmou peremptoriamente ao companheiro, joven de uns

25 annos, um gordo cavalheiro *smart*, cujas mãos, tratadas com carinho, brincavam negligentemente com a pesada corrente de oiro do relogio!

— Oh! nem tanto ao mar, nem tanto á terra! Acho-a bôa, mesmo excellente, mas creio que ella não poderá ser julgada no papel de Rezia tal e quanto verdadeiramente é.

— E por que não?

— E' obvio. O *Oberon* não é uma dessas operas que empolguem, que prendam a alma do espectador, que o façam sentir, soffrer, alegrar-se, vibrar, emfim, com os protagonistas, em cujas mãos, mas exclusivamente neste caso, reside o poder de forçar ao successo ou ao fracasso da peça.

— Mas não negará o grande effeito que produz essa obra do mais allemão de todos os compositores?

— Effeito? Grande effeito? Infelizmente acho-lhe effeito demasiado... sobre os olhos. A *mise-en-scène* é sem duvida grandiosa; excede talvez tudo quanto se possa apreciar na propria Berlim e na Grande Opera de Paris, mas... perdôe-me, quanto ao lado verdadeiramente artistico, absolutamente não me satisfaz.

— Muito exigente é V. Excia.!

— Talvez, mas justo. Ora, diga-me V. Exc., que tão exuberantemente aprecia *Fräulein* Hempel, si no mesmo gráu aprecia e louva os demais artistas...

— Krause, no Hüon, merece franco louvor, e as *Meermädchen* foram, na realidade, esplendidas.

— De pleno accordo. Scherasmin, no entanto, é mediocre, como Fatime, para não falar nos outros...

— Absolutamente não o nego, nem o posso negar; mas é impossivel em um conjunto encontrarem-se primeiras figuras para todos os papeis, nem mesmo vozes e artistas excellentes para os secundarios, a não ser talvez em Bayreuth.

— Não resta duvida que não ha nada perfeito neste mundo — retorquiu gravemente o joven — nem mesmo a preço de bom dinheiro...

Pausa... Para que mais?... O cavalheiro gordo cumprimentou levemente e dirigiu-se para o *buffet*, emquanto seu interlocutor, ainda pensativo, voltou a passeiar, meditando:

Felicidade é um sonho nebuloso...
A vida, neste mundo, é sempre assim:
Do gozo em meio a veladora eterna
Nos arranca da mesa do festim...

Pensára-os apenas, ou chegaram a vir-lhe aos labios esses formosos versos de Fagundes Varella? Deveria ter pensado alto, pois, de subito, o despertaram do alheiamento os accordes harmoniosos de uma leve voz feminina desconhecida, que, baixinho, mas bem claramente, exclamava, dirigindo-se a um cavalheiro de seus cincoenta annos:

— Papae, um brasileiro!

Voltou-se incontinenti o sonhador e deparou com linda e esbelta joven, de umas vinte primaveras, olhos vivos e tez alvissima, acompanhada por um senhor de feições distinctas, e ambos com interessada attenção voltados para elle.

— Dr. Antonio da Costa Barros, para servir a VV. Excs. — pressuroso se apresentou o joven.

— Commendador Marcos de Castro Moreira, em commissão do governo de nosso paiz, e Judith de Castro Moreira, minha filha — respondeu amavelmente o outro, para logo accrescentar — Immenso prazer em encontrar um patricio, tão longe da patria...

— Não é menor o meu jubilo, sr. commendador, principalmente aqui, onde não conheço ninguem... Deparar com um compatriota é como que encontrar um pedaço da nossa patria... e encontrar uma patricia...

— Prohibidas as lisonjas! — exclamou a moça, rindo.

— Esteja V. Exc. certa de que — tão longe estamos de nosso paiz! — eu preferiria a companhia de qualquer um brasileiro á de todos esses figurões do *high-life*, e principalmente a de patricios tão distinctos!...

— Obrigado, doutor — replicou amavelmente o commendador — Espero que nos dará o prazer de suas visitas ao *Adler Hôtel*, a começar amanhan mesmo.

— Todo meu o prazer; sómente devo prevenir a VV. Excias. que seguirei, depois de amanhan, até München, pois tenho que estar quarta-feira em Oberammergau.

— Oberammergau? — exclamou vivamente Judith — o doutor vae assistir á representação da celebre Paixão?

— Justamente, minha senhora.

— Oh! Papae... A Paixão! Eis o que ainda nos falta vêr! Regressar ao Brasil sem tel-a apreciado, e quando justamente chegamos no anno em que vae ser representada! Não se recorda com que enthusiasmo Affonso Celso descreve a Paixãoi de Oberammergau?

— Sim, filhinha, mas agora será tarde. Disseram-me que a frequencia a essas representações é enorme, e que é difficillimo obter-se um cartão de ingresso, quando não é solicitado com bastante antecedencia.

— Por que não tentar? Talvez não queira ir por motivo de crenças, papae?

— Creio que devo apoiar o pedido de sua filha, sr. commendador. Pelo que me disseram, a representação da Paixão deve ser unica no genero, e curioso estou em verificar si me satisfaz mais do que a do *Oberon*, tão luxuosamente montado, tão superiormente cantado e acompanhado, mas, ainda assim, tão ôco e frio.

— Tental-o-ei; além de satisfazer o desejo de minha filhinha, terei o prazer de passar mais

algumas horas em companhia de meu distincto patricio.

— Obrigado, sr. commendador. Confio em que não se arrependerá.

— Oxalá seja assim, pois sentiria que justamente minhas ultimas impressões do estrangeiro não fossem de todo bôas.

— Pretende, então, partir em breve?

— Dentro de quinze dias, doutor.

— Que pena, para mim, deixar tão cedo a companhia de bons patricios, e que saudades me desperta a partida de VV. Excs., saudades de tudo quanto deixei no Brasil...

— Serei indiscreto em perguntar-lhe si deixou lá sua familia?

— Não, sr. commendador; tenho até muito prazer em falar dos meus, ou, mais exactamente, em minha querida mãe e irman, as unicas pessôas que sinto minhas, porque meu pae ha muito que falleceu, e outros irmãos nunca tive.

— E o senhor ainda solteiro?!... Cuidado que não deixe o coração enleiar-se nos feitiços de alguma sereia estrangeira!

— Não ha perigo, sr. commendador.

— Mas que mal haveria que assim fosse, papae?!... Então o amor ha de respeitar fronteiras politicas!

— Sabença de menina inexperiente! Ou porventura já descobriste tu algum loiro allemão, que corresponda ao ideal de teus dezenove annos?

— Não caçôe, papae; mas...

As palavras que se seguiram perderam-se no estrepito de passos apressados, despertados pelas campainhas electricas, que chamavam para o ultimo acto do *Oberon*.

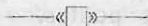
E Antonio, subitamente separado de seus compatriotas, cujas palavras lhe chegavam como um raio quente do sol de seu paiz, procurou concentrar novamente a attenção no que se passava no palco. E mais uma vez sentia a impres-

são que sentira nos dois primeiros actos: o jardim do Emir de Tunisia era simplesmente esplendido, de uma naturalidade espantosa; os effeitos de luz inexcediveis; luxo verdadeiramente oriental no palacio do Emir; a viagem maritima era o *non plus ultra* da arte theatral; a scena em Aachen, diante do imperador Carlos Magno, era o que de mais grandioso podia haver em qualquer grande theatro do mundo; esplendida a orchestra, dirigida por Felix Mottl; mas... com tudo isso, o *Oberon* não o satisfazia. Alguma coisa de superior devia haver que lhe enchesse a alma toda inteira; mas alguma coisa de real, não esses mentirosos bastidores de falsos palacios e prados, de falsos jardins e mares, de falsos desertos e de falsos *boudoirs*; alguma coisa de real; não a farandulagem desses actores e cantores, que são hoje reis fingidos e mendigos amanhan; que se apresentam heróes hoje e amanhan vagabundos; fingimento... comedia... falsidade tudo...

Haverá uma realidade? Haverá uma felicidade?... E novamente á memoria se lhe despertaram os famosos versos de Fagundes Varella:

Felicidade é um sonho nebuloso...
A vida, neste mundo, é sempre assim:
Do gozo em meio a veladora eterna
Nos arranca da mesa do festim...

——«□»——

II

Em Oberammergau

Estrepitosamente entrava o expresso matutino de München na pequena estação da aldeiazinha bavara de Oberammergau, e pouco a pouco foi como que perdendo o folego, até parar, obediente aos freios, como uma fera domada. Os empregados, solicitos, corriam a abrir as portinholas estreitas dos wagons repletos, formigando de passageiros apressados, que deixavam o comboio e desciam á estação, como si fosse Oberammergau uma das modernas Babylonias. Incrivel era o numero dos viajantes que saltavam do trem; mas igualmente consideravel fôra o dos que haviam chegado na vespera, a pernoitar na pittoresca aldeiola, com o justo desejo de amanhecerem mais leves e descansados do que os que desembarcassem no proprio dia das fatigantes viagens de München, Ausburgo e outros pontos.

Que iman poderoso assim attrahia os forasteiros?

Quando, em 1634, pela guerra dos 30 annos, os suecos invadiram a Allemanha, avançando até Ammergau, aliás tão afastado das grandes estradas, viu-se novo flagello augmentar

os já de si terriveis horrores da guerra: a peste, explodindo e propagando-se com extrema virulencia, que causava victimas numerosissimas.

Os anciãos e os magistrados da aldeia, diante do insuccesso desesperante das medidas sanitarias então postas em execução, em bôa hora lembraram-se de recorrer á Providencia do Senhor altissimo da vida e da morte, fazendo a promessa de representar, publica e solemnemente, de dez em dez annos, a santa Paixão de Jesus Christo.

Rezam as velhas chronicas que, na mesma data, abandonou a morte sinistra sua ceifa desoladora, não mais fazendo tombar de peste uma unica victima.

Até hoje, a solemne representação da Paixão, em Oberammergau, menos se reveste do caracter de uma exhibição theatral, do que de um grande acto religioso, que recorda os mysterios na idade media representados no proprio recinto das egrejas.

Si romeiros ha — e os ha aos milhares — que em Jerusalém fazem resurgir na mente a sagrada figura do Salvador, que, vacillante, se arrastára por aquellas ruas pedregosas, carregando ás costas a dura cruz, gotejante de sangue; si outros procuram evocal-o em sua residencia, e no tabernaculo; si outros ainda nas galerias artisticas e nos museus lhe contemplam, nas producções de arte, as feições divinas — absolutamente não é de admirar que os comboios velozes, os *autos* rapidos, os carros commodos conduzam os milhares que querem vel-o onde parece que elle se apresenta vivo, agindo e prégando, morrendo e resurgindo. Dando á commemoração da Paixão um caracter de *rendez-vous* internacional, e mesmo interconfessional, até da America e da Inglaterra aportam vapores ligeiros, transportando de terras longinquas, pelo dorso das aguas, legiões e legiões de forasteiros á pequena aldeia bavara...

8 horas da manhan. Do Kofel e de outras soberbas montanhas, os tres tiros de morteiro da praxe estrugem, para signal do inicio do imponente acto religioso.

O dr. Antonio da Costa Barros, entre Judith e o commendador, occupa uma das cadeiras centraes da primeira ordem, sob a enorme abobada do espaço reservado aos espectadores. O aspecto que apresenta o grande quadro é, de facto, surprehendente. Original é o palco: na parte central, semelhante ao de um theatro, é coberto; de cada lado ha um vasto portão, pelo qual se figuram vêr algumas ruas de Jerusalém; á esquerda do espectador, vê-se a casa de Pilatos, e á direita a de Caiphás, com alta e ampla escadaria á entrada. Ao fundo do scenario — impressionante e unico — delineam-se as grandiosas montanhas da Baviera, compondo um conjunto admiravel e grandioso, que sobreleva em vantagem e belleza empolgante, qualquer reproducção scenographica de qualquer dos mais importantes theatros modernos.

Toda a frente do enorme palco é descoberta. Ao envez de luzes artificiaes, espargem-se brilhantes os proprios raios do sol rutilo, pondo em relevo admiravel a variedade polychroma dos vestuarios pittorescos.

Em Judith, todo esse scenario surprehendente, produziu impressão profunda, a cuja influencia a donzella se entregava, fascinada. Seu pae tinha no rosto uma expressão enigmatica e indecifravel. Antonio firmava-se no anterior proposito de tudo acompanhar com a severidade impiedosa de seus olhos criticos.

Não é a pontualidade virtude exclusivamente ingleza. Mal nas anfractuosidades e desvãos das montanhas os ultimos echos das explosões dos morteiros morriam, quando das duas casas lateraes surgiram 38 *genios*, formosos em suas vestes multicôres, conduzidos por um arauto que, em voz alta, recitou expressivo prologo.

Antonio, com seu antigo vezo de mais attentar para os defeitos do que para as perfeições de pessôas e coisas, colheu com o laço de seu espirito critico o certo desembaraço, eivado de curiosidade instinctiva, com que os *genios* olhavam para a linha dos espectadores, e não se pôde privar da censura, em voz de quasi segredo, num murmurio:

— Actores e actrizes!

Entretanto, agradaram-lhe as claras vozes seguras dos figurantes, e tanto que chegou a ao ponto de preferil-as francamente, por superiores e mais apreciaveis que os accentos tremulos das que se ouvem nos theatros; logo depois vantajosamente as cotejou com as que ouvira pouco antes, na representação do *Oberon*, em Wiesbaden.

— Temos aqui a materia prima para mais de um: *Fräulein* Hempel, — confessou elle no intimo. — No theatro não cantam com a mesma naturalidade, que substituem por uma affectação que de natural absolutamente nada tem.

Os primeiros quadros vivos succederam-se, bonitos, sem duvida, mas não extraordinarios. Mal terminára, porém, a adoração da Cruz, por creanças e anjos, quando, de ao longe, das ruas de Jerusalém, se ouviram exclamações isoladas de *Hosannah! Hosannah! ao Filho de David!* Lenta, mas fortemente, essas exclamações de jubilo se foram tornando cada vez mais vigorosas. Viam-se os habitantes da cidade santa sahir á rua, de todos os lados. Agora, pelas sacadas e portas, a multidão se avolumava; crescia e tornava-se compacta a agglomeração do povo, e mais triumphalmente jubilosos echoavam os brados de *Hosannah!* irrompidos de mil peitos... Sonho ou realidade?... Theatro ou vida?...

Já não eram ali representantes de determinadas classes; era o povo, o verdadeiro povo, vibrante, impetuoso, inconfundivel, que ali tumultuava em massa; que estendia as vestes de

côres variegadas no chão; que alcatifava de flôres o caminho; que agitava os ramos dos loureiros e as palmas; que se expandia, jovial e são, de santo jubilo; que conduzia em glorioso triumpho Aquelle, em cuja honra, de todos os corações, e vibrando em todos os labios, irrompiam os brados aureolantes dos *Hosannahs!* As mães erguiam nos braços, bem alto, as creancinhas que antes tinham ao collo, para que os olhos dos innocentes se santificassem ao poisarem-se sobre a figura do Desejado das Nações.

Agitando-se em grupos, ora dispersos, ora de novo compactos, gesticulando com expressivo e irreprimivel enthusiasmo, aquelle povo todo, na variedade das colorações de trajes e na multipla cambiante das expressões physionomicas, enchia agora as ruas a abarrotar. Vinha o cortejo invadindo o centro da scena, num avançar lento e solemne. Um alacre tropel de creanças occupa a frente esquerda, quando ao fundo surgem os vultos tão familiares dos apostolos — e logo após, singelamente montado em um jumento, Aquelle cuja figura ainda mais familiar é a todos; Aquelle que já a creancinha intuitivamente conhece e ama, quando ergue as delicadas mãozinhas em prece, Aquelle que é o consolo e o balsamo para o ancião e o joven que o buscam nas horas angustiosas da tribulação: Jesus!

Sim, é Jesus; tal como o conhecemos pelas suas innumeras gravuras e estatuas; como o temos presente á mente e ao coração. Jesus, doce, meigo, bom, divino...

— Jámais vi coisa igual — murmurou o commendador ao vizinho, que, absorto, não tinha olhos sinão para a scena imponente, de grandeza unica. Judith, insensivelmente, se havia levantado; deslisavam-lhe lagrimas serenas pelas faces jovens, e não mais pôde desfitar os olhos da figura fascinadora de Jesus, que seguia, manso e

humilde, em meio áquella multidão de centenares de pessôas a saudarem-n'o...

Antonio contemplou, um momento, sua gentil vizinha, invejando-lhe o ardor da fé sincera:

— E si Christo fosse realmente Deus!... Si os Padres tivessem razão!... Mas, não póde ser. Christo suggestionou as massas por sua bondade inexcedivel, por perdoar sempre, e a tudo e a todos, por não offender jámais a ninguem, por não pronunciar nunca uma palavra aspera... eis tudo!...

Clamores violentos da scena sacudiram-n'o de seus pensamentos: Christo, o meigo Jesus, havia entrado no pateo do templo, e, preso de justa indignação, enxotava da casa de seu Pae os vendilhões que a profanavam, derrubando-lhes as mesas, máu grado a attitude ameaçadora dos phariseus e escribas, que acorriam celeres. Todos contra um! Treme-se por Jesus... Ah! mas este já não era o mesmo Jesus que antes... Raios chammejantes lhe fulguravam dos olhos incendidos; em toda a sua altura elevava-se altivo e grande; uma majestade dominadora e imponente lhe transformára em severa e implacavel a feição meiga e doce: era agora o juiz, que fulmina...

Juiz!... Como Antonio queria afastar do pensamento essa idéa, simples, mas terrivel... Juiz!... Oh! como era o mesmo ardente desejo o do commendador, a seu lado, forcejando por extinguir da mente semelhante pensamento, que, no entanto, lhe voltava sempre, impiedoso e aterrorizante!...

No palco, a representação proseguia. Os mercadores expulsos do templo, quando em meio a seu lucrativos negocios, e os *sacerdotes*, cujo prestigio se esboroára, juraram entre si terrivel vingança. Reune-se o Summo Conselho; explodem violentas as paixões e os despeitos contra o accusado ausente; decretam: Jesus deverá mor-

rer. Não conhece o judeu outra lei que não a que alvitra: olho por olho, dente por dente.

A assistencia soffre. Toda a vasta platéa vibra, presa pela tragedia que a seus olhos, na maior parte marejados de lagrimas, se desenrola. Não sobrevirá na scena um quadro que mitigue a angustia daquella representação tragica?

Como em resposta á aspiração geral de um refiigerio, entra em scena, pela primeira vez, Maria Magdalena, que, com o balsamo precioso que trouxera, unge, humilde, os pés Áquelle a quem tanto amava, enxuga-os na sedosa toalha de sua cabelleira opulenta, e meiga, e doce, e castamente, os beija com osculo humilde. Proximo, a alma forreta de Judas — o Iscariote — engelha-se de colera pelo desperdicio da essencia, e nota-se-lhe evidente nos olhos, no gesto, na attitude toda, que o prende e domina o espirito máu da avareza e da cubiça.

Agora...

Judith, em todo seu ser sensivel e vibratil, estremece, até as palpebras, onde tremulam limpidas gotas do orvalho celeste que são as lagrimas por amor de Jesus e de Maria... O proprio sceptico e critico dr. Antonio, como o commendador, sentem-se tocados de irreprimivel commoção... A Mãe de Jesus veiu despedir-se do Filho, sobre tudo amado e sobre todos...

Em revistas illustradas, em cartões postaes, em photographias, Antonio já muitas vezes vira reproduzidas as feições de Ottilia Zwink, que, em 1910, figuraria Maria Santissima, e — não lhe agradára. Aquella... representar a Virgem Mãe?...

Mas, hoje... agora... seria aquella a mesma que elle de antes conhecia?... Impossivel!... O que ali, diante de seus olhos maravilhados, se passava, não lhe parecia ficção, mas sim perfeita realidade. Os espectadores, aos milhares, nem ousavam respirar. Silencio absoluto pesava em toda a amplissima platéa, estendia-se ao scenario... e

apenas, de tempo a tempo, o ruido secco do virar das paginas do *libretto*, ou, cada vez menos abafado, um soluço, outro, mais outro, ali, mais longe, contido a principio este, aquelle quasi se desabotoando em pranto...

Um condemnado... antes, um consagrado á morte, joven, no pleno vigor dos annos, despede-se dos seus amigos fieis, despede-se em seguida de sua Mãe extremosa, que não quer, que não póde querer deixal-o, que uma, e outra vez, e sempre, o estreita ao coração amante; que preferiria mil vezes morrer por elle, e não obstante o vae deixar ir, porque sabe que deve deixal-o ir... Um derradeiro abraço, o ultimo ... um derradeiro, um ultimo beijo... e eil-o que parte, esse adoravel Filho... para não mais regressar a seus braços carinhosos, que agora ali mal se alteiam e estendem tremulos, e como que ainda supplicantes por estreital-o mais uma vez.

Vae elle... Novamente seu doce rosto irradiante de celeste bondade se volta... um ultimo e lancinante adeus de despedida, de longe, já tão de longe... O sol, como num gargalhar de escarneo luminoso contra aquella dôr angustiosa, augmenta com subita violencia a intensidade da luz de seus raios...

Ella, na suprema ansia da saudade, sabendo o fim da jornada para que o Filho — seu Filho! — marcha, mais uma vez estende, olhos em pranto, os braços a buscal-o... mas Jesus vae longe, e segue manso, humilde, sereno, doce e bom, para o fim, para a tragica consummação do fim...

Quer o commendador, quer Antonio, não podiam apreciar mais com segurança de critica o que se ia a seguir; os olhos de ambos como que se haviam ennevoado, arrasados de lagrimas rebeldes, que lhes borbulhavam sem quasi mesmo elles se aperceberem dellas. Commoveram-os de facto, e máu grado seu, a dolorosa scena da despedida. Judith francamente deixava que

os soluços, a lhe agitar o peito, explodissem, — e não era ella a unica...

O tempo corria vertiginoso; quatro horas haviam passado celeres. Iam seguir-se duas horas para descanso, para alguma refeição, — mas não podiam ellas ser passadas na *Halle*. O commendador, a filha e o recente amigo, desconhecedores do logar, seguiram um casal inglez que se dirigia apressado em direcção a um dos muitos pequenos hoteis de Oberammergau.

Aquella mole de gente em movimento, o atropelo, a ansia da pressa com que todos buscavam correr aos hoteis para voltarem cedo, o proprio rumorejo da multidão, esse rumor surdo que acompanha como voz intima toda grande massa popular que, ali, agora, pouco depois ferido por um grito, uma voz, um brado mais alto, ora solemne, quasi tragico, ora num rolar monotono e aterrorizante de peças de artilharia, tudo isso, a inconfundivel confusão da onda humana, acotovelando-se, empurrando-se, magoando-se — aqui, numa rapida impaciencia, irritando-se, ali desculpando-se cavalheirosa — tudo isso concorria para a todos desviar da preoccupação das scenas antes representadas. No entanto, de tal fórma fôra a recordação forte, que nenhuma verdadeira conversação puderam sustentar nossos personagens, como igualmente se não travavam nos outros grupos, onde apenas observações rapidas, seccas, irrompiam, por vezes, quasi soffregas por voltar á preoccupação que, no entanto, pungia.

O commendador, Judith e o doutor procuraram um logar mais solitario para tomarem sua refeição apressada... Afastaram-se depois um pouco em direcção ao celebre Santuario de Ettal.

— Já se arrependeu, sr. commendador?

— Si me arrependi...

— De ter consentido em vir assistir á representação da Paixão?

— Não, não, meu amigo; antes, concordo plenamente em que Oberammergau não tem rival no mundo inteiro.

— E por que não será possivel realizar num palco moderno o que esses simples camponezes conseguem tão admiravelmente levar a effeito, e com perfeição tamanha?

— Ah! doutor, — interrompeu Judith — é simples: no theatro, os artistas representam por dinheiro, e aqui os camponezes representam por fé...

— Ora, sempre hão de ter algum lucrozinho — repontou o commendador.

— Nem por isso lhes vale chamar-lhe lucro, papae. Li, ainda ha pouco, que os figurantes da Paixão de Oberammergau são muito mal pagos. O proprio *Christo*, em 1890, não recebeu sinão 2.000 marcos, por todas as representações daquelle anno. Parte do que hoje sobrar das despesas do espectaculo será repartido entre seiscentos ou setecentos actores; que, então, tocará a cada um? Não, não é pelo ganho que elles assim representam tão bem, mas porque sinceramente se compenetram de seus papeis.

— Isto só, minha senhora — disse o doutor — ainda não explica tudo, pois que nos grandes palcos essa comprehensão, esse sentimento de fidelidade á representação das personagens não é desconhecido.

— Concordo apenas em parte, doutor. Os grandes artistas dos nossos theatros realmente compenetrarem-se de seus papeis, mas se não póde estender igual juizo a todos. Além disso, é-lhes impossivel, em papeis que sempre variam, compenetrar-se ao ponto como o fazem os artistas da Paixão, pois para estes o papel é o unico a estudar, e sempre o mesmo nas representações do anno inteiro. Cada vez mais se aproximam de seu ideal, e até physicamente se assemelham áquelles que pretendem representar. Os proprios homens, detestando o recurso á ficção dos theatros, dei-

xam crescerem-lhes os cabellos, e... olhe, lá vae o *Judas*, papae — interrompeu-se Judith a si mesma...

Dois outros pares de olhos seguiram a direcção dos olhos da que fizera a exclamação.

Effectivamente, não podia haver duvida; era Johann Zwink, que no drama representava o desgraçado traidor, esse que lá ia, e cujo talento no palco só poderia ser comparado, e sem desvantagem, com o de Antonio Lang, que fazia o *Christo*, e ao de sua filha, Ottilia Zwink, a *Maria* da Paixão de 1910. Como conseguira esse homem saber impressionar tanto? Além de seu incontestavel talento, talvez a dôr que algumas vezes soffresse, intima, o habilitasse para a representação difficil... De facto, grandes desgostos não o haviam poupado, pois, além de lutar com difficuldades materiaes prementes, perdera, havia pouco, o filho mais velho, joven de notaveis dons physicos e espirituaes.

Os brasileiros cumprimentaram-n'o, e *Judas* lhes retribuiu gentilmente as saudações que, mais do que nos gestos, se reflectiam nos olhares ardentes que nelle poisavam, admirando o grande artista. E todos regressaram á vastissima *Halle*, para assistir á segunda parte do imponente drama sacro.

Chegaram de volta ao recinto, e mal haviam tido tempo para de novo occuparem seu logares quando estrugiram das alturas do Kofel os tiros que, pela praxe, annunciavam a todos que ia proseguir a representação da Paixão. Iniciou-se a segunda parte com o mesmo esplendor scenographico, que tão deslumbrante impressão causára na primeira. Os grandes quadros vivos de scenas do Antigo Testamento alternavam com as da Paixão, mostrando enormes massas agglomeradas e verdadeiramente vivas, movimentando-se com uma naturalidade completa, de effeito surprehendente e inexcedivel.

O espirito critico do doutor pretendeu descobrir na scena animada da fuga de José para o Egypto algo de semelhante, em arte, com a entrada da Rainha de Sabá, na opera do mesmo nome, de Karl Goldmark — mas não houve remedio sinão confessar que a representação presente a seus olhos conhecedores sobrepujava em muito tudo quanto havia visto antes nos palcos dos grandes theatros.

E os quadros succediam-se... O publico, sem denotar, nem de leve, um signal de fadiga, seguia as scenas que se desenrolavam, com uma attenção intensa, em gráu verdadeiramente extraordinario. A accusação de Christo, brutalmente erguida pelos judeus em frente ao soberbo romano... ai!... não, aquillo não, aquillo não podia ser uma simples ficção theatral! Era a pura, a flagrante, a evidente reproducção da realidade quasi palpavel, mas, por isso, certamente dolorosa.

Das ruas agitadas, das praças tumultuosas, corria agora o povo em avalanches violentas, a clamar em odio satanico contra Jesus, a exigir imperiosa e sanguinariamente sua condemnação á morte. Aqui e ali, onde o furor parecia estagnar-se, como que cansados e prestes a aquietar-se, grupos perfidos de phariseus e vendilhões torpes insinuavam-se, instigando novas explosões de odio, instillando a peçonha de mais veneno, despertando epilepsias de raiva diabolica, convulsões congestas de sêde de sangue. Em vão Pilatos, com argumentos de uma logica de ferro, que ao menos um pouco consolava os corações emocionados do auditorio, arrancou a mascara de zelo e fervor religioso com que se apresentavam sacerdotes e escribas; em vão lhes atirou elle em face a hypocrisia revoltante e cynica, a injustiça clamorosa, a inveja vesga, causa instigadora de seu odio... Em vão. Sempre novamente acicateados, tomanto tormentosa attitude ameaçadora, o poviléo, a multidão ludibriada, gritava, esbravejava, estrondeava ensurdecedoramente:

— Crucifica-o! Crucifica-o! Crucifica-o!

Então, diante da intimação violenta da patuléa enfurecida, o juiz, o soberbo romano, covardemente se curvou.

. . . .

O açoite havia furiosamente rasgado as carnes ao misero corpo de Jesus... Mãos impiedosamente barbaras teceram uma corôa de espinhos, que lhe encravaram na angustiada cabeça, abrindo-lhe rasgões de que o sangue brotava copioso, a cobrir-lhe de uma onda rubra a augusta face dolorosa...

Por momentos se esvazia o scenario. Apenas o canto lugubre dos *genios* se faz ouvir, plangente e magoado.

Subito, um estremecimento agitou toda a assistencia. Nem o mais leve rumor se deixava ouvir em toda a vasta *Halle*. Apenas os peitos oppressos, arquejando... as respirações syncopadas, curtas....

Ao fundo, pelas ruas tragicas de Jerusalém, á esquerda, e acompanhada de algumas piedosas mulheres e do discipulo amado, adianta-se a Mãe do sentenciado...

Conhecerá já ella a realidade tristissima?... Adivinha-a, adivinha-a por certo, pois tem o passo vacillante e lento, santo temor das mães a contrahir-lhe as feições purissimas... Pede com insistencia que a acompanhem a procurar Jesus! E lentamente adianta-se o vulto commovedor de Maria...

Novo e rispido estremecimento percorre a multidão commovida. Parece que em todas as veias o sangue se gela...

Do outro lado da scena, pelas ruas da direita de Jerusalém, longe, muito longe ainda, invisivel aos olhos atormentados de Maria, surgem os primeiros vultos de um cortejo horrivel: soldados peões e a cavallo, typos da rua, mulheres do povo, algozes com escadas longas, mar-

tellos, cravos... Além... mais além... coberta de sangue que mancha as pedras do caminho, a figura de um homem avulta, curvado ao peso lancinante de uma cruz opprobriosa...

Com o silencio sacro do auditorio contrasta a algazarra do poviléo na scena. Um violento e rasgado tóque de trombeta fére lancinantemente os ouvidos e o coração alanceado da Mãe de Jesus. Iam realizar-se... já se teriam realizado suas apprehensões tragicas?... Maria sente que se lhe esvaem as forças... prende-a como que um desmaio... cambaleante, encosta-se á parede... amparam-n'a mãos piedosas...

A mais e mais o funebre cortejo se approxima, e nelle, á frente, o sentenciado, que se curva ao peso esmagador do lenho opprobrioso...

Eil-o que vem, o passo incerto de cansaço, o olhar, oh! aquelle divino olhar misericordioso, empanado por lagrimas doridas de sangue!... Um passo ainda... outra passo, e o Martyr tomba desamparadamente sobre os pedroiços ponteagudos da estrada, ferindo nos calháus as carnes já tão laceradas, e sob a imminencia de ali mesmo morrer, esmagado sob o peso enorme da cruz... Barbaras mãos arrastam-n'o e o erguem sob um gargalhar de ironia satanica, e empuxam-n'o e o empurram, para a frente! para a frente — sem descanso, sem pausa... e os chicotes infames erguem-se e revoluteiam ameaçadores no ar, empunhados por pulsos grosseiros e fortes...

Maria, olhos pasmados e desmesuradamente abertos, como que longe de tudo, como que alheia de tudo e de todos e de si mesma, vê aproximarem-se os soldados, os algozes, o poviléo, em algazarra, a turba em desenfreiada desordem, vê, mas vê com olhos que parecem não vêr, olhos que sentem apenas, mas que sentem numa intensidade vibrante... e, dali a pouco... pobre Mãe! verá mais com os olhos, verá e sentirá, com o coração traspassado de angustia, que seus ne-

gros presentimentos não a haviam illudido... que todo aquelle explodir de odio e de rancor, de inveja vingativa e raiva asquerosa era contra Elle, Elle, seu Jesus, seu amor, sua vida, seu tudo... que é Elle mesmo que ali vem, andar incerto e tropego, arquejante o peito emmagrecido, e a fronte gotejando suor de sangue, que lhe corre em fios das chagas abertas pelos duros espinhos da corôa sarcastica e cruel... Oh! do peito de Maria não irrompe um grito: todo o brado de sua angustia tremenda explode como que para dentro, e todo o alarido formidavel de seus clamores de agonia concentra-se num soluço mudo, que lhe comprime, como numa prensa, o coração golpeado, e apenas tenta arrancar-se num impeto, pelo grito mudo dos olhos esbraseados e em febre, que, pasmados e ansiosos, contemplam a figura andrajosa e martyrizada do Filho, do Filho que vae para a morte, e morte de cruz!...

Numa convulsão terrivel o coração como que tenta impellil-a para o Martyr. Estende-lhe os braços tremulos... Tenta, oh! si pudesse andar, si pudesse correr, precipitar-se a arrancar o Filho das mãos dos algozes! Mas as forças physicas tráem-n'a... As pernas, como si foram de chumbo, pesam e cáem immobilizadas no solo... Uma nuvem trevosa passa-lhe, numa vertigem, e entenebrece-lhe os olhos... O nome suavissimo de Jesus, como sómente Maria o poderia pronunciar, sáe-lhe, num balbucio, pelos labios entreabertos, mas...

Rapida, dura, inflexivel em seu odio e na loucura de seu energumenismo diabolico, a multidão, em clamores e chasqueios asperos, envolve-a, empurra-a, magôa-a, fere-a e afasta-a, impiedosa, sem um olhar para toda aquella angustia, antes aggravando-a com os apôdos e injurias cobardes contra o Martyr, contra Jesus, contra seu Filho, seu lindo e meigo Filho!...

...Na sala, oppressa, abafavam-se os soluços...

Judith nunca pôde comprehender como, nem por que não desmaiára naquella occasião, diante do espectaculo horroroso. O commendador e seu vizinho, apesar de toda insensibilidade que antes haviam querido affectar, não mais procuravam disfarçar as lagrimas que, silenciosas e copiosamente, se lhes deslisavam pelas faces pallidas de commoção.

Graças a Deus!... os *genios*, surgindo novamente, dos dois lados do scenario, vieram trazer alguma variação, quasi consoladora, á oppressão em que se debatiam todos os corações na *Halle*, apesar de se apresentarem agora lugubremente vestidos com as côres pesadas do luto.

Cantam... são melopéas dolentes... Os ultimos versos ainda pairam no ar, em ondas de harmonia triste...

Subito... mas que rumor é esse?... Que estranho arruido se faz ouvir, desharmonioso, secco e duro, por detraz do *velarium*?... Parecem martellos a bater rispidos sobre... Oh! Deus misericordioso! Então, será que...

Em toda a sala o silencio pesa como si o ambiente formasse a lage de um sepulcro. Lentamente a scena se abre...

Horror!... Estendido, nú, Elle, sim, Elle, Eil-o que jáz sobre a cruz, que pouco antes carregava... Umas martelladas ainda... As mãos e os pés do Martyr sangram, e poças de sangue rubro e quente formam-se onde se lhes aproximam as mãos e os pés de Jesus... De seus labios, entreabertos num rictus de dôr, um leve e angustiado gemido balbucia... Como um echo de contraste, uma voz brutal e aspera ordena da turba:

— Ergam-n'o!...

Todas as pulsações suspendem-se, na assistencia immensa... Não se póde nem respirar...

— Avante! Não affrouxem!...

A cruz é pesada... Arquejam os algozes corpulentos, incham-se-lhes as veias entumescidas nos braços musculosos... Pouco a pouco vae-se erguendo do sólo o pesado madeiro... vacilla... vae cahir...

— Força!... Mais força ainda!...

Uma especie de longo terror invade a sala toda. Os espectadores achegam-se uns aos outros... Não é possivel... Não, mil vezes não... aquillo é demais! Um homem soffrer tanto?!

— Mais um pouco!... Força! Prompto!...

A cruz, erguida violentamente mais alto, com tremendo fragor foi deixada cahir no fundo buraco preparado para recebel-a. Com o abalo, o sangue de Jesus mais copiosamente jorrou...

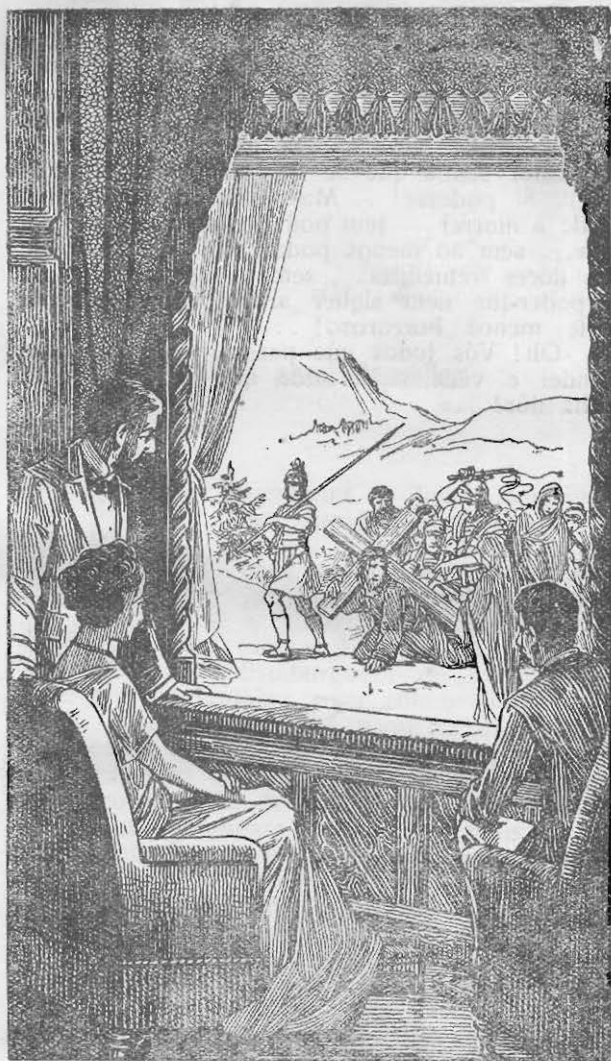
Oh! Não enganam os olhos?!... Tremulos de febre, gelidos de espanto, os espectadores contemplam...

Christo... Deus crucificado!...

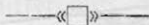
Ah! Fugir para sempre áquella visão terrivel!... Ou, si fosse possivel, destruir, de um golpe, todo o mal já feito, e salvar Jesus... Jesus, morto, assim, tão triste e abandonado!...

Diante dos corações confrangidos da platéa, e aos olhos indifferentes dos barbaros algozes deicidas, surge ao lado da cruz a figura dolorosa de Maria... Oh! a santa heroina!... Heroina que tem forças para vêr, vêr em seu Filho todo aquelle cortejo de horrores, aquelle requinte de maldade a fazel-o soffrer e morrer... e vê, e sente mais que todos, e tem forças para não succumbir nem desesperar!... Torce, angustiada, os braços; afogada na dôr, parece que vae desfallecer... mas arrasta-se ainda, até aos pés ensanguentados do Filho.

Levanta para Elle os olhos magoados, ergue os braços tremulos e como que supplicantes, e um queixume amargurado lhe sáe dos labios:

— Jesus!... Jesus!... meu Filho!...

Proximo a seus olhos dolorosos, vê os grossos cravos que lhe rasgam a Elle as carnes e lhe atravessam os pés... Do alto, o sangue de Jesus cáe, e cobre-lhe a cabeça, as mãos, as vestes da Mãe, que chora... Ah! si pudesse ella derramar o seu, gota a gota, para poupar aquelle cujo calor sentia que se lhe infiltrava pelo corpo!... Si pudesse!... Mas estar ali, impotente, e Elle a morrer... sem poder ella soccorrel-o em nada... sem ao menos poder alliviar uma só de suas dôres tremendas... sem o supremo consolo de poder-lhe nem siquer armar outro leito de morte menos horroroso!...

«Oh! Vós todos que passaes pelo caminho, attendei e vêde si ha dôr que se compare á minha dôr!...»

——«□»——

III

Uma novel Republica

angerhanns — João Comprido — era chamado o commandante do grande paquete allemão *Cap Arcona*, e isso, apesar de ser elle justamente a antithese: baixinho e gordo. Como quer que seja, porém, a importante companhia hamburgueza de vapores sabia por que o escolhera para commandar o então maior e melhor de seus paquetes da linha sul-americana. Sobre ter uma competencia nautica de verdadeiro «lobo do mar», de experiencia mil vezes robustecida, de prudencia e calma comprovadas em numerosas situações difficeis, o capitão Langerhanns se distinguia por uma delicadeza de maneiras e de trato extraordinaria. Durante todo o tempo que durava, por exemplo, a travessia da Mancha, ou em qualquer outro ponto de imminente perigo possivel, o capitão nem um instante abandonava a ponte de commando; mal, porém, o máu ponto passava, e entregava elle a direcção ao immediato — eil-o pressuroso a descer ao convés e aos salões,

cumprimentando amavelmente aos viajantes, com uma palavra de verdadeiro e solicito amigo para cada um delles, ora gracejando, ora animando-os, sempre communicativo e loução. Estimavam-n'o todos tanto como o admiravam. Sentiam-se bem, perfeitamente a vontade, no confortavel monstro de aço; e, confiantes no commando e na experiencia desse capitão habil, ninguem deixava penetrar no espirito apprehensões e temores.

Muito trabalho tivera o dr. Antonio para conseguir logar no paquete, no qual haviam tomado passagem o commendador e a filha. As saudades que no coração se lhe despertaram, ao receber uma carta em que lhe ia a noticia de achar-se enferma sua mãe extremosa e querida, deram-lhe animo e força para vencer todas as difficuldades; forçaram-n'o mesmo a interromper seus estudos e a viagem deleitosa, que a conselho e a pedido da propria mãe emprehendera; e, depois de fatigantes esforços por obter tambem uma passagem a bordo, embarcára em Boulogne s/m.

O Commendador, que começava devéras a sentir affeição por aquelle rapaz distincto de educação e trato, arrancára-lhe a promessa de passar alguns dias em sua residencia de Botafogo, para conhecer sua familia; e o joven doutor, obrigado a aguardar no Rio o despacho de suas bagagens, antes de proseguir a viagem, não podia, sem se mostrar descortez, recusar o offerecimento gentil, que de fórma tão captivante lhe era feito.

No *Cap Arcona*, onde se compunha de allemães e argentinos a maioria dos passageiros, o dr. Antonio da Costa Barros parecia pertencer á familia do commendador, com o qual permanecia a mór parte do tempo, ora nos lentos e prolongados passeios discreteantes pelo tombadilho, ora fazendo uma partida no confortavel salão de fumantes, ora entretendo palestra animada no luxuoso salão.

A' noite era-lhes costume assistir, no mesmo salão de palestras, aos concertos da orchestra de bordo, em cujo repertorio se encontravam, ao lado de sizudas peças classicas, as partituras ligeiras das ultimas operetas de Franz Lehár e Leo Fall.

Nos dois ultimos concertos, porém, já a attenção dos passageiros estava muito longe de ser a mesma que nos primeiros dias: o apparelho do telegrapho sem fio havia transmittido graves noticias de importantes perturbações da ordem em Lisbóa, onde explodira uma revolta, á qual havia adherido a marinha.

Os passageiros, cuja curiosidade estava superexcitada, agglomeravam-se diante da taboa onde os despachos eram affixados, á proporção que chegavam. A espectativa ansiosa crescia a cada novo marconigramma. As noticias já davam a revolução como victoriosa, e muitos passageiros receiavam que o vapor tivesse de ser forçado a demorar-se em Lisbôa, e que estivesse em grande parte perdida sua correspondencia.

O despertar da madrugada de 5 de Outubro de 1910 encontrou em grande alvoroço os passageiros do *Cap Arcona*, diante de Lisbôa. Enchiam elles o convés, precipitando-se para a amurada, e com binoculos investigavam ao longe a cidade, o castello real, as fortalezas, examinando os grandes estragos produzidos pelos projectis da artilharia nos ultimos combates e bombardeios.

O commendador não permittiu que Judith, desejosa de vêr de perto a cidade conflagrada, descesse á terra, mas resolveu ir pessoalmente, em companhia do doutor, que se offerecia a ir buscar noticias. Diminuto foi o numero de passageiros corajosos que se animaram a desembarcar e tomaram o pequenino vapor da companhia, que os transportou ao cáes.

Toda a cidade estava ainda debaixo da impressão de terror das primeiras horas de comba-

tes, e, pela manhan, não se abriram os bancos, as lojas e mesmo muitas outras casas. Pouquissimo movimento nas ruas, apenas quasi exclusivamente percorridas por pequenos grupos de soldados e paisanos armados, que conduziam preso algum monarchista, ou qualquer outro individuo, homem ou senhora, que fosse suspeito aos revolucionarios de infensos ao novo regimen republicano, ou, por qualquer outro motivo, lhes cahisse em desagrado.

Da grande praça D. Pedro em diante, os estragos materiaes produzidos pelas bombas e balas dos combates da noite e da madrugada apresentavam-se mais numerosos e importantes. Largos rombos, aqui e ali, em muralhas e paredes, demonstravam a violencia da jornada sangrenta, de que resultára a quéda do secular throno bragantino. O grande monumento que se ergue á entrada da ampla avenida da Liberdade fôra attingido e damnificado por um projectil de canhão. Alguns postes da illuminação electrica viamse fendidos pelas balas; os fios que transmittem a energia aos *tramways* estavam cortados. De quando em vez se esbarrava em uma barricada, á guisa de trincheira, ou se ouvia a voz rispida e imperiosa de uma sentinella, impedindo a passagem por esta ou aquella direcção.

Pelas ruas quasi se não viam senhoras. Os cocheiros de praça, pouco numerosos, conduzindo em tipoias raros freguezes, haviam prendido aos seus carros uma especie de bandeirinhas das côres gritantes da novel republica, verde e encarnado. Os automoveis quasi todos haviam sido postos á disposição do governo provisorio.

Uma impressão estranha apoderava-se do espectador impassivel do despertar da cidade, áquella hora matinal, que succedia á formidavel transformação politica e nacional portugueza: absolutamente não se notava o menor signal de enthusiasmo espontaneo da massa, do verdadeiro povo, pelo advento das novas instituições

democraticas. Os elementos que erguiam, de quando em vez, os «vivas» á republica, em saudação aos bandos de soldados ou grupos armados, eram suspeitissimos, geralmente formados por individuos de caras patibulares e ameaçadoras.

O commendador, observando a frequencia com que se succediam os grupos dos paizanos maltrapilhos, typos mal encarados, que não podiam inspirar a minima confiança, aterrororizadoramente armados, com a carabina ás costas ou o rewolver carregado na mão, ostensivamente ás escancaras, numa exhibição immoral de força e violencia, não póde deixar de dizer ao companheiro:

— Ai! da novel republica, quando se vir forçada a chamar á ordem esses perigosos elementos de que se vale agora... Esses homens ferozes não se deixarão facilmente desarmar, e não será tarefa sem perigo o forçal-os a conter-se nos limites da ordem, nem a soffrear-lhes os appetites sanguinarios, despertados e postos em furor esta noite!

Palavras propheticas eram essas, que os sangrentos successos posteriores, as violentas depredações, as perseguições politicas e religiosas, os ultrajes á moral e á liberdade, as infames affrontas á civilização, as calumnias clamorosas contra a honra, a propriedade e a vida até de senhoras indefesas e, por isso mesmo, dignas do maximo respeito, e antes da protecção que do aggravo, toda essa longa e revoltante série de crimes e de miserias que se succederam á alvorada tragica de 5 de Outubro, veiu confirmar, para eterno opprobrio e luto da nobre e desgraçada nação lusitana.

O doutor sentia subir-lhe o asco, ao vêr quantas victimas da sanha selvagem dos vencedores do dia eram brutalmente arrastadas para os calaboiços, perseguidas por um odio sectario infamissimo, a pretexto de promover a segurança da republica!...

Buscando fugir ás dolorosas impressões que os assaltavam, resolveram os dois amigos tomar um automovel, depois do almoço que ligeira e rapidamente tomaram em um hotel, e partir em visita ao celebre convento dos Jeronymos, a grande maravilha de architectura, verdadeira obra de renda em pedra. Foi-lhes impossivel, porém, encontrar um só *auto* disponivel; de carro não lhes sobrava tempo; arriscavam-se a perder o vapor que, dentro em pouco, ia partir, e seria imprudencia permanecer por demasiado tempo no meio daquelle ambiente ameaçador, onde as féras humanas, momentaneamente repousando, a todo instante poderiam de novo despertar em seu furor satanico.

Na praça D. Pedro acampava um batalhão de artilharia e metralhadoras, que tantos estragos haviam causado pouco antes. Assistia-se a um incessante vae-vem de soldados e paizanos armados; uma vez ou outra um militar a cavallo, galopando, dirigia-se ao quartel general, a levar ou buscar ordens, a transmittir alguma communicação importante; de tempos a tempos atravessava a praça um official de alta patente, esquecido do juramento de fidelidade que fizera ao rei, a dispôr-se ao serviço de seus novos senhores... Triste!

— Vamos, doutor. Já que não podemos ir aos Jeronymos, vamos vêr si descobrimos alguma outra coisa notavel na cidade.

Seguiram por algumas ruas. Em toda parte o mesmo espectaculo desolador, o mesmo *enthusiasmo* pela mudança de governo. Em frente da egreja, o commendador parou.

— Entremos, doutor? Haverá talvez ahi dentro alguma coisa digna de vêr-se.

— Como quizer. Vamos!

Subiram os poucos degráus e entraram. Subito, estacaram immoveis, como que paralysados. O templo, não muito grande e de aspecto vulgar, tinha sido theatro de profanações incriveis.

Sobre o altar, onde ainda pouco antes se havia celebrado a santa Missa, sentava-se agora um soldado, de cigarro á bocca, palestrando com dois typos, igualmente armados, mas estes á paizana. Uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, outra da Santissima Virgem, jaziam derrubadas no chão, e um dos paizanos, um carbonario, justamente ao entrarem os dois brasileiros, com um brutal pontapé, que, mais rigorosamente, se devia dizer um coice, atirou para um canto a imagem da Virgem.

O tabernaculo, aberto, fôra evidentemente profanado. O ciborio de ouro, despojado das sagradas Hostias, fôra miseravelmente injuriado a servir de... vaso nocturno!...

O commendador, presa de irresistivel accesso de cólera, exclamou:

— Eu sou republicano e maçon, mas isto é diabolico!

— Canalhas! — gritou o doutor em voz forte.

O soldado, assentado sobre o altar, limitava-se a rir cynicamente, mas os dois carbonarios avançaram ameaçadores para os brasileiros. Um já chegára mesmo a erguer a arma contra o commendador, quando, num abrir e fechar d'olhos, Antonio applicou-lhe um formidavel socco que o prostrou, e, arrancando-lhe a carabina carregada, bradou:

— Si se mexerem, são homens mortos! Canalhas!... Féras!...

Presos de terror, os tres republicanos, á ordem do doutor, retiraram-se lentamente para o canto opposto, deixando as armas onde ellas já antes descansavam.

— Commendador, volte o senhor immediatamente para bordo! Eu seguirei depois.

— Abandonal-o em perigo? Isso, um brasileiro não o faz, doutor!

— Não estou em perigo algum. Aquelles cobardes, agora sem armas, não ousarão tugir

nem mugir. Si, porém, sahirmos juntos, atiçarão contra nós toda essa matilha canalha de carbonarios. Vá, pois, o senhor sózinho e sem escrupulos.

— Só si prometter seguir-me logo e não se expôr a outro perigo.

— Prometto, pois não; mas não demore. E' o unico meio de nos salvarmos com vida. De mais, si o lanchão chegasse ao vapor sem o senhor, que terrivel seria para sua filha!

— Bem, vou, meu amigo; mas antes receba este abraço, que é sincero... E agora — arrematou commovido — até breve!

— Até á vista, commendador.

Mal o commendador Marcos de Castro deixára o amigo, puxou do relogio e affligiu-se: o lanchão largaria o cáes dentro em dez minutos. Que pensaria Judith, si não o visse entre os passageiros de volta!...

Impaciente e receioso de maior atrazo, correu quanto lhe permittiam as pernas cansadas, mas infelizmente não conseguiu chegar tão depressa quanto desejava. Ao virar de uma esquina viu-se envolvido por um grupo turbulento de carbonarios, soldados, garôtos e poviléo, que escoltavam um padre e algumas freiras entre chacotas e insultos os mais baixos e vilões.

— Escapei de uma para cahir em outra. Que republica ideal, que assim, infamemente, maltrata senhoras! que de maneira tão covarde e injuriosa trata filhas das mais distinctas familias! Poderiam ellas fazer algum mal?... Que mal?...

As chalaças em algazarra augmentavam, a cada nova brutalidade que irrompia da bocca alvar de um dos gloriosos carbonarios, a cada um dos grosseiros empurrões que esses animaes em furia achavam bem dar a senhoras virtuosissimas, filhas do paiz, que haviam commettido apenas o crime nefando de preferir o modesto habito religioso ao figurino requintado de Pa-

ris, e ás mundanices frivolas preferiram a vida de sacrificio pelos que soffrem.

O ultimo silvo do pequenino vapor da companhia vibrára, chamando os retardatarios; estava a embarcação prestes a largar o cáes, quando o capitão, vendo um dos passageiros que corria a toda pressa, mandou que esperasse um pouco ainda, a recolher o atrazado.

. . . .

— Papae, como está pallido! — exclamou Judith, quando o commendador subia a escadinha do portaló do *Cap Arcona*.

— Estou?... Ah! minha filha! Isto de proclamação de republica, como agora a fazem, é de provocar nauseas!

— Contar-me-á tudo, papae, sim?... Mas onde está o dr. Antonio de Barros? Não o vejo entre os passageiros... Não veiu com papae?

— Não, filhinha; tivemos de separar-nos.

— Deus do céu! Aconteceu-lhe alguma coisa? O vapor vae largar ferro...

— O doutor virá, Judith... e tu, filhinha... tu...

— Papae?...

— Tu, que tens fé, minha filha, vae rezar para que elle volte bom e feliz.

—Assusta-me, papae! Elle está em perigo?

— Talvez não. Mas vae, filha, vae ao camarote, e faze o que te pedi. Devo-lhe muito, a esse nobre moço.

— Vou já, papae. Rezarei á Virgem Santissima com confiança. Logo papae me contará tudo.

E Judith se foi, apprehensiva...

Seu pae, agitado, inquieto, percorria a passos largos o tombadilho, examinando com olhos pesquisadoramente interrogativos todas as embarcações que se aproximavam do grande transatlantico. Consultava o relogio... empunhava ansioso o binoculo... ia de um bordo a outro bordo e... nada! Finalmente, não mais se po-

dendo conter em sua ansiosa impaciencia, que de minuto a minuto crescia e se lhe tornava dolorosa, foi ter com o commandante:

— Quanto tempo ainda aqui nos demoraremos, commandante?

— Estamos na hora da partida — respondeu o capitão Langerhanns — mas foi combinado que, em attenção ao marechal Hermes, cuja familia temos a bordo, esperariamos que levante ferros o *Dreadnought* brasileiro *São Paulo*, em que viaja o Presidente eleito do Brasil. Vae sahir já.

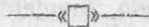
— Pois, commandante, meu amigo, o dr. Antonio da Costa Barros, ainda não regressou a bordo Tendo-o deixado em uma situação um tanto critica, receio por sua vida, e desejaria descer novamente a terra a procural-o e, si preciso fôr, dirigir-me ao consulado de meu paiz.

— Não será elle quem ali chega naquella embarcação? — perguntou o capitão Langerhanns, apontando em direcção á cidade.

— Onde, commandante? Nada vejo...

Mas, os olhos perspicazes e aquilinos do velho lobo do mar não se enganavam. Momentos após, o commendador descobria tambem a embarcação, ainda que não conseguisse perceber si estava ou não nella o seu amigo.

— Por Neptuno! — exclamou o commandante — elle parece que vem ferido!...

——«□»——

IV

Final de uma aventura

Mal se havia fechado a porta do templo, pela qual sahira o commendador, Antonio avançou resoluto para se apoderar da outra carabina e do rewolver que ainda jaziam no chão. Attentos, os tres revolucionarios observavam seus movimentos, mas, conhecendo, pela experiencia de ha pouco, o animo resolvido do brasileiro, e sentindo ameaçadoramente contra elles voltado o fusil de que o joven se apoderára, nada ousaram tentar. Entretanto, os olhos lhes luziam sinistros, o que não escapou á fina observação do doutor. Conservando a arma sempre em mira e bôa disposição, Antonio se abaixou lentamente, para apanhar as outras duas armas e descarregal-as, ou, pelo menos, pôl-as em segurança. Estendia já para ellas a mão esquerda, quando, subitamente, estrugiu proximo um tiro de revolver; a bala roçou-lhe a fronte. Vacillou um momento, um instante rapido, mas que foi o bastante para que se lançassem com violencia sobre elle os tres miseraveis, e mais o quarto, até então es-

condido por detraz do altar. Antonio disparou a arma, que falhou, e sentiu-se immediatamente seguro por quatro pares de mãos. O choque e a surpresa foram violentos, mas o energico brasileiro não cederia facilmente, e estava resolvido a vender caro a vida.

A justa colera duplicava-lhe a força physica, e um, logo outro, dois dos atacantes num apice foram arremessados ao chão com tal impeto, que se magoaram, berrando blasphemias, enfurecidos. O soldado, porém, não o largára de seu pulso forte, e o quarto carbonario, que traiçoeiramente desfechára o rewolver, deu-lhe um golpe nas pernas, embaraçando-lh'as por detraz, o que o fez cahir de chofre.

Pelas amplas abobadas do santuario reboaram gritos satanicos de jubilo. Presas as mãos, ainda num supremo esforço de energia conseguiu o doutor, com terrivel pontapé, derrubar o outro carbonario, mas os dois, que antes haviam cahido e agora se reerguiam mais enraivecidos ainda, atiraram-se sobre o heróe, terminandc por subjugal-o, finalmente.

— Matem este cão! — esbravejou o soldado, fóra de si.

— Pois não, camarada; mas antes havemos de vingar-nos deste gringo do inferno.

Novo pontapé energico do doutor foi a resposta.

— Alto lá, cão damnado! Si não gritas já «Viva a republica!», estripo-te com este punhal, que está doidinho por se te enfiar na pança.

— Viva o Brasil! — bradou Antonio.

— Pois vae-te então para as profundas do...

A lamina brilhou em meio á phrase... Instinctivamente, o doutor cerrou os olhos, esperando o golpe fatal, e...

— Raios os partam! — rompeu colerica a voz de um official que, attrahido pelo rumor da disputa, accorrera, e com braços vigorosos arrancava a nobre victima á sanha canibalesca

dos sanguinarios algozes. — Pois, não estão a vêr que é um estrangeiro?... Então querem vocês crear difficuldades á republica?... Corja de imbecis! Si é criminoso, prendam-n'o p'ra ahi, mas não o matem!

— Sr. tenente — disse, arquejante de cansaço, o doutor — si quer que se prendam criminosos, eil-os, ahi estão! Ou, por acaso, o governo provisorio autorizou aggressões a republicanos que manifestam justa indignação pelas vilezas que presenciam em logares respeitaveis como este?

— Na guerra, como na guerra, senhor! E' realmente estrangeiro?

— Tenho a honra e o orgulho de ser brasileiro, em transito por Lisbôa, com passagem no *Cap Arcona*.

— Pois então, permitta que lhe dê o conselho de regressar quanto antes p'ra bordo. Os animos exaltados...

— Não, sr, tenente, não! Mil vezes não! Eu não irei sinão depois de ter recebido as necessarias satisfações pelo attentado cobarde de que fui victima, e que em nada abona o governo civil de Lisbôa.

— Caramba! — murmurou entre dentes o official — era o que faltava, agora que o marechal Hermes é nosso hospede! — e continuou em voz alta: — O governo provisorio terminantemente prohibiu toda e qualquer hostilidade contra estrangeiros; além disso, não póde elle ser responsavel por todos os desatinos que em tempos anormaes praticam alguns espiritos exaltados. (Os carbonarios murmuravam, descontentes) Si quer, com prazer o acompanharei até a bordo.

— Neste caso, acceito, sr. official — disse Antonio; e sahiram da egreja, entre o resmungar ameaçador dos carbonarios, furiosos por verem arrebatada ás suas garras a victima, cuja morte já tinham tão certa.

Chegados á rua, o doutor, com amabilidade, estreitou nas mãos a dextra do official, confessando-se sinceramente reconhecido pela intervenção salvadora, que tão opportunamente o soccorrera, e accrescentou:

— Não sei si ainda uma vez mais nos veremos, sr. tenente. Em todo caso, si tiver algum dia precisão de um amigo, saiba que tem um no dr. Antonio da Costa Barros, advogado, em Santa Catharina ou no Rio. Aqui tem meu endereço.

— Agradecidissimo, sr. doutor — respondeu com certa effusão o official, retribuindo a gentileza com o offerecimento tambem do seu cartão, em que se lia:

Alfredo Mourão **Tenente do 4. Bat. de Infanteria** *Lisbôa*

De repente, o official viu que o brasileiro empallidecia extraordinariamente.

— V. Excia. está ferido?... A precipitação não me deixou tempo para verifical-o...

— Não é nada — respondeu Antonio, mas logo o desmentiram algumas gotas de sangue, que, com o movimento da cabeça, lhe sahiam da fonte direita, por sob o chapéu. Até então o official não as descobrira, por achar-se collocado á esquerda.

— E' preciso lavar-lhe a ferida já e já. Entremos numa pharmacia.

— Não, senhor. Laval-a-ei a bordo. Não tenho tempo a perder, pois, com certeza, o commandante do paquete não ha de atrazar a viagem para esperar-me.

O official teve de ceder; mas, ao chegar

ao cáes, e antes de embarcar no bote, tomou um pouco de agua em uma fontainha proxima, e, com cuidado carinhoso, lavou a ferida ao companheiro. O ferimento não era grave: o tiro, desfechado de uma distancia de menos de cinco metros, teria prostrado morto o brasileiro, si este, em subito e rapido movimento, não houvesse desviado o corpo.

— Como agradecerei a V. Excia., sr. tenente?!...

— Ora, não fale nisso, sr. doutor; si me quer fazer obsequio, não guarde rancor a este pobre Portugal. Desde muito tempo é a republica meu ideal, mas... já hoje cá estou a vêr que os homens são sempre os mesmos. Envergonho-me de certas scenas e da brutalidade de certos individuos contra victimas indefesas... Receio dias amargos para o meu querido paiz...

— Faço sinceros votos para que se não realizem suas apprehensões dolorosas, tenente, e que o novo regimen traga á sua patria a liberdade e o progresso que dizem não lhe soube dar o antigo.

— Oxalá seja assim!

— Viva a republica! — gritavam buiças em uma lancha, com a qual o bote cruzava. Mas Antonio e o tenente, ainda sob a impressão dolorosa das deprimentes scenas anteriores, não responderam.

O capitão Langerhanns veiu pessoalmente receber ao portaló seu passageiro e o official que o acompanhava. Convidado a subir, o tenente preferiu despedir-se de Antonio no proprio bote, o que fez com uma cordialidade que surprehendeu o commandante. Avisado por este, aproximava-se já o medico de bordo, bonacheirão, verdadeiro typo germanico, que alliava a uma real proficiencia medica um coração extremamente sensivel. Notando a pallidez do brasileiro, conduziu-o incontinenti á pharmacia, onde examinou

o ferimento, tratando-o com verdadeiro cuidado de mãe.

— O senhor teve sorte! — disse-lhe; — estes republicanos... raios os partam!... felizmente não sabem atirar... Foi aggredido na rua?

— Não; tive de defender-me quando, indignado, pela inaudita profanação de uma egreja, apostrophei-os, como canalhas que effectivamente são.

— Apoiado! Então, o senhor é catholico... como se diz?... crente?

— Nasci no catholicismo, sr. doutor; mas os estudos fizeram-me abandonar as praticas religiosas e tornar-me livre pensador.

— Mas, como então o revoltou tanto a profanação de um logar que deixou de lhe ser sagrado?

— Ah! para isso não é preciso ser crente! Basta ser-se homem de bem e respeitar as crenças alheias. De mais a mais, o catholicismo sempre me merecerá alguma sympathia, por ser a religião de minha mãe, que a pratica, que por ella vive, que por ella daria a propria vida...

— Muito bem, meu amigo. Vejo que é homem que se presa e é bom filho. Não conheço o Brasil, mas si todos os brasileiros são como o senhor, não posso deixar de lhes querer bem.

— Obrigado, doutor, obrigado!

— Mas, chega de palestra. O senhor, felizmente, não precisará de mais nada, a não ser de algum descanso. Acompanhal-o-ei ao seu camarote, e depois durma até á hora do jantar, que, si quizer, poderá tomar mesmo na *cabine*.

— Não será necessario, doutor. Antes de mais nada, preciso falar ao commendador Castro, a quem, na volta de terra, apenas rapidamente pude abraçar, e que deve estar afflicto por ter noticias.

— Pois seja; mas fale pouco; deixe os

pormenores para depois de ter descansado um pouco.

— Obedecerei.

A' sahida do compartimento onde se achava installada a pharmacia, eram o medico e o ferido esperados pelo sr. Castro, que, ansiosamente, procurava lêr nas feições do facultativo noticias sobre o estado do amigo.

— Tranquillize-se... Seu amigo não tem nada... Algum descanso das emoções, para evitar consequencias a este leve ferimento na fronte, e poderá desembarcar em busca de novas aventuras...

— Isso não, doutor, mas agradeço-lhe as bôas noticias, e esperarei que o nosso amigo haja descansado.

— Não, sr. commendador — protestou Antonio, com affecto. — Contar-lhe-ei antes, embora rapidamente, o que se passou, e só depois irei cochilar um pouco.

— Acceito; mas só si se sentir bem disposto.

— Perfeitamente bem. Além disso, para meu proprio socego, desejaria saber como o sr. commendador regressou para bordo, si não foi incommodado nas ruas por aquelles fanaticos, si D. Judith não se assustou muito com a demora...

. . . .

Já era tarde quando, emfim, pôde o commendador narrar á filha tudo quanto nas primeiras horas se havia passado. Depois de attenta e commovida ouvir a narração do pae, novamente voltou Judith para seu camarote; desta vez, porém, não para pedir, mas para agradecer com todo o ardente fervor de seu coração bem formado, agradecer do fundo de sua alma á misericordia divina o ter attendido á sua prece... e, mais ainda, ter disposto tudo de maneira que seu pae lhe pedisse orações...

V

Rivaes

Um vapor! — exclamou para a esposa o general argentino, indicando um ponto no horizonte.

— Onde?... Não vejo nada, Carlos.

— Olha, ali... assim... Vês agora?

— Ainda não... Sim, sim... Agora parece-me que vejo... Mas é apenas um pontozinho pequeno e tão longe...

— Deve ser um inglez — affirmou o medico do *Cap Arcona,* avizinhando-se do casal.

— Oh! doutor — respondeu a argentina — como é que o percebe? Eu não o conseguiria descobrir com o melhor dos binoculos.

— Tem razão, minha senhora — respondeu cortezmente o medico — mas é que tambem eu estou tão longe de ter tão cega confiança em meu olhos...

— E então, como...

— Vi, antehontem, que o *Aragon,* da Mala Real Ingleza, sahiu umas dez horas antes do nosso, e como soube que se dirige tambem para o Brasil...

— Ah! isso é outra coisa!

— Pois, eu ponho minhas duvidas de que effectivamente seja o *Aragon* — interveiu o general. — Si fosse elle, teriamos durante todo o tempo conservado a mesma distancia a separar-nos.

— Já viram o vapor? — interrompeu de subito o sr. Hagenbeck, surgindo. O sr. Hagenbeck era filho do conhecido fundador e proprietario do grande jardim zoologico de Hamburgo.

— Vens tarde, meu amigo — com carinhosa ironia respondeu o medico — não falamos nós em outra coisa, já que a monotonia da vida de bordo descobre em qualquer fugitivo e indeciso ponto no horizonte motivo interessante para applicar a attenção.

— Sabem, então, que vapor é?

— Ao certo, não; mas calculo que seja o inglez *Aragon*.

— E acertou. Posso affirmal-o, pois com elle se está communicando o nosso telegraphista de bordo.

O dr. Costa Barros veiu avolumar o grupo, em companhia do commendador e de Judith. Depois de, como os demais, haverem examinado o horizonte, e trocado com os circumstantes algumas idéas sobre o paquete que, ao longe, apenas se indicava por um ponto ligeiro, dispuzeram-se a sentar-se.

As confortaveis cadeiras de braços, alugadas para a travessia do oceano, foram arrastadas umas para o mais proximo possivel das outras, e todos, interessados, aguçavam ouvidos, para não perder uma palavra das narrações do verboso general argentino, prosador exuberante e enthusiasta. Mais de uma hora rapidamente se escoôu, sem que ninguem se apercebesse.

— Chega, agora, de episodios de guerra — observou o general. E, dirigindo-se a Judith, continuou, com o sorriso de um perfeito *gentleman:*

— V. Excia. melhor saberá entreter-nos a

todos, com sua graça encantadora, do que o velho e rude soldado... Conte-nos alguma coisa do que apreciou na Europa, sim?

— Ah! sim, sim, conte-nos, minha querida! — secundou a argentina. — Aprecio tanto as narrações bem feitas.

— Mas... é que eu não sei nada... Sou ainda tão inexperiente! — protestou Judith, enrubecendo.

— Modestia de lado! — insistiu o general. — Veja V. Excia. como todos estão ansiosos por ouvil-a.

— Olhe que eu preferia ir tomar um copo de cerveja — murmurou baixinho Hagenbeck ao ouvido do medico — Quem sabe lá si essa pequerrucha tem geito para narradora...

— E eu não ponho duvida que o tenha e muito — respondeu o facultativo. — Você não conhece os brasileiros. Nós, os allemães, temos o defeito de entender que os outros povos nos são inferiores em tudo.

— Pois não é mesmo assim?

— Não é, mas... psiu!... Parece que vae ella satisfazer ao desejo do general.

Effectivamente Judith, não se querendo fazer de rogada, resolveu ceder diante das instancias dos passageiros e, não tendo presente outra impressão que mais a houvesse tocado, expôz, com admiravel naturalidade, a vibrante emoção que della se apoderára ao assistir a Paixão de Oberammergau.

O medico, o general, sua esposa, o proprio Hagenbeck em pouco sentiram-se como que arrabatados pela inimitavel graça e pelo colorido espontaneo da phrase, com que Judith fazia sua narrativa. O dr. Costa Barros não podia desprender della os olhos.

Em simples toilette de casa, uma leve touca de lan branca nos bastos cabellos negros, os olhos como que a sonharem, reflectindo-se-lhe no lindo rosto as puras emoções da al-

ma, a joven brasileira encantava a todos, deixando os ouvintes em verdade empolgados de sua palavra quente e magica. Quando evocou á mente dos passageiros a scena horrorosa da crucificação, as lacerantes angustias que pungiam o coração da Mãe divina, dôres atrozes que parecia sentir ella mesma, a argentina não se pôde mais conter. Erguendo-se num impeto, abriu-lhe os braços, estreitou-a ao peito e beijou-a com effusão. O general felicitou-a vivamente e deu um largo e enthusiastico abraço ao commendador, que sorria desvanecido.

— Confesso-me arrependido de não ter ido tambem a Oberammergau.

— Não é para menos. Eu mesmo confesso que o espectaculo me impressionou vivamente. Minha filha não exaggerou circumstancia alguma.

— Ah! papae, bem poderia completar o que eu disse!

— Completar? Como? — exclamou a esposa do general.

— Poucos dias após termos deixado Oberammergau, meu pae viu uma das scenas da Paixão reproduzida, não no palco, mas na vida real.

— Esta, agora! — exclamou Hagenbeck — mas isso é impossivel!

— Não é verdade, papae?

— Minha filha quer referir-se a um episodio a que assisti em Lisbôa, e que, com effeito, se assemelhou á subida de Christo ao Calvario, com a cruz ás costas.

— Mas... que coisa foi? — interrompeu Hagenbeck.

— Nada de extraordinario, pelo menos aos olhos da grande multidão. A scena da subida de Christo ao Calvario não pôde deixar de ser evocada em minha imaginação, quando assisti á passagem dolorosa de pobres frades presos e insultados e apedrejados pelos carbonarios, com um furor analogo ao dos judeus contra Christo.

— Ah! mas tratava-se apenas de uns jesuitas! — disse Hagenbeck em ar de despreso.

— Jesuitas?... Póde ser que fossem jesuitas. De catholico eu não tenho muito mais que o nome; porém, mesmo assim, o jesuita não deixa de ser para mim o mesmo cavalheiro digno de consideração e com direito á estima dos outros, emquanto se não provar que é dellas indigno.

— Não quiz offendel-o, sr. commendador, mas, afinal, isso de jesuitas irrita-me os nervos.

— Demais, eu soube que não se tratava apenas de jesuitas, mas tambem de outros religiosos, que eram da mesma fórma cobardemente maltratados, até senhoras distinctissimas, brutalmente injuriadas pela plebe, com os applausos dos governantes da revolução.

— Quem poderá affirmar que ellas, effectivamente, eram merecedoras de respeito?

— Oh! sr. Hagenbeck! Tive occasião, ha pouco, de observar, no salão de palestra, a extrema gentileza com que o senhor cedeu o logar a algumas senhoras que, não muito tempo depois, disse-me absolutamente não conhecer; estou certissimo que não procederia de outra fórma no trem, no bonde, em qualquer parte...

— Simples dever de cavalheiro...

— Certamente, mas esse simples dever de cavalheirismo foi lamentavelmente esquecido em Lisbôa. Olhe, até senhoras, na verdade religiosas, sim, mas que, por isso, não deixaram de ser senhoras, com direito á mesma rigorosa consideração e respeito, foram presas e guardadas pela soldadesca da mais infima classe, na mesma sala, sem que lhes fosse dada permissão nem siquer por um momento para, ao menos, lavarem-se e fazerem sua *toilette*.

— Isso é forte! — exclamou o general, emquanto o medico deixou escapar uma praga violenta, em allemão legitimo e rude.

Nesse momento ouviu-se um toque alegre

de clarim, que vibrava do passadiço, dando o primeiro signal para o almoço. Levantaram-se todos, e, dispondo-se a descer ao camarote para preparar-se, a esposa do general exclamou:

— Olhem o vapor! Já se vê mais distinctamente.

— De facto — disse o dr. Costa Barros — ou está agora a atmosphera mais clara, ou o *Aragon* já se acha mais proximo.

— Quem sabe si não o vamos alcançar dentro em pouco? — observou Hagenbeck.

— Não será facil — respondeu o medico — elle tem a mesma força de machinas, e o inglez fará tudo para não ser vencido pelo allemão.

— E bem maior seria a victoria deste, si vencesse — disse o general. — Mas, vamos. As senhoras já desceram.

Hagenbeck não pôde deixar de murmurar ao ouvido do medico:

— Temos mais um jesuita a bordo, doutor.

— Mais um jesuita? Que quer dizer?

— Ora, além do frade que embarcou em Hamburgo, ha esse commendador brasileiro, que é uma especie de jesuita de casaca.

— Deixe-se de historias! Em primeiro logar, o frade é tanto jesuita como nós dois, pois que é franciscano; depois, o commendador nem siquer é catholico praticante,

— Não percebo patavina dessas distincções todas; mas o doutor ha de vêr: a pequena do brasileiro chega a ser fanatica...

— Lérias, meu velho! Vamos preparar-nos para o almoço.

— Vamos.

A refeição passou sem novidade. Os allemães a bordo deram cabo de fortes baterias de garrafas de cerveja, para «se aquecerem», como diziam no tempo frio, da mesma maneira como achavam optimo o remedio universal para refrescal-os no calor.

— Desejaria assistir amanhan á missa, papae. Faz-me o favor de perguntar ao franciscano a que hora celebrará?

— Pois, então ha missa a bordo? — interrogou estupefacto o commendador — Ainda não percebi nada.

— Nem eu tampouco — secundou Antonio.

— E' que se levantam tarde. Todos os dias celebra-se a missa no salão; eu mesma cheguei tarde para assistir; mas amanhan a missa é de obrigação.

— Qual obrigação, qual nada! — murmurou o commendador.

— Si não quizer perguntar, papae, perguntarei eu mesma.

— Si V. Excia. permitte, D. Judith, prestar-lhe-ei eu mesmo esse pequeno serviço, e da melhor vontade — disse o doutor.

— E' favor, e desde já obrigadissima.

— Oh! não por isso, minha senhora.

Logo após o almoço, o dr. Costa Barros, que até então não havia trocado a menor palavra com o franciscano, a não ser em resposta ao cumprimento que lhe dirigira, foi em procura do religioso.

— Com licença, uma pergunta, reverendo.

— Pois não! Inteiramente ás ordens, senhor.

— A filha do meu amigo desejaria saber a hora da missa, amanhan.

— Começará ás 9 1/2 em ponto, no salão.

— Agradecido, reverendo. Ella ficará satisfeita de assim cumprir uma obrigação propria de seu sexo.

— Ah! uma novidade para mim, senhor... si me permitte, com quem tenho a honra de falar?

— Antonio da Costa Barros, doutor em direito.

— E eu, Frei Estevam, da Ordem de São

Francisco... Pois, o doutor realmente me traz uma novidade que me interessa...

— De que a moça é piedosa?

— Não; isso absolutamente não me surprehende; mas de que a pratica da religião é obrigação só para o sexo feminino.

— Modos de vêr, sr. Padre. Eu não desconheço a conveniencia do sentimento religioso na mulher; mas o homem, de organização physica tão differente, talhado e apparelhado para as grandes lutas da vida e das conquistas scientificas, é chamado a outro... como dizer?... tem outra vocação, deve mesmo libertar-se de... perdôe a franqueza!... de preconceitos religiosos.

— De preconceitos... concordo, doutor; mas si, em nosso caso, se trata de algum preconceito, perdôe-me igualmente a franqueza, nem mesmo na mulher deverá o homem admittil-o. Si é razoavel a pratica da religião, como de facto é, deve sel-o para ambos os sexos; si, porém, não passa de preconceito, para nenhum dos dois serve.

— O reverendo põe-me diante da alternativa...

— Pois, não! Uma coisa exclue a outra, e o senhor, que é doutor em direito, será o ultimo a sustentar que possam ser verdade ambas a um tempo.

— No entretanto, essa opinião vae de encontro ao que eu li nas *Mentiras Convencionaes*, de Max Nordau, e mesmo a muitas coisas que tenho ouvido de verdadeiros homens de sciencia.

— Póde bem ser; mas, mesmo assim, apenas um dos dois póde ter razão, e eu ficaria muito agradecido ao doutor si me convencesse de que, até hoje, tenho laborado em erro.

— Interessa-me o problema, reverendo, ainda que lhe receie certas consequencias. Francamente, muitas vezes julguei que os padres não prégassem sinão por dever de officio.

— Mas é mesmo por officio! Isso, porém, não quer dizer não seja tambem por convicção. Si esta me faltasse, é indubitavel que eu não continuaria a prégar nem a...

— Victoria! — estrugiu vibrante a voz enthusiastica de Hagenbeck, que appareceu correndo, rubro de jubilo — Victoria! Venceremos o *Aragon*! Viva a Allemanha!

— De facto, a distancia diminuiu — affirmou o medico, igualmente jubiloso, como quasi todos os demais passageiros, para os quaes o singular duello, a corrida entre os dois grandes transatlanticos, em pleno oceano, fornecia agradavel diversão para suavizar a monotonia da viagem.

Os proprios argentinos, uma familia franceza, outros passageiros, eram sympathicos ao *Cap Arcona*, para cuja optima disposição e direcção não encontravam bastantes expressões de elogio.

— Até ás 5 horas da tarde — disse o dr. Costa Barros — parece que o poderemos alcançar, desde que prosigam ambos na mesma marcha.

— Então, ainda umas 4 horas — accrescentou a argentina.

O assumpto tornou-se a preoccupação geral em todas as palestras de bordo. Convencidos agora de que o paquete allemão venceria na carreira o inglez, faziam apostas sobre quem acertaria em relação á hora em que o triumpho se havia de dar.

Como aos passageiros, tambem á maruja não passára despercebida a luta entre os dois grandes transatlanticos, e até mesmo pareciam os marinheiros mais enthusiastas e interessados na victoria do navio que tripulavam. Com extraordinaria presteza corriam a dar execução immediata ás ordens que successivamente recebiam, como si por esta fórma podessem accelerar a marcha do *Cap Arcona*. Os officiaes sorriam: a victoria de seu navio, que, ao mesmo tempo,

consistia na da industria dos estaleiros de sua patria contra os da sua orgulhosa rival britannica, não era nem lhes podia ser indifferente. O commandante Langerhanns, ainda mais jovial e expansivo que de costume, percorria prazenteiro os grupos que aqui e ali, espalhados pelo convés, pelos salões e *fumoirs*, trocando amaveis palavras com todos os que encontrava.

Passaram-se assim mais tres horas, que pareciam longas, extremamente longas, para a impaciencia geral. O paquete inglez, ao violento esforço de suas machinas possantes, ia ainda longe, embora já consideravelmente estivesse reduzida a distancia que separava os dois rivaes, a ponto de se distinguirem já alguns pormenores de seu bordo. Os passageiros commentavam-n'os.

Mais meia hora escoôu... lenta... lenta e ansiosa... Pouco mais, e ia ser alcançado...

De repente, o *Cap Arcona* muda um pouco de rumo, aproximando-se mais do *Aragon*. Que pretenderia o capitão Langerhanns com essa manobra inesperada?... O sol, descendo no horizonte, dentro em pouco ia occultar-se além do amplissimo lençol liquido... Seria o inglez alcançado antes da noite?...

Dez minutos passam ainda... outros dez... Subito, novo alvoroço no meio dos passageiros: a banda de musica de bordo sóbe ao tombadilho, com os metaes reluzindo aos derradeiros raios obliquos do sol. Um *viva!* estrondoso recebe os musicos, que se collocam proximo ao corrimão.

A bordo do *Aragon* tambem já claramente se delineiam as silhuetas de seus passageiros, do mesmo modo agglomerados no tombadilho.

Mais um pequeno movimento na roda do leme, e o *Cap Arcona*, aproximando-se o mais possivel do paquete inglez, vae passar-lhe pertinho... Como são demasiadamente morosos os minutos!... Faltarão muitos ainda?... Tres?... Dois?... Só um?...

A batuta do mestre da banda dá o signal, e, em meio aos *vivas* e *hurrahs* de um enthusiasmo electrizante, a fanfarra de bordo faz solemnemente vibrar os accordes do hymno nacional da Allemanha, cujas notas patrioticas são acompanhadas em alta voz por todos os allemães de bordo.

Ao longe, quasi a beijar a fimbria do horizonte, vae morrer o disco enorme do sol poente, que envia seus derradeiros raios numa aureola de ouro, como uma apotheóse fulgurante ao quadro commovedor.

Hagenbeck — e notava-se, por signal, que tinha a voz um tanto rouca — reforçava o côro geral, com todo o vigor de que é capaz um bom hamburguez legitimo. Volta-se de repente, e pasma: a seu lado percebia o escuro burel do pobre franciscano e, estupefacto, observou que tambem o frade cantava o glorioso hymno allemão!

— Pois, o senhor... o senhor... a cantrar?! — dirigiu-se elle, pasmado, ao *jesuita*, a quem, antes, nem uma só vez se animára ou se dignára a dirigir a palavra.

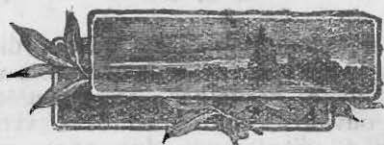
— E por que não, senhor? Canto, e affirmo-lhe que do intimo d'alma.

— Mas, o senhor...

— Tem razão: eu hoje sou cidadão brasileiro. Mas é que nasci na Allemanha, lá me ficaram os que mais caros me são no mundo...

«Deutschland, Deutschland über alles,
Über alles in der Welt!»

continuou vigorosa a entoar a voz do franciscano, e Hagenbeck, que percebera uma lagrima furtiva a brilhar nos olhos do frade — saudade, quem sabe? do carinhoso lar que lhe ficára tão longe! — não se pôde conter:

— Caramba! Parece que *tambem elles* têm alma!...

VI

Salve! Terra de Santa Cruz!

Imaginem: uma hora, uma formidavel hora inteira já havia que o antigo senador Coelho vociferava improperios e invectivava céu e terra, arengando no famoso *meeting* anticlerical annunciado pelas gazetas do dia. O Largo de São Francisco regorgitava, e não era de admirar: aonde, de qualquer especie, ha uma novidade, que se previne de antemão ser escandalosa e rubra, o povo sempre afflue, curioso e tumultuante. Parece que um prurido irresistivel arrasta as grandes massas populares para esses espectaculos da exhibição pantomineira da verborrhagia demolidora de certos tribunos de fancaria, e é vêr correr em ondas a multidão para apreciar-lhes os esgares e os commentarios, nem sempre lisonjeiros á pessôa do meetingueiro, ás mais das vezes maltratado pela ironia ferina, mas justiceiramente implacavel e feroz, dos que elles pensam ali estão para embevecer-se na belleza, que julgam deslumbrante, de seus trópos oratorios...

Pobres oradores de rua, sem ideal nobre

nem echo na alma popular! Quando, diante daquella massa humana, que os escuta a rir e, ás vezes, mesmo a gargalhar, acreditam que são olhados e ouvidos como oraculos e verdadeiros conductores e orientadores do povo — o povo diverte-se á custa delles e apenas corre a aprecial-os como a palhaços de feira gratuita!...

Como nos circos de cavallinhos, nos theatros de burla e arte barata, e nas casas de *schopps* e cançonetas de infima classe, onde a falta de pudor só é igualada pela ausencia de qualquer resquicio de arte; como nessas platéas inferiores acontece, quando o figurante sem voz nem graça desafina, assim sóe acontecer em certos *meetings* anticlericaes: o orador sacóde truculentamente a juba desgrenhada de suor, berra suas apostrophes, que julga energicas porque são violentas e grosseiras, e a multidão, num entrechocar de risos, de commentarios e de *bravos*, faz uma algazarra tremenda, que o misero tribuno risonhamente agradece, como si fôra uma ovação enthusiastica. De facto é vaia, é vaia chocarreira e folgazan, vaia de quem apupa sem zanga, porque o logro não lhe custou ceitil, mas vaia, assuada, legitima e vibrante, tal como dos antros das betesgas mal illuminadas irrompem ás vezes num falso estrugir de palmas, que abafam a voz esganiçada da cantadeira de garganta avinhada e olhos e sorrisos estupidos, agradecida á *homenagem*.

O famigerado Coelho vibrava. O popular arengador estava num de seus dias.

— O *home* está *brabo!* — opinou um carroceiro a um engraxador de botas.

— Cala esta bocca, estupido! Elle tem razão.

— Cala a bocca tu, pedaço d'as... Não se pôde ouvir o resto da expressão injuriosa: a multidão berrava ensurdecedores *vivas!* que, num criterio rigorosamente democratico, abafava, num mesmo estrondear de berros e graçolas, as vozes

asperas do engraxador e do carroceiro, e o vozeirão truculento do tribuno, suado de... enthusiasmo. Mas o Coelho, que corria pela *assembléa* o olhar furibundo, agitando á sinistra uma grande e luzente cartola, que o longo exercicio tribunicio arripiára ás abas, e passando pela fronte e pelas melênas agrisalhadas da cabelleira leonina um grande lenço apardalhado de poeira e suor, limitava-se a curvar-se mesureiro uma, duas vezes, até que, impaciente, reclamou silencio.

Ainda não tinha acabado!!!

— A constituição! senhores!... A constituição!... O divino pacto fundamental da republica, não admitte que ás plagas de nosso nobre e livre paiz aporte a corja de miseraveis frades, corridos a pontapés de todos os paizes civilizados da Europa...

A voz do Coelho estridulava, agora, aguda, daqui em pouco ribombante, sempre enraivecida, alto, a embasbacar, pela força dos pulmões, os attonitos carregadores que o admiravam, de olhos arregalados.

— A constituição, violada por altos politicos, carolas e idiotas que, em pleno seculo das luzes affrontam a nação, assistindo a exequias!... a constituição brada vingança! vingança terrivel!...

A voz do Coelho attingia o pathetico.

— Que te leve a peste! — voltou a resmungar, praguejando, o carroceiro — era melhor que me arranjasses a vida mais barata ou então freguezes que me fizessem ganhar para ella!

— Cala esta bocca, animal! — intimou o engraxate, emquanto o Coelho, com o suor a escorrer-lhe pelas faces congestas, agitando furiosamente a cartola luzidia, tentava proseguir, cravando os olhos numa exotica figura feminina, que tambem, de olhos esbraseados, contemplava o orador. Percebia-se perfeitamente que aquellas duas creaturas comprehendiam-se, completavam-se;

elle, audaz e demolidor, tonitroante e forte, dardejando raios com o verbo inflammado, contra a Egreja, contra os padres, contra a religião, contra as «miseraveis crendices e superstições pueris dos ignorantes, explorados pela fradalhada estrangeira»; — ella, sumida em sua pequena estatura, ainda mais morena na sombra do vestido preto, sem elegancia nem talhe; uma figura de sombra, mas sombra ameaçadora, quasi viril, desdenhosa dos atavios externos, que são a preoccupação de seu sexo; tambem aquella senhora parecia querer desprender-se de suas qualidades intimas, quasi maçonizando-se na unica idéa de odio anticlerical, apenas desviado ás vezes para a carnavalesca exhibição de meia duzia de apinagés domesticados, que apresentava pelas principaes ruas da cidade, no escandalo de suas longas cabelleiras lustrosas e lisas, sobre as costas de cachemira dos casacos mal talhados e mal postos aos pobres indios...

Ainda agora mesmo ali estavam os apinagés, de olhos arregalados, ao lado da *professora*, olhando ora o orador esbravejante, ora aquella multidão tumultuante e ruidosa...

O Coelho, cada vez mais agitado, tentava proseguir na sua arenga:

— A constituição! — berrava elle pela centesima vez... Mas não pôde continuar. Um grupo de individuos mal encarados invadira a praça, unindo-se ao dos que mais de perto cercavam o orador, e aos apinagés atrapalhados, e um vozerio ensurdecedor explodiu, violento, intercalado de *vivas!* e *morras!* em todos os tons. Num dado momento, os recem-chegados lançaram então ao ar, a plenos pulmões, o clamor revolucionario:

Ás freiras da Ajuda! Morram as freiras!

Num redemoinhar vertiginoso, o grande poviléo se desconjuntou todo, desennovelou-se num torvelinho, ondulando, berrando sempre, e formou logo uma turbulenta corrente de manifes-

tantes furiosos, que enveredou pela travessa de São Francisco, até á Rua 7 de Setembro. Ahi, o magote se dividiu em duas columnas gritadoras, uma pela travessa Flora, outra pela Rua 7 de Setembro, donde virou pela Uruguayana, sempre aos berros, até de novo se reunirem todos no largo da Carioca. Algumas casas de commercio, cautelosas, fechavam as portas, diante daquella multidão em furia. Em algumas sacadas assomavam caras curiosas, algumas já pallidas, imaginando uma revolução, a espreitar a longa serpente humana da multidão, que colleava em direitura do convento da Ajuda, dobrava por defronte do palacio da Imprensa Nacional, depois destruido por um incendio, e atirava-se, revolucionaria, para a sumptuosa Avenida Central, em cujo extremo, esquina da rua do Passeio, e fazendo face para o celebre palacio Monróe, erguia-se o vasto casarão do historico convento da Ajuda.

A guarda civil era impotente para conter os mais exaltados e pediu reforços. Emquanto não chegavam estes, as pedradas brutaes arremessaram-se contra os vetustos paredões do claustro, felizmente pouco numerosas, porque são raros os calháus naquellas immediações.

— Morram as freiras! — berravam alguns mais loucos, desfechando *valentemente* seus rewolvers contra as grossas muralhas silenciosas do mosteiro. Com pesados cacetes e bengalas martellavam fragorosamente nas portas largas da entrada, enchendo de terror as miseras religiosas ali recolhidas em recato e oração, e que se sentiam ameaçadas por todo aquelle grande grupo desvairado de anticlericaes em delirio.

Os passageiros dos bondes electricos repletos revoltavam-se diante da inaudita scena de selvageria cobarde, e alguns protestavam, sem temer as ameaças dos arruaceiros mais proxiximos. Parecia que ia travar-se então um medonho conflicto entre os desordeiros guiados e açulados pelo tribuno Coelho e a parte sensata

do povo, que se indignava com a brutalidade da aggressão planejada contra senhoras indefesas, quando, felizmente, surgiram os cavallarianos da policia. O asphalto da Avenida resoava sob as patas dos animaes em galope precipitado, e os soldados avançaram rapidos para dispersar os turbulentos manifestantes...

Justamente a essa hora, o gigantesco *Cap Arcona* deixava a amplidão formidavel dos infinitos horizontes do Oceano Atlantico, e rompia a entrada da barra, deixando á esquerda o ainda mais gigantesco rochedo do Pão d'Assucar, a eterna sentinella vigilante da maior e mais bella bahia do mundo, para lançar ancora quasi em frente ao novo Mercado da cidade.

O espectaculo que aos olhos dos estrangeiros recem-chegados apresentava a bahia de Guanabara era admiravel de pittoresco.

As leves, apesar de bojudas, barcas da Cantareira, cruzavam-se, atopetadas de passageiros, na azafama de seu serviço de communicações entre a capital do Estado do Rio e a capital da Republica, por sobre as aguas rebrilhantes de myriadas de fulgurações reflectidas do sol. Botes minusculos, movidos a electricidade, lanchas a vapor ou a gazolina, rebocadores pesadões e lêrdos, movendo-se como que numa scena de magia, uns lentos, outros vertiginosos de açodamento, outros ainda, ora apressados, ora numa especie de somnolencia, parencendo condensar toda a energia no atrôamento estridente das sirenas e quasi soturno dos rugidos roucos das valvulas abertas, em meio aos novellos torvelinhantes das negras ondas de fumo que lhes escapavam dos tubos encarvoados das chaminés, todo esse scenario phantastico de mil pequeninas embarcações celeres, a correrem pela superficie encarneirada das aguas, e, ao alto, o sol a dardejar glorioso os seus raios de ouro em catadupas, polvilhando o ar de uma especie de pequeninas borboletas luminosas, quasi uma pul-

verização de sóes, que davam irradiações estranhas ás gaivotas aligeras, a mergulharem, de quando em quando, nas aguas, em busca do alimento predilecto.

Era a vida, a vida intensa e febril, que ali em plena bahia vibrava, com a mesma intensidade de febre com que se desenvolvia nas amplas avenidas e nas movimentadas arterias da grande capital.

Um possante couraçado inglez, um esbelto cruzador allemão, dois vasos de guerra italianos, todos em contraste com o ambiente movimentado, silenciosos e graves, completavam o quadro surprehendente.

Fascinados diante de belleza tão admiravel, sentindo o sangue que lhes corria mais impetuoso nas veias, fazendo-lhes bater mais apressadas as pulsações, os brasileiros, que viajavam no *Cap Arcona,* aspiravam a largos haustos as brisas cariciosas que sentiam virem balsamicas e reconfortantes da patria amada.

Lançada a ancora da prôa, requintou-se em quasi formigamento o atropelo em volta ao transatlantico. Os catraeiros, equilibrando-se com prodigios de acrobacia, de pé, sobre as banquetas de seus barcos oscillantes, invectivando-se ás vezes violentamente, quasi abriam conflicto, ansiosos cada qual por mais se aproximar da escadilha do portaló, por onde desceriam os passageiros, logo que o medico da Saude do Porto e o representante da Policia franqueassem o navio.

Aqui e ali um choque brutal entre dois botes, palavrões asperos que se cruzavam entre os maritimos, como punhaes arremessados, e logo a seguir momentaneo silencio, immediatamente rompido dali ou daqui:

— O' patrão! a *Flôr da Esperança!* — A *Gaivota!* — *Joanna Maria!* — Em cinco minutos no cáes! — Raios te partam, que me arrebentas o remo! — Não m'o puzesses a entravar! — Abre! Ali tenho passageiro! — O' patrãozinho,

já lá vae a *Lucia!* — Afasta! — Ora, recua o teu, si pódes...

— Papae! — exclamou repentinamente Judith — ali vem mamãe!... e Dulce... olha... e Carlinhos... Mamãe!... oh! mamãe!...

De uma lancha elegante, evidentemente da Alfandega, responderam alvorotados e joviaes ás exclamações da joven, emquanto o dr. Costa Barros, que não tinha quem o esperasse no Rio, se sentia profundamente emocionado diante das scenas effusivas de ternura e alegria que presenciava nesse bello quadro de reencontro.

Com difficuldade a familia do commendador conseguiu desvencilhar-se da confusão dos barcos, e fazer aproximar sufficientemente a lancha da pequena escada levadiça. Subiram-n'a num átimo, e precipitaram-se todos nos braços de Judith e do commendador, que já os aguardavam tremulos de impaciencia. As lagrimas, abençoadas lagrimas de alegria, brotavam dos olhos commovidos, sem que nessa effusão vibrante de amor e carinhoso jubilo, que fremia em quasi convulsivos abraços e beijos, fizessem mossa os curiosos olhares, talvez indiscretos, dos demais passageiros indifferentes...

E mil perguntas a um mesmo tempo... E risos... Novas lagrimas jubilosas... Mais perguntinhas insistentes... exclamações... avisos... novos abraços, novos beijos... Evidentemente, era aquella uma familia abençoada!...

Passados os primeiros transportes, o commendador Marcos partiu em busca de seu recente amigo, dr. Costa Barros, e trouxe-o a apresentar á familia. Fosse pela satisfação de que se achavam todos possuidos, fosse porque a figura gentil do joven advogado logo captivasse todas as sympathias, o acolhimento foi cordialissimo, da mesma fórma por que retribuidos os cumprimentos.

— Olhe, minha mulher, queira muito bem

aqui ao doutor. Em situação bem critica, elle me salvou a vida!

— Estiveste em perigo? Meu Deus do céu! Mas como foi isso?...

— Estive. Depois contarei como foi. Mas agradeçam-lhe a elle o estar eu aqui entre vocês.

— Oh! sr. commendador! Não continúe a confundir-me desta maneira! — interpôz o dr. Costa Barros, com sincera e cortez modestia. — Eu absolutamente nada fiz que...

D Sinhá, como na intimidade chamavam em casa á senhora do commendador, não deixou que o joven terminasse a phrase. Com ambas as mãos, tomou-lhe agradecidamente a dextra, apertou-lh'a com a exuberancia gratissima de todo o fervor que lhe inspirava o coração sensibilizado. Si essa manifestação de amizade e gratidão enchia de confusão o coração do joven advogado, ainda mais se sentiu elle preso de indescriptivel enleio quando viu fixos nos seus os grandes olhos profundos e negros da moça... olhos largos e doces, e eloquentes, que tão bem sabiam falar, e que ali estavam agora falando tão bem!...

Agradecendo, não se distinguiu o doutor no espirito. A commoção embargava-lhe a voz... balbuciava com um collegial, e optimo lhe foi que Carlinhos, com a natural travessura de seus 12 annos, tivesse a idéa de embarafustar á cata de descobertas, Colombo minusculo, e corajosamente se embrenhasse pelo mundo desconhecido dos tombadilhos e corredores do *Cap Arcona*...

. . . .

Uma hora depois, atracava ao cáes do Pharoux a lancha que conduzia o commendador Marcos de Castro, sua familia rejubilante de alegria e o dr. Costa Barros, que se não podera escusar ao convite para acompanhal-os. Marcos suprehendeu-se um pouco ao deparar-se-lhe ta-

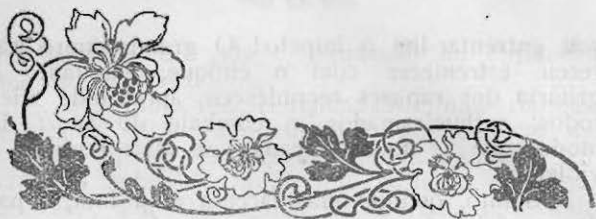
manha affluencia ao cáes, e de certa ansiedade que em todos os rostos se estampava.

— Ha aqui muita exaltação de animos contra os religiosos expulsos de Portugal — respondeu D. Sinhá á interrogação muda de seu esposo. — Todos os conventos na cidade estão guardados pela policia.

— Papae — interrompeu Judith, num murmurio — ali vae no bonde o franciscano que veiu comnosco a bordo.

— Sim, vejo... Mas quantas precauções para garantir-se uma pessôa se fazem agora necessarias neste nosso Rio, tão pacato!...

E, de facto, era para surprehender. Mal o frade, conseguindo livrar-se da onda irreverente dos curiosos, que lhe estorvavam o caminho, aos coxixos de «um expulso de Portugal!», conseguiu, pelo estribo, subir a um bonde e assentava-se em seu logar, uma quasi legião de guardas civis e policiaes occuparam incontinenti os outros bancos, para protegel-o.

E o *tramway* partiu... seguido, á distancia, pelo automovel em que se fazia conduzir o proprio chefe de policia!...

VII

Em casa do commendador

a um barulho ensurdecedor no grande pateo do collegio dos jesuitas, á rua de São Clemente. Pudessem elles falar, e como resmungariam zangados os altos muros que o cercavam, nas horas barulhentas do recreio, admirados da paciencia dos padres, que os muros interpretavam como uma especie de negligencia e perigoso *laissez-faire*. Com rapazes, só o rigor quadra bem, e até bem proprio é castigal-os a páu — diriam os altos muros, si pudessem falar...

Mas esses padres!...

Effectivamente, tiveram os muros mais de uma vez motivos de queixa, e então agora, que o Nhéco, admirado por todos os alumnos da 2ª divisão, por sua robustez e força, com vigoroso pontapé atirára a grande bola com velocidade tão vertiginosa contra a ala esquerda do edificio que nenhum dos jogadores de *foot-ball* ou-

sou enfrentar-lhe o impeto! O grande muro pareceu estremecer com o choque, emquanto a gritaria dos rapazes recrudesceu, apreciando elles todos, enthusiasmados, o combate do *sport* da moda, que se tornava cada vez mais renhido e violento.

Subito, quando mais accesa ia a luta, o padre prefeito fez com a mão um leve gesto, e, instantaneamente, tudo parou; até o proprio Nhéco não ousou terminar o movimento iniciado com o pé contra a bola, que ia novamente arremessar a romper o *goal* adversario.

Esses jesuitas sabem fazer-se obedecidos! O paredão, que ainda ha pouco, si pudesse, teria resmungado raivoso contra os padres, agora desejaria falar, mas para fazer justiça ao padre prefeito, que lentamente seguia os rapazes para a sala de estudo.

Carlinhos não entrou. Sendo esse o segundo dia do regresso do pae e da irman, depois de tão longa ausencia, obtivera licença para retirar-se do collegio logo após o recreio. Deixando o pateo, dirigiu-se rapido até á esquina proxima, onde tomou o electrico; dez minutos depois, transpunha o portão do elegante palacete que seu pae fizera construir em Botafogo, onde agora se ouvia, enchendo-o de uma alegria confortadora, a vozinha delicada e ao mesmo tempo eloquente de Judith, que continuava a narrar á mãe e á irman as impressões que sentira e as novidades que observára em Paris, em Bruxellas, em Wiesbaden, no Rheno... peripecias da viagem... a série dos mil nadas que parecem todos interessantissimos, quando ouvidos de labios queridos, que tão longamente se haviam conservado ausentes.

As duas attentas ouvintes eram insaciaveis. Tudo lhes parecia de uma importancia excepcional. Não se fatigavam de contemplar, embevecidas, as feições lindas e queridas da irman, ausente 5 longos mezes, oh! 5 seculos!... e que

animavam-se de vida e expressão no enthusiasmo da narrativa.

A senhora do commendador não recebera a mesma aprimorada educação que soubera dar a suas filhas, que haviam applicadamente cursado as aulas do importante collegio de N. D. de Sion, em Petropolis. Si, porém, não tinha aquelles brilhos que a educação e instrucção esmeradas sóem emprestar ao espirito das senhoras, tinha ella, como compensação mil vezes vantajosa, uma extrema e extraordinaria bondade de coração, que não media sacrificios, desde que qualquer delles resultasse em bem dos filhos, que desveladamente amava.

— Ah! mamãe, si tivesses ido comnosco, e tivesses visto tudo o que vi!...

— Tu bem sabes, filhinha, que me não faltou vontade de ir com vocês; mas, com a molestia de Carlinhos, era impossivel.

— Sei; mas foi pena. Si ao menos papae não tivesse sido obrigado a fazer a viagem justamente quando Carlinhos entrava em convalescença!... Teriamos ido todos, não era tão bom, Dulce?

— Oh! si era! Mas eu não podia deixar mamãe sózinha com Carlinhos...

— Ah! sei que tenho que agradecer-te, Dulce! Eras tu que tinhas direito de ir com papae, porque és a mais velha, e, no entanto, preferiste ficar para que eu fosse, porque sabias que desejo ardente eu tinha de conhecer a Europa.

— Ora, Judith! Fiquei de muito bôa vontade. Não estavam sempre commigo a bôa mamãe e Carlinhos?

Judith não respondeu. Bem sabia que a irman tambem desejaria ter ido, mas que renunciára a viagem á Europa, por saber quanto a mais nova ardia em desejos por ir. A moça, agradecida, e sem uma palvara, ergueu-se e, com uma meiguice infinita, enlaçando carinhosamente

o busto da irman com o braço esquerdo, com o direito voltou-lhe a cabecinha formosa e pousou-lhe na testa um franco e gratissimo beijo fraternal.

Foi nessa occasião que entrou Carlinhos, que logo, jubiloso, se atirou para Judith, abraçando-a com effusão, em que se revelava quanto saudosa para o menino tambem fôra a ausencia da *maninha*.

— Conta-me tambem a mim como aos outros, Judith!

— Mas, contar o que, Carlinhos? Já disse quasi tudo!

— E', contou tudo emquanto eu tive de ir aborrecido para o collegio! — queixou-se o rapazelho.

— Aborrecido? — riu Dulce — Tu que não páras nunca em casa com o tal *foot-ball*...

— Isso é outra coisa; o collegio não é máu; o que prejudica são as lições e os estudos... O recreio é esplendido... Sabe? — completou, inflando o peito, orgulhoso — o Nhéco disse hoje que, depois delle, era eu o melhor *foot-baller* do collegio!

— Ora veja! Grande honra, não ha duvida! Aposto que isso te agradou mais que uma bôa nota em aula!

— Naturalmente!... Por que te ris?... As moças não percebem disto.

— Não; mas o que percebo é que na tal luta de bolas sahiste mal ferido: faltam dois botões á blusa, e... mas, vejam só!... que rasgão enorme na manga!

— Isso não é possivel evitar.

— Vá dizer á Philomena que cosa isto — interveiu severamente a velha senhora.

— Philomena não póde, mamãe; está na cozinha.

— Está bem, — disse Dulce — vou coser eu mesma.

— Não vale a pena — repontou o peque-

no. — Ninguem repara! Quero ouvir Judith contar a viagem!

— Não, Carlinhos — insistiu Dulce com serena autoridade — ainda mesmo que não esperassemos visitas, não podias ficar desta maneira, e muito menos na sala.

Por travesso que fosse, Carlinhos não ousou replicar. Effectivamente, a irman mais velha exercia sobre o petiz maior autoridade do que a propria mãe. O pae, comtanto que lhe não faltassem gravemente ao respeito, não se envolvera na educação dos filhos, nem se preoccupava muito com «esses negocios», como dizia. Foi assim que Dulce, pouco a pouco, se foi constituindo a educadora do irmão *caçula*, não como irman, mas como verdadeira mãe. Todos os cuidados a respeito do menino tomára-os ella sobre si. Ninguem poderia imaginar que aquella joven, apparentemente tão franzina e debil, tivesse em si tanta dose de energia e vontade. E, apesar dessa fortaleza de animo intransigente, ou, talvez, por isso mesmo, não tinha um unico inimigo ou desaffecto, nem mesmo desaffecta. E quem pela primeira vez a visse, irresistivelmente sentia-se dominado por um sentimento estranho de attracção imperiosa, que, no entanto, a moça só exercitava com a magia meiga do seu sorriso. E' que Dulce sabia sorrir, dum modo unico, como unicas em graça eram as duas covinhas feiticeiras que quasi sempre se lhe abriam na face, a lhe darem um encanto especial e alegre em seus frequentes momentos de expansão communicativa. A moça era um typo perfeito e encantador de graça e de bondade excepcionaes. Vestia-se, além disso, com gosto, mesmo com arte, si bem que formalmente detestasse toda e qualquer ostentação frivola ou preteneiosa.

Querida, extremamente querida, era-o Dulce na sociedade, mas não o era menos entre os pobres, em soccorro dos quaes empregava gran-

de parte de seu tempo de todos os dias. Mas dos sacrificios a que, muitas vezes, se sujeitava a caridosa menina, sómente sua mãe tinha noticia. Por vezes, mesmo, chegava a censural-a por sua dedicação aos pobres, que Dulce levava aos extremos de uma paixão; aconselhava-a a que se poupasse de tantas fadigas, e que se entregasse com mais moderação á pratica da caridade; ralhava-lhe mesmo, mas, no intimo do coração, admirava a filha e tinha por ella mais que um vehemente amor materno: tinha-lhe respeito...

Entre a pobreza, Dulce era venerada como uma santa. Em qualquer difficuldade amarga, quando a mingua de recursos ou o temor de desesperança alanceava os corações e como que desvairava a cabeça, era ella a salvação almejada:

— Corram a chamar D. Dulce! A bôa menina providenciará.

Os medicos, que frequentemente a encontravam solicita junto á enxerga de seus enfermos mais pobres e mais abandonados de todos, tinham uma verdadeira estima e sentiam uma sincera admiração por aquelle anjo da caridade, de uma dedicação inquebrantavel.

Assistiam, maravilhados de tamanha bondade, ao espectaculo edificante dessa joven gentilissima, filha de familia rica, prendada dos mais lindos dotes de educação e instrucção, que se entregava sem reluctancia nem hesitação aos mais pesados mistéres na casa dos seus queridos pobrezinhos — como lhes chamava — procedendo á limpeza dos aposentos, onde, ás vezes, agonizava um moribundo; levava o requinte de seu amor aos infelizes ao ponto de lavar em tinas grosseiras e com as suas mãos patricias as roupas das pequeninas creanças dos lares, onde a molestia e a miseria penetravam!

Era de vêr com que solicitude, na verdade angelica, Dulce se curvava, carinhosa e doce, sobre o leito do enfermo, a dar-lhe os remedios

rigorosamente á hora marcada pelo medico, procurando, com sua graça toda especial, alliviar a angustia das familias desgraçadas, em cujas mansardas lobregas entrava como um raio de luz, como bemdito anjo tutelar.

Quando nos salões do palacete de seus paes, ou nos das familias de suas relações, Dulce se movia tão facil e seguramente, como si jámais outra coisa houvesse feito em toda a sua vida sinão dar e frequentar recepções elegantes. Apreciava immensamente a palestra, embora não tivesse sua conversação o brilho estonteante da de Judith, cujo espirito, mais irrequieto, encontrava delicioso encanto quando conseguia empenhar-se em uma discussão animada e brilhante.

Uma coisa era geralmente notada por todas as pessôas que frequentavam os salões de seu pae: estando Dulce presente, ninguem se atrevia a pronunciar a mais leve inconveniencia. Por mais francamente expansiva que se mostrasse sempre, jámais permittiria qualquer familiaridade menos correcta.

Os mais intimos, de vez em quando, julgavam descobrir-lhe assim como que uma especie de sombra de um desgosto occulto. Que seria? Algum caso banal de amor não correspondido? Seria isso possivel em joven tão realmente formosa e occupando posição social tão invejavel?

As duas irmans, que, juntas, soffriam pelo mesmo motivo, eram as unicas que tinham a chave do mysterio, e mutuamente se comprehendiam. Foi, pois, com ansiedade, que, no primeiro momento em que conseguiu encontrar-se a sós com a irman, Dulce interrogou-a:

— Tens ainda esperanças?

— Tenho uma bôa noticia a dar-te. No dia de nossa partida de Lisbôa, quando estava elle muito afflicto, imagina o que me veiu pedir, Dulce!...

— Que foi? Dize, depressa!

— Veiu pedir-me que fosse rezar muito e muito!

— Graças a Deus! — com um largo suspiro de allivio exclamou Dulce, que no pedido do pae a Judith descobria uma scentelha de esperança, a grata esperança de que um dia deixasse elle de ser maçon e se tornasse um catholico praticante... Nem a propria mãe das duas jovens suspeitava quanto se preoccupavam e se magoavam ellas diante da indifferença religiosa do pae.

E elle?... Via muita coisa, oh! via; mas affectava não perceber nada...

O commendador e seu hospede, que tinham descido á cidade, voltavam nesse momento para casa.

— Encontrou cartas no correio, doutor? — interrogou Judith.

— Felizmente, minha senhora. Estava afflicto por noticias.

— Que, graças a Deus, são bôas; não é verdade?

— Minha mãe, felizmente, vae muito melhor, quasi restabelecida. Ella mesma me escreveu, mas diz que minha irman adoeceu devido á fadiga do tratamento, que a prostrou... Ella é tão dedicada á mamãe!

— Faço votos para que não seja coisa de gravidade, e que, na volta, o doutor as encontre de perfeita saude.

— Meus votos são os mesmos, dr. Barros — secundou Dulce, que accrescentou — e de muito bôa vontade vou pedir por ellas a Nossa Senhora.

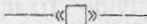
Si outrem houvesse falado em orações naquelle instante, talvez o dr. Costa Barros houvesse respondido com alguma pilheria. No entanto, agora, nada lhe parecia mais natural: tratava-se de sua mãe e de sua irman, e a voz que falava partia de labios pertencentes a quem

já desde bordo lhe despertára viva e espontanea sympathia.

Sympathia... apenas?... O joven advogado nem queria pensar nisso, mas a verdade é que antes de conciliar o somno, á noite, não pôde deixar de confessar intimamente:

— Não ha, em todas essas Françar e Allemanhas, como as moças brasileiras!

E quasi nem usou o plural... Toda a noite sonhou com uns lindos olhos, grandes e eloquentes, com umas covinhas risonhas, e um sorriso de anjo, e uma voz... ah! uma voz mais melodiosa e meiga do que todas as que ouvira até então...

—«□»—

VIII

Em pleno campo

Desde que lhe morrera o pae, o dr. Costa Barros fizera tenção de arrendar ou vender a fazenda, que lhe ficára no planalto de Santa Catharina, havendo resolvido fixar residencia com a mãe e a irman na capital federal, onde conseguiria uma collocação vantajosa ou exerceria a advocacia. Sua mãe era carioca, e, longe de se oppôr ao desejo do filho, animava-o, contando que alguns parentes longinquos concorressem para desbravar o caminho á vida do joven chefe de familia.

Nunca se déra ella bem com o clima aspero do campo, aquellas bruscas mudanças de temperatura, principalmente o inverno, em demasia rigoroso. O que apenas de nome conhecera em moça — o gelo e a neve — viera vel-o e sentil-o no campo, sem que contra a calamidade a casa a protegesse, como protege, na Europa, ás populações. No entanto, apesar de extremamente

fraca, como sempre foi, sobrevivera ao marido idolatrado, robusto filho das plagas catharinenses, e que, quando estudante, a levára para a fazenda paterna.

A viagem de estudos do filho á Europa, projectada ainda em vida do pae, fôra adiada por alguns annos, devido aos multiplos affazeres na fazenda de S. Januario, que sobrecarregavam de occupações o joven. Só effectivamente se realizou mais tarde, quando o moço bacharel fazendeiro conseguiu preparar as coisas de fórma a ficarem tranquillas sob a direcção do fiel capataz, o velho Cyrino, homem rude e sempre em conflicto aberto com as regras da etiqueta, mas realmente probo e dotado de um coração de ouro.

D. Helena e sua filha, a Gertrudes, resolveram que, durante a ausencia do filho, permaneceriam na fazenda, donde transfeririam a residencia para o Rio sómente quando Antonio regressasse da Europa.

Por esse tempo, o inverno fôra inclemente em todo o campo. De São Joaquim da Costa da Serra vinham noticias de repetidas e abundantes geadas, que, sobretudo nas plantações, causavam prejuizos consideraveis. A neve era tanta, que sob seu peso chegavam a quebrar-se os galhos dos pinheiros. As mattas, em seguida ás nevadas, desolavam-se, como si por ellas houvesse passado um tufão. O tempo, frio e humido, em toda a zona causára a morte a innumeras rezes, enregeladas nos pantanaes. Durante semanas inteiras quasi por completo se interromperam as communicações com o littoral. O estafeta postal de Florianopolis chegára a Lages com o atrazo de tres dias, e vez houve em que se atrazou quatro. Algumas tropas de gado e cargas viram-se forçadas a estacionar ás duas margens do Caethé, sem conseguirem transpôl-o. Escasseavam os pastos, e velhos tropeiros experimentados, tiritando de frio e encharcados até

aos ossos, apprehensivos, consideravam o futuro, receiosos do que lhes reservariam os dias vindouros...

O vigario de Lages e seus coadjutores, todos religiosos franciscanos, mais que nunca eram chamados a doentes em estado grave, e, por mais que ás mortificações estivessem affeitos, percorria-os um calafrio doloroso quando, sob o penetrante e intenso vento frio do sul, de enregelar, viam-se forçados a viajar leguas e leguas, para levar conforto a algum pobre enfermo distante.

Na humilde e pequena cozinha do convento achava-se proximo ao fogão Frei José, aquecendo os membros gelados, por não o poder fazer na cella, desprovida de estufa. E feliz era elle em conseguir algum saudavel calorzinho, quando todos os demais religiosos, á excepção de Frei Adolpho, um pouco adoentado, achavam-se fóra, martyres do dever que a vocação lhes impunha, arrostando a tormenta e o frio. Como sabia bem aquelle delicioso calor do fogão em dia de tanta tempestade!... Oh! um tempo para ursos, aquelle! E era uma verdadeira delicia para o pobre franciscano aquelle cantinho modesto de cozinha, onde podia aquecer um pouco os membros entorpecidos pelo frio...

Mas... pobre Frei José! Ainda ia longe o fim do dia!... e fóra se ouviu de subito o tropel de duas mulas.

— Pobre tropeiro! — murmura o frade, — pobre tropeiro, que tem de viajar com um tempo destes!

O tropel cessa. Pouco depois, retine vibrante a campainha da porta... Frei José estremece... Agora, era o que faltava! ser chamado á cabeceira de um doente com uma geada daquellas! Quizesse Deus que não fosse isso!

Não se enganava, porém. O porteiro appareceu:

— Está lá fóra um homem que pede um padre para uma doente...

— E para onde?

— Para os fundos do Capão Alto.

— Minha Nossa Senhora! Para os fundos do Capão Alto!.. umas cinco leguas bem puxadas!... E' para morrer-se de vez!

— E diz que ha pressa — accrescentou o Irmão porteiro.

— Pois, eu vou. Diga ao Irmão Mauricio que encilhe a mula. Vou engolir ás pressas qualquer coisa, que não posso esperar pelo jantar, emquanto o mensageiro póde tambem comer alguma coisa... Apre! Que tempozinho horrivel!...

Quinze minutos depois, já eram 5 horas da tarde, Frei José, acompanhado pelo rapaz que o viera buscar, dirigiu-se a trote largo para o Capão Alto. Envolvera-se o mais possivel no grosso *poncho* azul escuro, como é de uso em todo o campo do sul, mas assim mesmo o vento frio e penetrante parecia feril-o até aos ossos. O companheiro, já todo molhado, tremia da cabeça aos pés; não havia tardar muito que do mesmo modo ficasse encharcado Frei José, com a chuva impiedosa que já lhe atravessava o habito e lhe corria pelos canos das botas altas.

A estrada, já de si detestavel em tempo secco, estava agora quasi intransitavel. Aqui um grande buraco ameaçador, ali uma barreira cahida e transformada em lameiro; mais adiante um atoleiro, onde as mulas negavam-se a passar, teimosas e empacantes, máu grado os incitamentos energicos dos cavalleiros. Mais além, pontes estragadas, oscillantes, ameaçando ruina... agora, um caminho mais liso, escorregadiço, para seguir-se novo atoleiro... Peior que tudo isso, porém, com a queda da noite, seguiu-se uma escuridão completa, que mal permittia ao padre descortinar o vulto indeciso da mula tordilha, que lhe trotava á frente, guiando-o.

Haviam já trotado umas quatro leguas, quando o *proprio*, avisando o padre, abandonou a estrada para se embrenhar na matta, seguindo uma estreita e sinuosa picada que, em plena luz do dia, mal se poderia acompanhar, e agora, á noite, era quasi impraticavel. A cada instante, os galhos frios e humidos das arvores fustigavam o rosto ao sacerdote. Alguns ramos mais fortes obrigavam-n'o a deitar-se sobre o pescoço do animal, para evitar um golpe perigoso contra a cabeça. Os animaes já quasi se não aguentavam, de cansados; grossos troncos de arvores, cahidos e atravessados na picada, forçavam-n'os ainda a esforços maiores, e elles, afinal, venciam o obstaculo a custo, levantando perna por perna a vencel-o.

Os cavalleiros davam de esporas, a apressar a marcha perigosa, pois, por mais impraticavel que fosse o caminho, era preciso apressaremse, que a doente estava mal.

Seria por volta de 9 1/2 da noite, quando o guia se voltou para o religioso:

— Agora já estamos pertinho, sr. padre.

— Graças a Deus!...

Uma longa hora escoou ainda até que fosse transposta a porteira do rancho, para o qual haviam ido chamar o frade. Frei José, que não trazia o Viatico, mas tudo o que era preciso para celebrar a santa Missa, apeou-se ás pressas, indagando da doente.

— Morreu já ha duas horas, sr. Padre...

O sacerdote sentiu-se vibrar como si tivesse recebido um violento choque electrico. Tudo em vão... Chegára tarde... E na sua desolação nem se apercebia que a chuva, agora mais grossa, continuava a escorrer-lhe pelo habito abaixo.

— Mas entre, sr. padre. Ahi na chuva não póde ficar. Olá, Cyrillo, desarreia os animaes, esfrega-lhes bem o lombo e conduze-os ao potreiro!

O padre entrou. O rancho tinha uma unica *sala*, na qual jazia, coberto por um lençol, sobre dois bancos rudes, o cadaver de uma mulher, ladeada por algumas velas de sebo. As toscas paredes de barro deixavam-se atravessar pelo vento ululante, e a coberta de folhas de palmeira achava-se crivada de goteiras, por onde as aguas da chuva cahiam quasi que como lá fóra.

A familia toda, o viuvo, quatro filhos e uma irman da fallecida, assentavam-se no chão em derredor ao fogo da cozinha, dependencia do rancho, e de vez em quando entravam neste a aparar o pavio de uma das velas fumegantes.

Frei José olhou em volta, a vêr si descobria um logar qualquer onde recostasse o corpo moido e ansioso de repouso. Tinha que dormir ali: voltar á noite, com os animaes exhaustos, ou procurar siquer outra pousada, era simplesmente impossivel.

— O sr. padre queira desculpar, mas não lhe podemos offerecer outro commodo. Vou preparar uma cama aqui a um canto da sala.

— Obrigado — respondeu o sacerdote — mas não se incommode. Faça-me o favor de trazer sómente os arreios, que do resto me incumbirei eu mesmo.

E Frei José, que já tinha pratica de situações identicas, estendeu no chão a corona e outros pertences do arreiamento da mula, escolhendo para travesseiro a sella. Tirou da maleta de couro alguma roupa que ficára mais ou menos enxuta, e...

Dormir assim, ao lado de um cadaver!... Era a primeira vez em toda a sua vida, mas... desde que não havia remedio!... Pediu um guarda-chuva, abriu-o, ao menos para proteger a cabeça das goteiras que continuavam escorrendo... e procurou dormir.,.

Pela madrugada, depois de muitas vezes despertado de um somno agitado, Frei José pe-

diu uma mesa qualquer onde armasse um altar, afim de celebrar a santa Missa pela fallecida. Mas não havia mesa alguma aproveitavel. Apenas encontraram, depois de muita procura, dois caixotes de kerozene que, collocados um sobre o outro, e completados por uma taboa curta e estreita, formavam uma especie de *altar*, demasiadamente baixo e minusculo, mas que haveria de servir nesse caso de necessidade. Frei José retirou da mala a pedra com as reliquias para o altar, uma toalha de linho que dobrou para que o altar fosse triplicemente coberto, e tudo mais de que necessitava para a celebração da santa Missa; desprendeu a cruz de seu rosario e dependurou-a na parede, por não haver mais espaço algum no improvisado altar. Ajudante para a Missa não havia, e elle mesmo teve de responder ás orações.

Aproveitou a occasião para instruir um pouco ás pessôas presentes, consolando-as, ao mesmo tempo, pela perda soffrida. Terminada a Missa, e feita a encommendação do corpo, Frei José tomou uma chicara de café, e montou a mula para regressar a Lages, acompanhado por Joãozinho, um dos quatro filhos da fallecida. Sabendo por este, já em caminho, que na distancia de uma legua havia uma mulher pobre enferma, resolveu fazer a volta para levar-lhe os soccorros da santa religião, ainda que lhe não pudesse dar a santa Communhão.

Effectivamente, em um rancho um pouco menos máu que aquelle que deixára, encontrou, bastante doente, a mulher de um aggregado. Antes de confessal-a procurou preparal-a e instruil-a sobre os pontos essenciaes da santa religião. A enferma parecia bem disposta. Ouvira o padre com a maior vontade, e quando este, acreditando-a agora bastante esclarecida, interrogou-a sobre si sentia verdadeiro arrependimento, não hesitou ella em responder:

— Sim, sr. padre, eu estou muito arrependida de... me haver casado!

Pobre Frei José! Que recommendação para teus fóros de catechista!

Teve de recomeçar as instrucções, até que afinal conseguiu preparar a pobre mulher para uma morte christan. Só a santa Communhão lhe não podia dar, pois já havia celebrado e não trazia o Viatico. Dirigiu-se por isso ao marido:

— Si, o que eu não espero, sua senhora peiorar, mande um *proprio* á cidade, chamar um padre que lhe traga a santa Communhão.

O homem, talvez por não querer cansar um de seus animaes com a viagem de um *proprio*, insistiu para que o padre désse a Communhão á mulher *agora mesmo*.

— Mas eu não posso. Não trouxe o santo Viatico, e já celebrei Missa hoje!

— Mas o Joãozinho não acompanha o sr. reverendo até á cidade?

— Acompanha.

— Está bom. Então o Joãozinho póde trazer a Communhão para minha mulher!

Mais uma vez Frei José teve de dar, por breve e ligeiro que fosse, aula de catecismo antes de proseguir na volta para a cidade...

Haviam caminhado cerca de legua e meia, quando, numa encruzilhada, viram parar um cabôclo que, além do animal que montava, trazia outro pela rédea. Frei José teve um presentimento, mas nada disse. Chegando proximo ao homem, cumprimentou-o e ia passar adiante, quando o cabôclo, um filho do velho Cyrino, o reteve:

— Eu vim buscar o sr. reverendo para uma doente.

— Meu Deus! Mas eu não posso mais de cansado. Estou completamente encharcado! Venha você commigo á cidade buscar outro padre.

— Tenha paciencia, sr. reverendo. A mulher está muito mal, e até á cidade é volta de muitas leguas...

— Mas onde é?

— Na fazenda *São Januario*, na Coxilha Rica.

— Quem adoeceu?

— E' a patrôa, que está bastante ruim.

E Frei José, por mais que desejasse repoisar um pouco, apeou, mandou encilhar o outro animal, voltar o Joãozinho, e seguiu com o filho do velho Cyrino para a fazenda *São Januario*, a assistir em confissão a mãe do dr. Antonio da Costa Barros.

IX

No leito da dôr

Indubitavelmente, a fazenda *São Januario* era uma das mais prosperas e bem tratadas da Cochilha Rica. Possuindo magnificas invernadas, o gado, mesmo nos mezes mais rigorosos do anno, conseguia viver sem soffrer demasiadamente. A fazenda era em grande extensão cortada por um riacho e alguns corregos, e, além do mais, tinha bons e extensos *capoeirões*, dos quaes um delles junto á casa de residencia, ao contrario do que se dava em outras fazendas, na maioria dellas.

O fallecido Casimiro Barros não poupára esforços nem dinheiro para transformar a herança dos paes em uma fazenda-modelo. O Cyrino, agora capataz, que já ao velho pae do fazendeiro servira de peão, ajudára ao novo patrão com uma dedicação extremada, que parecia tradicional na familia. Pela morte de Casimiro, a fazenda ficou momentaneamente desleixada; mas o novo fazendeiro, o *doutorzinho*, como lhe chamava o velho Cyrino, revelou de prompto geito e energia, e conseguiu, com a ajuda do fiel capataz, restaurar a fazenda ao que era no tempo do pae.

Cyrino amava sinceramente o patrão. Sentia-se apenas de que o *doutorzinho* tanto tempo demorasse em dar á propriedade uma patrôa... A propria mãe de Antonio ficava por vezes apprehensiva, notando que o filho absolutamente não cogitava em casar-se, e, pelo contrario, incommodava-se com qualquer allusão que sobre o assumpto lhe fosse feita. Teria elle feito já uma escolha em alguma de suas frequentes viagens? Provavelmente não, pois nunca deixára de ser franco com sua mãe, e até agora nada lhe confiára.

Tres semanas havia que cahira enferma Dona Helena, ou, antes, que se vira forçada a procurar o leito, já que um tanto ou quanto doente sempre estivera. Chamaram o dr. Sartori, que fez ás pressas as 8 leguas que de Lages o separavam da fazenda, receitou uma multidão de remedios e prescreveu um regimen rigoroso. Mas a doença não cedeu, e nos ultimos dias o estado de D. Helena se aggravára a ponto de inspirar serios cuidados. A febre cada vez mais a enfraquecia, e não fosse a inexcedivel solicitude da filha, *Trudinha,* como lhe chamavam em casa, que jámais se afastára do leito da mãe enferma, talvez já tivesse succumbido a pobre senhora.

Frequentemente os fazendeiros da vizinhança mandavam pedir noticias do estado da estimada senhora, e cada vez mais desanimadoras eram ellas.

Uma vaga impressão de tristeza pairava em toda a fazenda. Os peões, conduzindo o gado, para o sal, não faziam o trabalho com aquella mesma antiga e jovial presteza, aquella satisfação singela e bôa de outros tempos.

Si bem que houvesse recebido a santa Communhão pouco tempo antes, por occasião da festa de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira da matriz, D. Helena, comprehendendo a gravidade da molestia que a affectava, encarregou a

filha de mandar pedir a um padre da cidade que viesse confessal-a.

O velho capataz, que não podia ir pessoalmente, porque tinha de arrematar um negocio com uns compradores de gado, do Rio Grande, enviou o filho, cavalleiro destemido, e que nunca deixava de assistir ás corridas de cavallos de 4 leguas em derredor, e muitas vezes tomar parte nellas. O rapaz, esperto como todos os pequenos camponezes, soube em caminho que um padre, na vespera, havia sido chamado para assistir á mulher do Maneco Braz, que se achava a morrer, pôz-se então de espera na encruzilhada, onde sabia que forçosamente havia de passar o sacerdote.

Frei José conhecia a fazenda e a familia do finado Casimiro, e mais de uma vez, indo para Pelotas, ou regressando de lá, pousára na fazenda *São Januario*. Venceu, pois, o cansaço e a fome que o prostravam, e o mal estar que lhe produziam o pessimo tempo e a chuva inclemente, para attender ao appello de D. Helena.

Eram mais de 11 horas, quando o padre e seu companheiro passaram pela fazenda do governador do Estado, que era filho do municipio de Lages; não faltava muito para alcançar a de *São Januario*.

Recebido por Trudinha, e informado de que não havia imminente perigo de morte, accedeu o sacerdote ao convite de tirar as roupas encharcadas e fazer alguns preparos de toilette. Na fazenda havia sempre um outro quarto que estava posto á disposição de algum hospede inesperado. As leis da franca hospitalidade em poucos logares são observadas tão linda e rigorosamente como no campo, onde ricos e pobres pódem bater confiantes a qualquer porta, certos de que jámais lhes será negada comida e poisada para elles e o animal que montem.

Frei José, inteiramente reconfortado, depois de se haver lavado e de ter mudado a roupa,

penetrou no quarto da enferma que, apesar de extremamente debilitada, cumprimentou-o sorrindo e com verdadeira satisfação. O sacerdote não se pôde livrar de assustar-se um tanto ao verificar a pallidez mortal e a grande fraqueza da pobre senhora que, pouco tempo àntes, ainda vira completamente outra na festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Consolou-a quanto pôde, animou-a com palavras do maior carinho de que é possivel ao coração sacerdotal e, em seguida, ouviu-lhe em segredo a confissão.

A pedido da doente prometteu ficar o resto do dia na fazenda hospitaleira, para celebrar pela madrugada e dar-lhe então o santo Viatico.

D. Helena, mais confortada depois da absolvição sacramental, pediu tambem os santos oleos, que Frei José, para não fatigal-a muito, adiou para a tarde.

Trudinha, mal o padre sahia do aposento da doente, procurou lêr-lhe nas feições si lhe revelavam o verdadeiro estado de sua mãe, ansiosa por que alguma esperança lhe fosse ainda permittida. O sacerdote consolou-a, inspirando-lhe sentimentos de confiança no effeito sobrenatural e natural dos santos sacramentos, e, graças á sua palavra persuasiva, interprete fiel do sacerdote, conseguiu reanimal-a.

Mesmo assim, durante o almoço pouco falaram, pois que, além da invencivel tristeza que não se dissipava, Trudinha, solicita, tinha a attenção presa a qualquer rumor que se fizesse no quarto da enferma. A mãe, que varias vezes dirigira o olhar contrito para o oratorio, adormecêra, afinal, tranquillamente, a primeira vez que conseguia fazel-o desde quatro dias. Deixaram-n'a então repousar até que, depois de um somno reconfortante, ella por si mesma despertou e, com surpresa geral, pediu algum alimento.

— V. Revma. fez um milagre! — exclamou Trudinha, dirigindo-se agradecida ao padre.

— As melhoras não são para admirar; a doente está mais tranquilla e confiante — ahi tem os requisitos essenciaes a todas as melhoras.

Meia hora depois, a novas instancias de D. Helena, Frei José, como promettera, administrou-lhe os santos oleos, tendo-a antes esclarecido sobre a natureza e a efficacia desse sacramento.

A' noite, accentuaram-se as melhoras da doente, e, pela primeira vez, depois da enfermidade de sua mãe, foi a joven tambem descansar e dormir um pouco, mas ali mesmo, proxima ao leito da enferma.

No dia seguinte, Frei José celebrou a santa Missa, no altar, enfeitado com gosto e arte, pelas mãos habeis de Trudinha. Em todo o districto de Cochilha Rica não havia capellas, e por isso frequentemente os padres tinham que celebrar em casas particulares, e Frei José lembrou-se então do tosco altar improvisado em que celebrára na vespera. A doente pôde seguir as santas ceremonias celebradas na sala contigua a seu aposento e receber a sagrada Communhão com todo o recolhimento e fervor. Tinha tanto que confiar a seu Jesus!...

A' indagação carinhosa da filha, sobre si não se sentia fatigada, respondeu:

— Não, queridinha; fica tranquilla. Quero agora falar a sós com o meu Salvador, e recommendar-lhe todos os que me são caros, para que elle os proteja a todos, quando eu...

— Oh! mamãe! Tu ficarás comnosco ainda por muitos annos! — exclamou a joven, debulhada em lagrimas. — Antes queria eu mesma morrer do que morreres tu!...

Depois da Missa, o padre se preparou para regressar a Lages. Antes de partir, porém, a doente mostrou desejos de falar-lhe.

— Eu agora estou preparada para tudo, sr. padre. A unica coisa que ainda me preoccupa, e muito, si bem que Deus me haja per-

doado todo peccado, desleixo e fraqueza, é a incredulidade de meu filho. Elle era tão piedoso, quando pequeno! Ainda hoje é bom filho e bom irmão. Mas o collegio onde foi educado, e, mais tarde, a Faculdade de Direito, juntamente com os perigos do mundo, fizeram-lhe perder a fé. Apego-me a Nossa Senhora para que não m'o deixe perecer. Todas as minhas orações, no purgatorio e no proprio céu, serão por sua conversão. E o sr. padre me ajudará, sim?

— Farei todo o possivel, D. Helena, e de bôa vontade recommendarei o mesmo a meus confrades.

— Oh! como lhe agradeço, sr. padre! E' uma mãe, que pede a Deus que tambem sobre o senhor derrame as suas mais ricas bençãos!

— Obrigado, muito obrigado, minha senhora!...

— O futuro de Trudinha me preoccupa menos; sei que é muito bôa e pura, e que o irmão nunca deixará de interessar-se por ella. Vê, sr. padre, aquelle quadro ali na parede?... E' uma cabeça de creança, intitulada *Innocencia*. Um pintor hespanhol, ha muitos annos o fez, quando meu marido o recolhêra, pobre e faminto, á fazenda. Quiz mostrar-se grato e, impressionado pelas feições de anjinho de minha filha, pintou aquelle quadro, que guardei sempre como um thesouro precioso. Pois, sr. Padre, o que Trudinha era em creança, ainda o é hoje: é pura e bôa; é um anjinho.

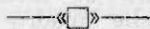
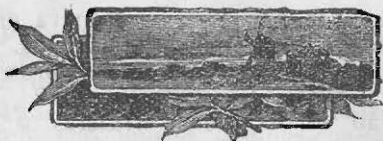
— E' certo, D. Helena, que Nosso Senhor lhe confiou um rico thesouro a zelar; oxalá que as orações de sua filha contribuam para que seu filho volte a ser crente e praticante!

— Sim, tenho toda confiança. Deus não deixará de ouvir as supplicas de um coração materno e as orações de tantos outros.

Frei José retirou-se, reanimando novamente a enferma, e tambem dando muitas esperan-

ças a Trudinha. Quando se despedia desta, não lhe passaram despercebidas as consequencias das muitas noites de insomnia que a joven tinha passado.

— D. Trudinha, é preciso que a senhora cuide melhor de sua propria saude. Sua mãe vae melhor, mas precisa inda de seus desvelados cuidados. Veja lá, não vá cahir tambem doente agora! Cuidado, minha filha! e, sobretudo, muita coragem e muito juizinho, ouviu?...

X

Escaramuças

Mais um pouco deste bife, doutor?

O dr. Antonio da Costa Barros preferia sempre um bom e succulento churrasco ao melhor dos bifes, mas agora o bife sabia-lhe á iguaria mais deliciosa deste e de alguns outros mundos do bom Deus, pois era Dulce quem lh'o offerecia, e no delicioso prazer que sentia só uma sombra o contrariava — era ter de repartir a attenção entre a joven e uma outra, amiga desta, Julia Rodrigues, filha do socio da firma Marcos de Castro & Cª. Verdade é que o doutor era bastante injusto, de grande parcialidade, no repartir as attenções, pois sua vizinha da esquerda, a Julia, por bonitinha que fosse, recebia dellas uma reduzida quarta parte, apesar de comsigo mesmo o doutor affirmar que á mesa procedia com a mais escrupulosa imparcialidade. Afinal de contas, e com todas as theorias, quando o coração, rebelde que é, não se dirige á pessôa com quem se fala, os labios não pódem ter eloquencia nem sinceridade... Julia, porém,

parecia não dar por isso, e teimava em forçar seu vizinho a uma palestra animada.

— O doutor vae assistir ao proximo concurso, no Conservatorio de musica?

— Não sei si meus affazeres o permittirão, minha senhora.

— Oh! deve assistir! Somos 23 este anno e... mas isso em segredo, doutor... eu espero obter o primeiro logar.

— Antecipo-lhe meus parabens, neste caso — respondeu Antonio, furioso por se prolongar o dialogo — Como deve a senhora ter estudado, para assim tão confiante aguardar o primeiro premio!

— Estudado... estudado... sim, eu estudei, mas as minhas collegas quasi todas estudaram mais do que eu... Ora, eu nem sempre tenho tempo para estudar... visitas... passeios... o doutor comprehende...

— Comprehendo, e desejo que a senhora veja realizarem-se suas esperanças.

— Não tenho medo. Agarrei-me a Nossa Senhora Auxiliadora e, emquanto o concurso durar, faço arderem algumas velas no altar de Santo Antonio. Isso me ha de valer, pois não é?

— Sem estudos e exercicios frequentes, não póde... — ia dizer o doutor, agora francamente aborrecido; mas, felizmente, sua vizinha da direita, que era Dulce, cortou-lhe a palavra.

— Decididamente o doutor não se sente bem em nossa casa. Não come, não bebe, não...

— Oh! minha senhora, posso garantir-lhe que tão sómente me sinto acabrunhado sob tão gentis attenções, de que tão immerecidamente me cumulam. Nunca me senti tão bem como aqui!

— Como folgo em sabel-o! Por mais...

O commendador fizera retinir um copo de crystal, e ergueu-se para fazer, com toda a solemnidade, um brinde ao doutor, apresentando-o novamente como o salvador de sua vida e a

quem, por isso, affirmou seu sincero reconhecimento e o de sua familia.

Por mais que protestasse o doutor não merecer tão honrosas referencias, toda a familia, gratamente emocionada, demonstrou-lhe inequivocas provas de estima e gratidão, que sensibilizaram profundamente o joven.

Carlinhos, que, apesar da vigilancia de sua mãe e de Dulce, conseguira mandar novamente encher o copo, veiu dar-lhe um apertado abraço, e exprimir o que nelle era o *non plus ultra* da admiração:

— Doutor, eu agora até gosto mais do senhor que do Nhéco!

— Não sei quem seja, mas agradeço-te sinceramente, meu amiguinho.

Sómente a Dulce o doutor não agradeceu com palavras; sentiu-se subitamente mudo, quando a joven, com um singelo aperto de mão, exprimiu-lhe sua commovida gratidão por ter salvado a vida a seu pae, mas o rubor que lhe subira ás faces, a perturbação evidente, e, mais que tudo, o eloquente fulgor de seus olhos, falavam portuguez bem claro. Procurou dominar a emoção que delle se apossára, e conseguiu-o afinal, embora só quando já se retiravam todos da mesa.

Julia quiz á fina força que lhe dissesse Antonio qual a sonata de Beethoven que preferia, — si as moças francezas tinham para a musica mais geito que as brasileiras, — emfim, uma infinidade de pequeninas coisas, que já iam surdamente irritando o doutor, que quasi já se não continha. Elle, que fôra sempre tão gentil para com todos, sobretudo as senhoras, sentia agora um furioso desejo de que Peary ou Cook surgissem ahi, na sala, e arrebatassem aquella mocinha para uma das suas longinquas excursões ás regiões polares, e a deixassem lá bem longe, bem sobre o polo, para que tão cedo não pudesse ella voltar a importunal-o...

Mas, nada de um Peary, e nada de um Cook!...

— O' Julia, toca-nos uma valsa de Chopin, sim? — interveiu Judith, que assim suppria a falta dos exportadores arcticos.

— Eu?!... Não estou bem certa... Estes dias não tenho tocado...

— Não te faças de rogada, Julia — atalhou Judith e, emquanto as duas amigas, em longa palestra, metteram-se a discutir, o doutor dirigiu-se rapidamente para outro grupo, formado pela dona da casa, Dulce e Carlinhos.

— Pretendia agora mesmo convidal-o — accrescentou D. Sinhá — Mandei encommendar uma Missa, em acção de graças pelo regresso feliz de meu marido.

— Seria falta de delicadeza não attender a pedido tão gentil — respondeu Costa Barros.

— Mamãe e as maninhas vão commigo commungar. Só papae não vae nunca — começou novamente Carlinhos — O doutor tambem não...

— Cala-te, Carlinhos! — interrompeu D. Sinhá — Que modos são esses? — e, dirigindose ao moço — Queira desculpar a indiscrição e a liberdade de meu filho...

— Oh! minha senhora, não fale nisso! Mas, para dizer a verdade, eu muito invejo as pessôas que na pratica da religião encontram a felicidade; eu mesmo...

Não continuou. Notando a pallidez que no rosto de Dulce alternava com o vivo rubor, subito, sentiu o que se passava na alma da joven, e teria dado um mundo inteiro si conseguisse um meio de dissipar a má impressão que suas palavras lhe tinham produzido.

— As senhoras desculpem-me. Não é que eu não tenha o maior respeito ás crenças e convicções alheias; mas não posso partilhal-as...

Os grandes olhos de Dulce fitaram-n'o tristemente.

— Sr. doutor — disse ella — minha fami-

lia deve tanto ao senhor, que sua sorte não nos póde ser indifferente. Devéras eu sinto vêl-o entre esses para os quaes a religião é uma coisa superflua...

— Obrigado, D. Dulce, muito obrigado por seu bom interesse. Mas eu não menospreso os sentimentos religiosos; eu mesmo sou religioso. Creio em Deus e venero-o, ainda que me pareçam exaggeradas as exigencias e pretenções da Egreja catholica.

— Exaggeradas?... E por que?

— Sua Egreja pretende tudo uniformizar debaixo de seu criterio; prescreve que se deve fazer isto, e que se não deve fazer aquillo; estabelece e impõe dogmas que violentam a razão; oppõe-se diametralmente a todo progresso moderno...

— Ah! tudo isso é muito de uma vez só, doutor! O senhor é grato ao bom camponio que na estrada lhe mostra o verdadeiro caminho a seguir. Por que não procede por fórma igual com a Egreja, que faz o mesmo?

— Sim, minha senhora? Mas isso mesmo dizem todas as Egrejas. Cada qual pretende ser a verdadeira.

— No entanto, apenas uma poderá ser essa verdadeira, não lhe parece?

— Não sei... E por que não poderiam todas ellas...

— Ser verdadeiras?... Não continue assim! O senhor, como homem instruido que é, não sustentará que duas affirmações, uma á outra diametralmente oppostas, sejam ambas igualmente verdadeiras.

— Mas, por que ha de ser exactamente a Egreja catholica que tenha razão em tudo, nas grandes, como nas menores coisas?

— Isso é outro ponto. Sim, a Egreja estabelece dogmas, como disse o doutor, mas não para violentar a razão, e sim...

— Desculpe-me, D. Dulce; acceitar dogmas!... Mas isso repugna á san razão!

— Doutor — replicou a moça, fazendose muito seria e empallidecendo — o senhor terá notado que aprecio e sinceramente me dedico á minha religião; sem ella eu não poderia viver. Pois bem; tomo-lhe sua palavra: prove-me, solida e seguramente, que na religião catholica ha um dogma, um unico que seja, que contrarie os dictames da razão. Prove-o, e eu, na mesma hora, abjurarei do catholicismo!

— Dulce! — exclamou a mãe, com um grito involuntiario — Dulce! por amor de Deus, que estás dizendo?

— Senhora! Minha Senhora! — exclamou igualmente o doutor, não menos estupefacto — a que extremos chegamos!

— Oh! não se assustem — retorquiu tranquillamente a joven — E' assim como lhes digo. Eu amo sincera e convencidamente minha religião, porque absolutamente sei, repito-o em todo o rigor da palavra, sei que é ella a verdadeira. Logo, sei que tudo quanto ella diz é justo e certo. Si um dogma, um só que seja, cahir, todo o edificio ruirá por terra. Falhando a Egreja num unico ponto siquer, nem uma unica de suas outras affirmações merece fé.

— V. Excia. é de uma logica implacavel, minha senhora!

— Mas vamos, doutor, estou á espera de suas provas!

— Desculpe-me, D. Dulce, não quero agora tratar de assumpto tão grave. Confesso mesmo que acredito laborar em erro num ou outro ponto, mas li com bastante interesse algumas obras sobre a religião.

— Que obras, doutor? Catholicas?

— Dulce, não importune assim tanto ao doutor — atalhou reprehensivamente a mãe; mas o dr. Barros respondeu:

— Não, minha senhora, muito pelo contra-

rio; esta conversa interessa-me profundamente, e são tão raras a sinceridade e a franqueza que nesta casa encontro, que as aprecio extraordinariamente... Não foram exactamente obras catholicas: Li Strauss, Renan, Max Nordau, Schopenhauer, e outros.

— O que quer dizer que foi pedir sobre a religião catholica o parecer de seus inimigos declarados, e, pelo menos, suspeitos. E isso será justo? Não deveria, de preferencia, o doutor procurar ouvir a voz dos que pertencem á Egreja?

— Perdão; concordo em que me não devo deixar levar exclusivamente pelas opiniões que aquelles escriptores sustentam; mas tambem suspeitos me parecem os filhos da Egreja, justamente por serem seus filhos.

— Não concordo, doutor. Quando o senhor quer informar-se, por exemplo, sobre a ultima descoberta na sciencia biologica, é ao camponez que se dirigirá? Ou será ao soldado raso que irá pedir informes sobre o desenvolvimento do feminismo? Quando precisa consultar alguma autoridade sobre um problema juridico, recorrerá ás luzes de um professor de linguas? Certo que não. Pois leia o doutor um bom livro apologetico, dando-lhe só o valor que lhe merecem seus argumentos, e diga-me, depois, si a Egreja, por qualquer de seus dogmas, violenta a razão, e, assim, naturalmente, a consciencia...

— Mas que conversas são essas, minha filha! Você está aborrecendo o nosso bom amigo! — interrompeu de subito o commendador, que chegava.

— Ora, papae, então a gente se deve sempre preoccupar de coisas futeis?!

— Em nada me importuna, meu amigo — disse Antonio — Pelo contrario, eu desejaria conseguir obter sempre destas palestras, embora me visse vencido.

— Ah! o senhor tambem vencido? A' mi-

nha filha metteu-se-lhe na cabeça converter o mundo inteiro — disse, gracejando, o sr. Castro.

— Oxalá pudesse eu conseguil-o, papae!

— E começarias certamente por casa, não é?

— Ora, papae, isso não é para gracejos...

— Então, eu sou mesmo assim tão máu?

— Tu és meu bom, meu querido paezinho que eu amo de todo o coração. Mas si tu praticasses a religião, si nos acompanhasses á mesa da sagrada Communhão, oh! então tu serias o melhor de todos os melhores paes do mundo!

— Olha, filhinha, a mesma panacéa não é util para toda gente. A religião, para o povo baixo, para as classes inferiores, como freio a contel-as, vá lá, eu admitto; mas para gente instruida...

— Que attenção ás tuas filhas! — disse Dulce, meio gracejando, para continuar, séria: — Não são os muito instruidos que menos della precisam. Sem religião, elles só pódem tornar-se perversos e perniciosos, e é das suas fileiras que sáem os defraudadores dos dinheiros publicos, os caudilhos e chefes revolucionarios sem um ideal nobre; os ridiculos, mas damninhos tyrannetes das republicas noveis... e depois, papae, onde é que começa a instrucção que dispensa a pratica religiosa? No terceiro de engenharia de machinas ou no segundo anno de direito? No burguez, que arrebenta e apodrece de rico e assigna *O Malho*, ou no caixeiro da esquina, que lê Emile Zola?...

Todos riram, irresistivelmente, diante da vivacidade da joven apologista christan.

— Bem, agora chega, filhinha. Nosso hospede e amigo deve estar cansado, e creio que teremos de ouvir ainda algum trecho de musica de tua amiga Julia, que está louca por fazer-se ouvir.

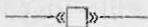
— A proposito, D. Dulce, que me dirá a senhora das maximas religiosas dessa moça? Francamente me disse D. Julia que pouquissi-

mo estudou, e tão sómente confia ser feliz no conservatorio, contando até com o primeiro premio, apenas por se haver empenhado com Nossa Senhora Auxiliadora, e porque resolveu deixar, durante todo o tempo que durarem as provas, arderem duas velas no altar de Santo Antonio! Que dogma da Egreja é esse, D. Dulce?!

— Não, não ha de ser com tanta facilidade que me pegue, dr. Barros! O *dogma* da substituição de applicação nos estudos por exercicios de piedade e velas a queimarem-se num altar, ainda está longe, oh! por extravagante, longe de ser proclamado... ou talvez o seja um dia por alguma egrejinha positivista, ou algum circulo espirita, ou alguma loja maçonica, ou, mesmo — quem sabe? — por algum parlamento illustradissimo... Pela Egreja catholica é que nunca foi, nem é, nem será. A Egreja prohibiu a preguiça e a declarou um dos peccados capitaes!

— Está ouvindo, doutor? Minha filha é terrivel nessas coisas de religião!

— Não, papae, não sou terrivel. Apenas defendo o que me é tão caro, e que desejava fosse igualmente caro a toda gente. Nada tenho a vêr com a falsa piedade, e muito menos deve ella ser imputada á Egreja catholica, que positivamente a repudia...

romperam nesse momento as primeiras notas da sonata op. 10 de Beethoven. Julia não se contivera, e não podia mais esperar o fim da animada palestra, que ameaçava eternizar-se, e que, si não cessasse, a impediria de antegozar o triumpho que haveria de conquistar no proximo concurso do conservatorio: o glorioso 1º premio...

XI

Moderno?

Presa de uma forte necessidade de concentrar-se, de ficar só, Antonio se recolheu ao caramanchão florido do jardim do bello palacete, a reflectir sobre as multiplas e variadas impressões que recebera nesses ultimos dias, e, para conseguir esses minutos de isolamento, valera-se do pretexto de precisar um pouco de repouso. Pela manhan estivera no morro de Santo Antonio, onde assistira á Missa mandada celebrar em acção de graças pelo feliz regresso do commendador, e onde encontrou, com surpresa, Frei Estevam, companheiro de bordo.

Manteve com o religioso animada palestra quando, depois da missa, o commendador seguiu a visitar o convento, a convite do Guardião, frei Diogo, emquanto na egreja as senhoras faziam sua acção de graças á santa Communhão, que acabavam de receber.

— Folgo immenso em vêl-o, doutor.

— Agradecido, sr. padre. E' com prazer que me recordo de nossas palestras de bordo. Hoje, si o tempo m'o permitisse, desejaria trocar com o senhor algumas idéas sobre certos pontos que bastante me preoccupam.

— Como sabe, estou sempre ás ordens. Vamos passeiar um pouco aqui, por este quadro... si o não incommoda o ar do claustro, que, talvez com perigo para suas convicções, respirasse aqui — disse o religioso, gracejando.

— Sim, convicções... convicções!... Começo a crer que me não são ellas tão inabalaveis como sempre me pareceram.

— Alguma novidade, doutor?

— Sim e não. Nada houve de extraordinario, nada que pudesse interessar a attenção da multidão, e, entretanto, houve muito, que a mim me impressionou seriamente.

— ?!...

— V. Revma. conhece a familia do commendador. O pae não é nada religioso, mas a mulher e as filhas o são. A mais velha, então... nem se fale! E o que me irrita é que eu não posso responder com vantagem a seus argumentos. Hontem chegou ella ao cumulo de prometter abjurar do catholicismo, si eu conseguisse provar-lhe a impossibilidade ou o contrasenso de um unico dogma que fosse! Um escandalo!... Ella fala com uma segurança, e eu não sei como é que uma mulher, que não estudou philosophia, póde assim avançar proposições tão ousadas.

— Póde, doutor, póde avançal-as com a mais serena confiança. Nenhum escandalo ha nisso, nem no que ella prometteu, pois justamente toda a nossa força e felicidade está em que todos nós, illustrados ou não, temos absoluta certeza da verdade da nossa fé.

— ?!...

— Desanime, doutor. Não ha sciencia que consiga minar as bases do catholicismo. Gran-

des espiritos tentaram a aventura, mas foram infelizes.

— Mas isso não quer dizer que no catholicismo não haja muita coisa que repugne á san razão?

— Eu affirmo justamente o contrario, e é que nem o doutor, nem qualquer outro, jámais conseguiu nem conseguirá demonstrar a falsidade em um unico dogma siquer da Egreja catholica.

— Isso é um pouco forte, reverendo!

— Tão pouco, que assumo o compromisso que, na occasião de que fala, tanto o surprehendeu: no dia em que me provar a contradicção ou a falsidade que haja em um só dogma da religião catholica, eu atirarei decididamente este habito ás urtigas, e abandonarei o sacerdocio!

— Padre!...

— Asseguro-lhe que o farei, e commigo farão o mesmo todos os meus companheiros, pois, comprehende o doutor que, si não o fizessemos, não passariamos de miseraveis hypocritas.

— O senhor me parece muito convencido de sua religião!

— Não pareço, estou absolutamente convencido!

— Mas, muitos espiritos superiores...

— Pois não, eu sei que se esforçaram por provar que existe o absurdo na religião catholica, mas jámais o conseguiram.

— Não?...

— Vamos ás provas, doutor. Para que tantos rodeios? Prove-me, como lhe pedi, e lá se irão meu habito e o de meus irmãos de Ordem, e amanhan terão os jornaes farto manjar para um prato sensacional!

— O senhor tem affirmações muito categoricas, mas não negará que o christianismo tem algo de antiquado, que a propria pessôa

de seu fundador não se coaduna bem com os tempos modernos.

— Modos de vêr, meu caro senhor! Para começar por sua ultima observação, que é que não ficaria bem a Christo, si vivesse hoje na capital federal, por exemplo?

— Ora, sr. padre! Seria um escandalo! Teria elle uma sorte muito peior do que a que teve em Jerusalém! O que delle os Evangelhos narram, absolutamente não serve para os nossos tempos.

— Hum! Vamos vêl-o já, ao menos em parte. Far-lhe-ei um rapido resumo da vida de Christo, segundo os evangelhos, e o doutor me dirá em que ponto os sentimentos modernos são offendidos.

— Mas, em tudo!

— Mais de vagar. Vejamos: o tempo ao qual se referem os relatorios, a que chamamos os Evangelhos, é o da alta cultura sob os imperadores Augusto e Tiberio, successores do grande Cáio Julio Cesar. As sciencias e artes greco-romanas dominam o oriente. Os homens de então chamam-lhe desdenhosamente «o filho do carpinteiro». Elle prefere a si mesmo chamar-se o «filho do homem», e sua mãe, por aviso sobrenatural, chama-lhe «Jesus».

Nasceu, por occasião de um recenseamento, fóra das portas de Belém, e fóra das portas da capital, mataram-n'o, numa cruz, condemnado pelas autoridades civil e clerical. Nota-se e regista-se alguma coisa de extraordinario: sua mãe é uma virgem. Referem as chronicas que seres luminosos cantaram melodias suaves no espaço, e communicaram a alguns apascentadores de rebanhos que o Messias nascera, e onde e como poderia ser encontrado. Um cometa faz tres astronomos procurarem o recem-nascido, que, pouco depois, é obrigado a fugir para escapar á perseguição dum tyranno do paiz: Herodes, vassalo dos romanos. A familia, regres-

sando afinal á sua terra, vive escondida; são descendentes empobrecidos de antiquissima familia real, que cahira no infortunio. Aos 12 annos, por seu talento, já então dito phenomenal, o menino desperta a attenção dos notaveis de Jerusalém; e, desde então, os relatorios nada dizem delle, até ao tempo em que elle se apresenta prégador e fundador de uma pequena escola, com 12 homens, que lhe ouviam a doutrina, e dos quaes um era perverso. Encontrar-se-á até aqui alguma coisa que offenda o nosso sentir moderno?

— Não. O sr. tem uma maneira original de narrar...

— Não é minha: refiro-lhe alguma coisa que li na revista *Leuchtturm*.

— Não ha duvida que é interessante. Mas, a continuar assim, tropeçará fatalmente, pois é justamente a vida publica de Christo que hoje se não comprehende mais.

— Acha isso? Vejamos ainda. O humilde filho de um operario patenteia dotes oratorios admiraveis, mesmo phenomenaes. Como que fascinadas, positivamente empolgadas, as multidões o seguem. Quando elle passa, as ruas enchem-se; quando elle fala, não ha sala, nem rua, nem praça que possa conter toda a gente ansiosa de ouvil-o e vêl-o. Elle prefere discorrer ao ar livre, especialmente a bordo de um barco, no qual, livre do atropello da massa, consegue ainda a vantagem de melhor se fazer ouvir, pois as aguas favorecem a acustica.

«Fala com a maxima clareza. Suas imagens são precisas e nitidas. «Vêde os lirios (repare que elle não diz simplesmente «as flôres»); «não cáe do telhado nenhum pardal» (elle não diz em geral «nenhum passaro»); «uma mulher perde uma drachma» (não generaliza «uma moeda»); «um homem vae de Jerusalém a Jerichó» (e não: faz «uma viagem»). Tudo quanto elle diz é muito profundo, muito novo, e impres-

siona fundamente. Infelizmente, só conhecemos delle poucas palavras e phrases. Seus discursos não nos foram transmittidos na integra... Está ainda ouvindo, doutor?

— Escuto-o com todo o interesse; até agora nada tenho que replicar. Mas... Christo e a sociedade... eis ahi uma difficuldade.

— Continuemos a vêr. Os cathedraticos de seu tempo foram seus adversarios, porque elle não estudára em suas aulas, e mais de uma vez pôz em apuros diante do povo esses senhores e outros notaveis. Lança-lhes em rosto suas baixezas, empregando expressões por vezes bastante duras: «Hypocritas, adulteros, raça de viboras». Evidentemente não é um diplomata, pois ao ruim chama-lhe ruim, e não usa luvas de pellica...

«Por outro lado, sabe tratar a cada qual com finas maneiras e conforme o caracter de cada um, a Nicodemus, a Pedro ou á Samaritana; mas não busca a popularidade.

«Discutindo com os adversarios mais eruditos, jámais lhe faltam argumentos luminosos; seus contradictores têm de calar-se ou de confessar-se vencidos. Não faz questão de auditorio numeroso. A's vezes discorre longas horas, até mesmo á noite, com um ou outro. E' em extremo bondoso e delicado com as senhoras, até mesmo com as que não gozam de bôa fama. E' asceta, mas nada tem de rispido. Não prohibe que em sua honra uma senhora gaste balsamo que custou carissimo, uns 150$000. Comparece a um casamento, e auxilia aos noivos na situação difficil em que se encontram, facilitando-lhes amavelmente vinho delicioso.

«Conhece as regras da bôa cortezia; hospeda-se tanto com seus habeis adversarios, quanto com os publicanos odiados por todo o povo. E, coisa digna de nota especial: o grande homem aprecia as creancinhas; exhausto do trabalho, chama-as, acaricia-as, abençôa-as...

«E' patriota. Chora pela desgraça de sua nação... Tem um coração grande e sensivel, que aprecia a amizade. A morte de seu amigo o faz chorar em presença de toda a gente. Cura a muitos de um modo maravilhoso, por toda a parte; mas, e isso é digno tambem de nota especial, seus feitos extraordinarios não são de ostentação, são todos elles obra de compassiva caridade.

«E sua delicadeza em tudo isso! Elle diz: «E' tua fé que te salva; não fales nisto, mas sê bom». Como tudo isso é fino, é delicado, é doce! E, no entanto, possue uma colossal riqueza de idéas e uma série de maximas ethicas simplesmente grandiosas! — Posso continuar, doutor, ou tem alguma observação a fazer?

— Fale, padre; continue.

— O tragico, mas grandioso final de sua vida é assim como que uma obra prima de arte, superior a tudo quanto imaginar se possa. Vê-se que elle quer soffrer, que elle quer com a majestosa vontade de um homem de convicções sobrenaturaes, divinas. Responde aos juizes, inimigos e algozes com a tranquilla dignidade de rei. Seu silencio perante o affeminado Herodes, quando uma unica palavra de seus labios o teria salvado, é de uma grandiosidade que se impõe. O proprio Romano orgulhoso, que o devia julgar, amedronta-se diante dessa pasmosa tranquillidade, dessa sublimidade jámais vista.

No auge da miseria, diante do populacho em furia, elle permanece calmo, silencioso, concentrado. Suas ultimas palavras impressionam a alma de quem quer que pense um pouco. São termos de um programma; são a assignatura em sangue sob a sua admiravel doutrina ethica.

Facil é dizer na época venturosa: «Ama teus inimigos». E ali... O populacho desalmado e cruel, sem sentimentos humanos, insulta-o; por leito tem elle o madeiro infamante da cruz a que o pregaram; e elle sempre bom, sempre

tranquillo, sempre soberano... Apenas diz ao seu Eterno Pae: «Não sabem o que fazem... Perdôa-lhes!»...

Sente compaixão pelo malfeitor que vae morrer ao seu lado, e que, (é admiravel!) é o primeiro a comprehender o poder e o reino espiritual deste homem alanceado. Vê concluida sua obra grandiosa, e então não esquece o coração de mãe que ali soffre, traspassado pela espada das angustias, e diz-lhe uma palavra meiga, amorosa, acariciante, accrescentando logo após, com simplicidade e singeleza, o quanto soffre na alma e no corpo, e conclue, quando tudo está consummado: «Pae, voltas a ser o pae da terra — em tuas mãos entrego a minha alma».

Estupendamente grandioso até ao fim! Não tem razão Rousseau quando diz que «si esta vida foi inventada por alguem, o inventor della é Deus»?

— Tem — respondeu simplesmente Costa Barros. E ambos ficaram silenciosos durante alguns momentos. Pouco depois, continuou o franciscano:

— E o filho do operario não deixou a menor duvida sobre o sentido de sua palavra. Si elle, que sempre se apresentou tão bom e logico em tudo, não foi um impostor, cumpre-nos acreditar no que elle mesmo deixou dito: «Eu e o Pae somos um».

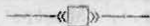
Só o Altissimo póde descarregar as consciencias; Christo o fez, dizendo na presença de seus mais rancorosos inimigos: «Vae; teus peccados te estão perdoados». Com raiva furiosa e indignação mal refreiada, os olhos em chammas de seus adversarios interrogam: «Com que direito?» E elle responde: «Para que vejaes que o filho do homem tem poder para perdoar peccado, digo-te a ti: levanta-te, toma tua cama e anda». — Perdôa, pois, por poder proprio.

Diante de todo o povo se faz o centro da humanidade, que resolve sobre a ventura ou desgraça eternas, conforme o que com *elle* fizerem: «*Eu* estava faminto, *eu* com sêde, *eu* nú, e não *me* déstes de comer, e não *me* déstes de beber, e não *me* vestistes».

Diz a Pedro: «*Eu* te dou as chaves do céu». Apresenta-se dono do templo, que era exclusivamente de Jahvé.

Exige que se lhe tenha amor maior que a pae e mãe. Amor mais santo, mais fundo do que o que a natureza reclama, só o Supremo Senhor o póde exigir... E do proprio poder dá força aos discipulos, para que ordenem ás proprias leis da natureza...

. . . .

E o dr. Costa Barros, rememorando no caramanchão florido todas estas palavras que pela manhan ouvira da bocca do religioso, ainda até agora nada descobrira que lhes replicar...

XII

Trama ás occultas

o mesmo dia em que na egreja do convento de Santo Antonio se rezava a Missa em acção de graças pelo regresso feliz do commendador e Judith ao seio da familia, o *Jornal do Brasil* publicava, entre outros, o seguinte «aviso»:

Aug.·. e Resp.·. Loj.·. Silencio Nocturno

Conforme o resolvido em sess.·. e de ordem do Resp.·. Mestr.·. convido os OObr.·. do Quadr.·. a comparecerem hoje para sess.·. extraord.·. e discussão sobre assumpto importante.

Rio de Janeiro, ... de Outubro de 1910.

Mauricio de Cantagallo Silva, 18.·. Secr.·.

Era por volta das 9 horas da noite, quando os primeiros IIr.·. convocados para a importante reunião chegaram á *officina* da rua do Cattete, alguns raros em grupos, outros, a

maioria, isoladamente, alguns mesmo cosendo-se á parede, com largos chapéus e a gola dos casacos levantada, como si temessem ser reconhecidos. Outros palestravam alegremente, mesmo na rua, e entravam no recinto, depois dos signaes de reconhecimento, discutindo assumptos politicos e discorrendo sobre os recentes successos de Portugal.

— Torna-se urgente dar um passo decisivo — disse o Ir.·. 2º Vigilante ao Ir.·. Orador. — As circumstancias tornam a occasião actual favoravel, como jámais se nos apresentou antes. O Nilo é nosso. Depois daquelle carola que era o Affonso Penna, não poderiamos encontrar quem melhor nos conviesse a favorecer-nos na tarefa de promover o bem da humanidade.

— Eu, por mim — replicou o outro — não gosto grande coisa do Nilo. Você sabe do que se diz sobre o contrato da...

— Ora! O Nilo tem invejosos... E depois... (o Ir.·. Vigil.·. piscou velhacamente os olhos)... toda gente deve aproveitar as occasiões... Dizem com razão os arabes que a bôa occasião é calva, e só tem um tufo de cabellos no topete: si não a agarramos de frente, depois não a pegamos mais... E para muita gente um bom contrato offerece margem excellente para tanta coisa... Por que não aproveitar?

— Acha que é assim? Pois seja, mas commigo eu não acceito semelhante theoria e, por honra do Nilo, creio em machinações de seus invejosos. Ou maçon ás direitas e cidadão honesto, ou então, que o mandem á fava!

— Eh! calma, meu velho! Não vale zangar-se por tão pouco. Mas, a proposito: o Ven.·. encarregou-te apenas de saudar o 1. Vigil.·. que regressou da Europa?

— Apenas isso.

— Pois, olha, que te posso communicar

uma novidade: sei que o Ven.·. foi pessoalmente ao Cattete, falar ao Nilo, afim de que com segurança se prepare um golpe decisivo contra essa fradalhada, corrida de todos os paizes civilizados, e sem duvida vae participar hoje aos...

— Muito bôa noite, senhores! — interrompeu uma voz conhecida.

— Oh! bôa noite, commendador! Mas venha cá... mais um abraço, que é sincero...

— Obrigado, meus amigos, obrigado!

— Não é preciso perguntar como foi de viagem: voltou gordo e forte.

— Os amigos, felizmente, mostram-se da mesma fórma, bem dispostos.

— Vive-se bem no Rio — disse o 2. Vig.·. — E' isso aqui um delicioso *El-dorado!*

— Bem o sei eu — confirmou o commendador. — Por certo, a Europa é bella, mas eu cá por mim prefiro-lhe o nosso bello Brasil...

A sessão ia abrir-se, e os palestradores foram interrompidos por um golpe secco do malhete, indicando o inicio dos trabalhos.

O Ven.·. envergava a faixa negra, orlada de branco, guarnecida de franjas de prata, e tendo bordados os attributos correspondentes ao gráu 33. A' cinta trazia igualmente larga fita preta, com franjas de prata; um punhal, com lamina tambem de prata; o avental preto, orlado e franjado com a faixa, e, no centro, uma cruz teutonica, de fundo vermelho, com o algarismo *33*.

Formava singular contraste com esse equipamento a fita escarlate achamalotada que pendia do pescoço do Ir.·. Secr.·., forrada de preto, com uma cruz tambem escarlate. Tinha como *arma* uma cruz com a rosa mystica, o pelicano com os 7 filhos, num segmento de circulo, tudo enfeixado por um compasso encimado por uma corôa. O avental, de setim branco, com uma cruz escarlate e orlas da mesma côr.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, com uma nova pancada de malhete o Ven.·. deu a palavra ao orador, na vida civil um tal Francisco Rosa de Salles, que, depois de uma invocação ao Supremo Architecto do Universo, apresentou as saudações de bôas vindas ao 1º Vig.·. da Aug.·. e Resp.·. Loj.·. Silencio Nocturno, commendador Marcos de Castro Moreira, affirmando-lhe em testemunho o alto apreço de todos os OObs.·. e enaltecendo-lhe as qualidades, das quaes, affirmou, a primeira era sua extraordinaria beneficencia, sempre e francamente a serviço dos Ir.·. necessitados.

Os applausos resoaram, e o festejado agradeceu a homenagem dos Ir.·. da Aug.·. e Resp.·. Loj.·.

O Ven.·. em pessôa usou então da palavra. Relembrando as theses publicadas no *Boletim Official* do Gr.·. Or.·. do Brasil, em Dezembro de 1908, e approvadas no 1º Congresso Nac.·. Maç.·., que teve logar no Rio de Janeiro, de 14 a 24 de Junho de 1909, fez vêr que o tempo chegára para que as *Officinas* e os *Orientes Estaduaes* tratassem de pôr essas resoluções em pratica.

— Pela 10ª these, solemnemente approvada — continuou o Ven.·. — o 1º Congr.·. Maç.·. condemnou como «contraria á moral, retrograda e anti-social a existencia de corporações religiosas, que segregam sêres humanos da sociedade e da familia». Ora, mais uma horda dessas negras aves de arribação, com os successos de Portugal, onde nossa santa causa maçonica está em pleno triumpho, agora emigra e ameaça o Brasil. Urge a defesa intransigente dos nossos portos, que absolutamente não pódem ser franqueados a jesuitas e quejandas companhias tenebrosas, mórmente quando, por crimes notoriamente conhecidos, vão sendo elles corridos de todas as nações civilizadas. Trata-se de defender a honra nacional: o Brasil,

transformado em um paiz retrogrado, carola, beato, isso nunca!

Alguns applausos animaram o Ven.·., que proseguiu:

— Certo de vosso apoio, queridos Ir.·., fui antehontem entender-me com o DD.·. Obr.·. de altos gráu e investidura em nossa Aug.·. Ins.·. e que, actualmente, dirige os destinos do paiz. Por si só, S. Excia. não póde tomar a iniciativa que todos nós ansiosamente desejamos, porque, infelizmente, ainda é bastante forte no Brasil o clericalismo fanatico. E', pois, mistér que de todas as *Officinas*, de todos os *Orientes* dos Estados, do Gr.·. Or.·. em peso, parta o grito de alarme contra o Jesuitismo ameaçador. E' mistér que de todos os lados chovam os protestos contra o livre desembarque dos jesuitas e frades expulsos da Europa, para que o nosso DD.·. Ir.·. que, felizmente, se acha no Cattete, esperança do Gr.·. Or.·., marque, com pulso de ferro, nova época nos fastos da historia do Brasil. Proponho, pois, a nomeação de uma commissão que se vá entender com o illustrissimo sr. dr. Nilo Peçanha, dd. presidente da Republica, a respeito das providencias a tomar-se contra o perigo imminente da invasão fradesca, que nos ameaça.

Os applausos estrugiram. Serenavam apenas, quando o 1º Vigilante, com uma pancada de malhete, pediu a palavra. Movimento geral de attenção... A opinião do Pod.·. Ir.·. 1. Vig.·., commendador Marcos de Castro, tinha sempre muito peso nas resoluções da Loj.·.

O 1. Vig.·. lamentou ter de discordar do Ir.·. Ven.·., logo na primeira sessão a que assistia, de volta da sua viagem á Europa, apesar de lhe haver o Ven.·. merecido sempre o maximo e mais justo acatamento. Lembra que qualquer medida dessa ordem iria provocar enorme celeuma, sem, de maneira alguma, favorecer o triumpho das idéas maçonicas. Passou, em

seguida, a demonstrar que a proposta era positivamente contraria á «Constituição e Regulamento Geral do Gr.·. Or.·. e Supr.·. Cons.·. do Brasil», que, já no titulo 1., art. 2., dizia: «A Maç.·., cuja divisa é *Liberdade, Fraternidade, Egualdade*, tem por principios a tolerancia, o respeito mutuo, e a liberdade absoluta de consciencia».

— Peço, por isso — terminou o commendador — que a nossa Aug.·. e Resp.·. Loj.·. absolutamente se abstenha de promover e auxiliar qualquer medida contraria á tolerancia, ao respeito mutuo e á liberdade absoluta de consciencia.

— O Ir.·. 1. Vig.·. — replicou o Ven.·. — comprehende perfeitamente que nossa augusta constituição não deve ser interpretada pela letra, e sim pelo espirito. E' tradicional na Maç.·. o combate ao jesuitismo, a frades e freiras, e, si uma duvida inda pudesse haver a respeito, teria sido ella dissipada pelas inequivocas resoluções do nosso 1º Congresso, realizado ha um anno nesta capital, e no qual a Aug.·. e Resp.·. Loj.·. Silencio Nocturno tomou parte activa e saliente.

— Apoiado! Apoiado! — gritaram alguns Ir.·.

Por uma pancada de malhete o Ir.·. Orad.·. pediu a palavra, que lhe foi concedida.

— Eu devo apoiar incondicionalmente, DD.·. OObr.·. da Aug.·. e Resp.·. Loj.·. Silencio Nocturno, o que ha pouco expôz o nosso digno e distincto Ir.·. 1. Vig.·. Devo mesmo accrescentar que a proposta do dd. Ven.·., além de ser contraria á Const.·. do Gr.·. Or.·., é igualmente contraria á Constituição da Republica, pelo que seria uma imprudencia fornecer aos clericaes uma arma, que seria a de apontar-nos ao paiz como revolucionarios e adversos á Constituição republicana. Os textos do art. 72, paragraphos 1 e 3, além de outros, da

Constituição de Fevereiro, não deixam permanecer duvida sobre si é ou não é absolutamente livre a entrada no territorio nacional, em tempo de paz, e independente de passaporte, de toda e qualquer pessôa, de qualquer nacionalidade, e sejam quaes forem suas crenças politicas ou religiosas. Nestas condições...

— Permitta o Ir.·. Or.·. — interrompeu o Ven.·. — que eu aqui manifeste minha dolorosa surpresa diante da teimosia irritante, com que vejo combatido um projecto absolutamente conforme ao espirito de nossa instituição. E devo lembrar que agora, depois de combinada uma acção commum com os altos poderes maçonicos e os Veneraveis das outras LLoj.·., é impossivel recuar.

— E eu peço licença para notar — respondeu o commendador — que até hoje nos foi sempre reconhecido o pleno direito de manifestar nossas idéas e defender as convicções que nos sejam proprias; e que o facto de insistir nellas não póde ser interpretado como irritante teimosia! Aonde chegariamos nós, si...

— O Ir.·. 1. Vig.·. parece esquecido de que eu aqui sou interprete das resoluções do Gr.·. Mestr.·. do Gr.·. Or.·. do Brasil, e, pois, a todos cumpre acatar a opinião que aqui exponho

— Já que se trata de um facto consummado — replicou o commendador, profundamente agastado — só nos resta obedecer ao preceito do *bico calado!*... Si, porém, a Loj.·. ainda não foi degradada á categoria de uma congregação de imbecis ou de escravos inconscientes, a cada um de seus membros deve ser reconhecido o direito de acceitar ou rejeitar qualquer proposta que lhe seja apresentada em sessão.

— Infelizmente — retrucou o Ven.·. — parece que se confirmam as minhas suspeitas de que, talvez por influencia de alguma pessôa de

familia, o nosso Ir.·. 1. Vig.·. já se acha sob o guante do jesuitismo...

— Mas eu não permitto a ninguem, nem mesmo ao Ven.·. de nossa Loj.·., immiscuir-se na vida privada de minha familia. A allusão, já em outro tempo feita, de que merecia eu censura por haver feito educar minhas filhas em Sion e meu filho num collegio de jesuitas, torno a repellir como affrontosa para minha dignidade!

— Entretanto, o Ir.·. 1. Vig.·. está provando que não conseguiu isentar-se da influencia jesuitica, e devo prevenil-o que...

— E' de mais! — exclamou o commendador. — Si aqui, pelo proprio Ven.·., é violado ás escancaras e directamente um dos artigos fundamentaes da Const.·. do Gr.·. Or.·., com graves offensas a um Ir.·. e applausos dos OObr.·., retiro-me...

— E eu acompanho-o — interveiu o Ir.·. Orad.·. — Não posso permittir injurias a um Ir.·., nem tão pouco esse manifesto despreso pela nossa Const.·..

— Deixem que se vão embora os idiotas! — gritou, furioso, o Ven.·., quando alguns OObr.·. os queriam reter.

Durante alguns momentos reinou confusão e gritaria na sala, até que o commendador e o sr. Salles a abandonaram.

— Perdemos dois dos que melhor concorriam para o *tronco* — observou um dos maçons.

— Principalmente o commendador, que é benemerito e tem grande influencia...

— Ora... afinal, a violencia do Ir.·. Ven.·. foi demasiada. Elle podia ter evitado tudo.

— Podia. Não ha duvida que podia!...

Minutos depois, com uma vibrante e raivosa pancada do malhete, o Ven.·. encerrava a sessão, que tão mal correra, e logo, na mesma hora, correu a consultar, sobre o escandaloso e difficil caso, o dr. Lauro Sodré, Gr.·. Mestre.

XIII

Duas irmans

elegante pateo central do palacete do commendador, assoalhado de mosaico, era coberto por uma graciosa vidraça, que poisava sobre esbeltas columnas de marmore branco. Aos quatro lados estendiam-se largos corredores, decorados com chic originalidade, e pelos quaes se ia, á direita, até aos aposentos de Marcos e de sua esposa, e, á esquerda, aos dos filhos. Dois salões de visitas, um muito maior que o outro, encontravam-se na frente do edificio, emquanto a sala de jantar, disposta com fino gosto, era situada na parte posterior. Duas janellas de sacada, á frente do palacete, davam um ar aristocratico e distincto á grande casa, que sobresahia muito branca do fundo verde e florido do jardim.

Seria pouco mais de 11 horas da noite. Nos aposentos do casal não havia luz. D. Sinhá, presa de enxaqueca, deitára-se cedo, e o commendador, que voltára de pessimo humor da sess.·. extraord.·. a que assistira na loj.·. da rua do Cattete, não viera de animo para palestrar. O dr. Barros retirára-se para o quarto que lhe fôra gentilmente offerecido, pretextando a ne-

cessidade de escrever algumas cartas; e Carlinhos, havia mais de hora e meia, se recolhera a dormir.

Apenas no quarto da filha mais moça notava-se alguma luz. Judith já se havia deitado, quando veiu Dulce procural-a.

— Sentes-te muito cansada, Judith? Si sim, não te quero privar do somno...

— Oh! não! estivemos separadas tanto tempo, que até gosto de ter-te um momento para mim só.

— E eu, Judith! Não imaginas as saudades que senti durante tua longa ausencia — respondeu Dulce, beijando carinhosamente a testa da irman. — E agora, mal te apanhamos de novo comnosco, já pensas em deixar-nos de novo!...

— Psiu! queridinha! Além de ti, só mamãe sabe que Alfredo amanhan vem pedir minha mão.

— E tu gostas mesmo muito delle?

— Si gósto!... Ah! Dulce, nem eu sei dizer-te quanto gósto delle! Na verdade, sinto ter de deixar-te, e á mamãe, e ao papae, e ao Carlinhos... mas, afinal, não ficarei longe de vocês todos.

— Tu, indo-te embora, Judith, eu me sentirei muito só. Parece-me que o sol, a luz, o calor, a alegria, vão deixar esta casa...

— Não digas isso, Dulce. Papae sempre tem dito que tu és o sol da casa, e bem sabes quanto elle te quer bem.

— No entanto, está elle muito longe de satisfazer meu mais ardente desejo. Ainda hoje...

— Elle te disse alguma coisa?

— Não, mas ainda esta noite foi ter com aquelles taes seus amigos, que lhe fazem tanto mal.

— Foi á loja? Impossivel!

— Infelizmente é a verdade: o *chauffeur* disse-m'o.

— Oh! e eu que tinha ficado com tantas esperanças, depois de vêr papae tão indignado com o que os maçons fizeram em Lisbôa!

— Ah! Judith, eu ás vezes desanimo. Já fazem tantos annos que rezamos, e rezamos para que papae deixe afinal a maçonaria e se torne catholico praticante... e nada, nada até hoje!

— Quem sabe, Dulce? Na viagem toda não tive motivo para queixar-me delle. Talvez sua conversão esteja mais proxima do que pensamos!

— Queres consolar-me... mas eu é que já me sinto muito desanimada...

— E isso dizes tu, que sempre foste tão forte, que sempre me animaste a mim, que tantas vezes me levaste a commungar, a visitar algum doente, tudo pela conversão de papae! Por que estás tão triste?... Tem coragem, maninha! — e ternamente enlaçou com os braços carinhosos a irman, que tinha os olhos rasos d'agua.

— Si estou triste é porque muito em breve me vou encontrar sózinha, sem mais ninguem a quem possa abrir meu coração e falar sobre papae. Bem sabes que mamãe, por melhor que seja — e ella é tão bôa! — não se deixa impressionar tanto quanto nós.

— Não penses isso, Dulce! Ainda que eu me case, não me hei de esquecer do grande favor que ha mais de 4 annos pedimos juntas a Deus. Continuaremos ambas a trabalhar no mesmo sentido, até alcançarmos a grande graça. Oh! e que alegria não será então!

— E teu noivo? Tens certeza dos seus sentimentos religiosos? Já me falaste nisso e eu mesma o conheço, mas... receio sempre; estes rapazes de hoje...

— Não, queridinha. Alfredo communga e não tem o minimo respeito humano. Não fosse elle assim, e eu, de certo, lhe não quereria tanto quanto lhe quero.

— Alegro-me em que seja elle assim, e por ti dou graças a Deus, que te fará feliz.

— O irmão mais velho de Alfredo, o Francisco, este me parece que é maçon, pois soube que foi visto entrar um dia com papae na loja da rua do Cattete, mas Alfredo é catholico ás direitas.

— Como seriamos felizes, Judith, si pudessemos dizer o mesmo de papae! Agora, nem se póde falar em assumptos religiosos, com medo de o offender ou magoar.

— E' pena, mas deixar estar que nossas orações não serão em vão, e sobretudo teus sacrificios, Dulce. Deus não póde deixar de recompensal-os.

— Queres encalistrar-me, Judith? Quando é que eu fiz qualquer sacrificio? Nunca fiz nada!

— Pois, sim. Os outros não perceberam, nem mesmo mamãe; mas eu vi quantas vezes te privaste de doce e de sobremesa; sei quantas vezes foste a limpar os quartos sujissimos de doentes pobres; sei com quanta paciencia preparaste creanças para a primeira Communhão; sei que mais de uma vez deixaste de ir a concertos, ao theatro, a passeio...

— Cala-te, por amor de Deus! — exclamou a moça, a cujas faces subira o rubor — Tu vês demais, onde não ha nada!

— Eu sei o que vi, Dulce, e só sinto não saber ser tão bôa como minha querida maninha...

— Isso agora é demais! Não fales assim, que me estás envergonhando! Vou deixar-te, queridinha, que já é tarde.

— Não; fica mais um pouquinho. Ha tanto tempo que não podiamos conversar assim como hoje... Mas, que barulho é este?

Ambas se puzeram á escuta.

— E' o doutor que de certo esteve escrevendo até agora e vae dormir.

— Deve ser. Como o achas tu? Eu sympathizei muito com elle, desde que o vi pela primeira vez, em Wiesbaden.

— E' sempre muito amavel e attencioso, e parece ser um espirito recto, embora tenham naufragado suas idéas religiosas.

— E' pena — disse Judith — que já depois de amanhan queira elle seguir no *Max* para Santa Catharina.

— Afinal, isso é bonito, pois soube que a mãe estivera doente, e não póde deixar de sentir ainda mais saudades della.

— E tem uma irman, Dulce, que, pelo que me contou, deve ser um verdadeiro anjinho.

— Tu me disseste que elle pretende mudar-se com a mãe e a irman para o Rio?

— Falou nisso a bordo, e creio mesmo que, hontem e hoje de tarde, papae e elle foram vêr para elle uma collocação conveniente aqui mesmo.

— Isso hoje é tão difficil!

— Papae arranjará. De mais, creio que elle é bastante rico para poder passar sem emprego, ao menos por bastante tempo.

— Sem emprego? Isso não o desejo para elle. O trabalho é indispensavel para a felicidade.

— Seria magnifico partido para ti, Dulcinha...

— Judith!... Não me digas isso! Que estás pensando?

— Ora! que elle parece gostar muito de ti; isso eu descobri desde o principio.

— Ainda que fosse verdade, Judith, e mesmo que eu tambem gostasse delle, não me posso casar...

— Uê! que é isso?... Que historia é esta agora, Dulce?

— Si eu tambem deixasse a casa, quem ainda trataria de papae? Mamãe não lhe diz nada. Seus máus amigos ainda o firmam mais em suas más idéas. Não; ainda que eu tenha

de sacrificar o amor mais ardente de meu coração, hei de fazel-o, para salvar a alma de papae.

— Tu és tão bôa, minha Dulce! E's tão grande, que até me envergonho diante de ti! Mas, por que pensar assim tão tristemente? Deus não ha de querer tantos sacrificios. Elle nos ouvirá já, porque tu és tão bôa...

— Não digas isso, Judith — respondeu Dulce, retribuindo affectuosamente o abraço e o beijo da querida irmanzinha. — Vaes resfriar-te com o ar da noite; eu estou mas é roubando-te o somno.

— Oh! quem déra que pudessemos estar sempre assim juntas a conversar...

O relogio da sala bateu as horas.

— Que horror, meu Deus! Já uma hora! — exclamou a mais velha. — Adeusinho, Judith, dorme bem, muito bem, e amanhan conta-me mais muitas novidades de tua viagem.

— Bôa noite, Dulce. Muito obrigada por tua visitinha. Até amanhan.

— Até amanhan.

. . . .

Judith não tardou em adormecer. A irman, porém, não conseguiu conciliar o somno. A idéa de ter de separar-se em breve de sua irmanzinha querida, sua confidente e amiga, e a visita de seu pae á loja maçonica, que cada vez mais parecia prendel-o em suas malhas, preoccupavam-n'a demasiadamente. Em vão se agitava de um lado para outro sobre o colchão macio e fôfo de sua estreita camazinha de donzella.

— Que mais poderei fazer por meu pae, Deus do céu?! Por que não poderemos tornar-nos felizes e tranquillos?... Judith tem confiança, ah! pelos sacrificios que eu faço... Mas que sacrificios faço eu?... Dormir em cama fôfa e macia, e bem agasalhada...

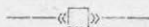
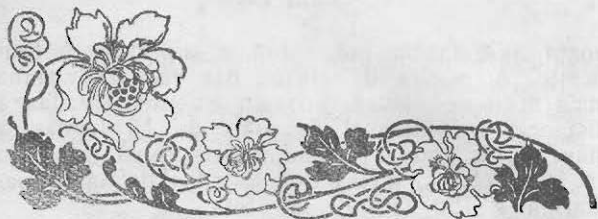
Subita idéa assaltou-a. Estremeceu... Não! Isso não era possivel... Não conseguiria dor-

mir... Mas... Por que não?... Amo meu pae, e não posso vencer minha commodidade egoista?...

E, com decidida energia, a delicada e formosa menina saltou da cama, collocou o travesseiro no tapete, e, tomando o cobertor para cobrir-se, estendeu-se no chão duro, para ali dormir a noite toda...

Quadro original em *boudoir* tão luxuoso!

E isso resolveu a gentil donzella fazer sempre, todas as noites, até que fosse conseguida a conversão de seu querido pae...

XIV

Innocencia

Uma como que pulverização de cinza enchia o espaço. O campo extenso, em vastidões amplissimas, afigurava-se como negro, e o gado, ávido, precipitava-se para os terreiros abertos pelas chammas devastadoras, a lamber com as largas linguas as cinzas que lhes deveriam substituir o sal.

Aqui e ali um tufo ou uma grama verde buscava tornar menos aspera e desoladora a devastação do campo, como arautos de capim novo e verde que, em seguida á queimada, viria brotar com seiva e rapidez incriveis.

Os enormes rôlos de fumo e cinza, elevando-se ennovelados para o ar, ennegreciam o céu, que se não tornaria tão cedo limpido e loução como antes, a não ser que sobreviesse uma chuva benefica. Do outro lado do Canôas, extensos taquaraes incendiaram-se, talvez por descuido de algum viajante, ou por alguma fagulha da queimada, que, levada pelo vento, houvesse trans-

posto a distancia por sobre a superficie borbulhante. A poeira de cinzas das taquaras, ainda mais tenues e leves, voavam e eram levadas á distancia consideravel de mais de 10 leguas, a manchar as roupas estendidas na relva, proximo ao Rio Pelotas, divisa dos Estados de Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Pouco mais de dois mezes antes, D. Helena, depois de haver recebido os santos sacramentos, das mãos de Frei José, havia entrado em franca convalescença; mesmo assim, de quando em vez, necessitava repousar ainda no leito, mas, especialmente nos claros dias de sol, conseguia a bôa senhora, sem maior fadiga, desempenhar seus deveres de dona de casa diligente na fazenda de São Januario.

O que agora a preoccupava dolorosamente, e enchia de apprehensões a casa toda, era o estado precario de saude da filha. Trudinha, que se sacrificára durante toda a enfermidade da mãe querida, velando-a dia e noite á cabeceira, emmagrecera e se debilitára a olhos vistos. A extrema pallidez, quasi livida, trouxera novo toque de belleza distincta a seus traços finos, dando-lhe algo de aristocratico, que lhe requintava os naturaes encantos. Delicadissima e tão debil parecia, que se acreditaria pudesse prostral-a uma rajada de vento. Receitaram-lhe tonicos e reconstituintes... debalde! Tomára-os todos, mas as côres da saude, aquellas lindas côres de outrora, não lhe voltaram mais.

O velho Cyrino, sabedor que era de que jámais o poderia fazer com o assentimento de sua linda menina, procurára ás occultas o Manoel Côxo, benzedor de maior voga em toda a Cochilha Rica, para que elle, ao menos de longe, rezasse uma bençam poderosa sobre a patrôazinha. Tudo em vão!...

Trudinha definhava cada vez mais, até que, finalmente, o proprio medico não mais desco-

briu remedio para ella, a não ser a indefectivel mudança de ar.

— Meu filho voltará por estes dias de sua viagem á Europa, doutor — disse D. Helena um dia ao facultativo. — Será possivel esperar a volta delle, para então sahirmos daqui?

— Sem duvida, minha senhora, principalmente agora que o verão vae começando. Com o bom tempo, aqui mesmo sua filha poderá entrar em francas melhoras, mas sempre aconselho a mudança de ares, que influirá muito salutarmente sobre a sua constituição bastante debilitada.

Uma chuva benefica, forte mas rapida, limpou a atmosphera, e logo após irrompeu o sol com seus raios quentes, doirando o ambiente e fazendo mais celeres brotarem as plantações e as hervas.

Despertou-se como que uma grande alegria de viver. As emanações balsamicas da floresta, o cheiro estimulante das mattas de detraz da fazenda, convidavam a procurar nellas esse tonico, que tumultua na exuberancia das seivas que aviventam os robles e as plantinhas tenras e as enredadeiras.

As duas senhoras dispuzeram-se e foram em passeio á matta proxima, cortada por uma *picada*, que vinha de uma fazenda dos arredores. O chilreio dos passaros em seus ninhos, nas arvores copadas, ou a saltitarem alacres de ramo em ramo; o murmurio mysterioso e poetico do regato limpido, que serpenteava em plena floresta; as exhalações sadias e fortes de toda essa vibrante natureza em flôr; a calma tranquilla e majestosa, apenas interrompida pelo canto das aves e o rumor confuso dos insectos multicôres; as dansas caprichosas das borboletas polychromas — tudo isso deliciosamente encantava, animava, dava á alma e ao coração uma violenta e ardente alegria de viver.

Falavam pouco as duas senhoras, embebida cada uma em seus pensamentos; e, quando, porque a tarde se adiantava, D. Helena demonstrou o desejo de regressar a casa, onde tinha serviços urgentes em que cuidar, Trudinha, que se sentia muito melhormente disposta nesse dia, pediu-lhe com carinho que a deixasse ficar mais um pouquinho.

— Já que tu o queres, filha... Sinto-me tão contente por vêr que te faz bem um dia tão bonito. Estou certa de que vaes melhorar muito.

— Sim, mamãe; sinto-me hoje muito mais forte. Si os dias fossem sempre tão lindos como o de hoje, eu creio que estaria restabelecida muito em breve.

— Deus o queira! Mas tem sempre cuidadinho comtigo, filha. Não te fatigues tanto. E' melhor que repoises um pouco no banco debaixo do pinheiro grande.

— Quando sentir qualquer cansaço, irei sentar-me lá, e meia hora depois estarei de volta a casa.

— Então, até já, filhinha.

— Até já, mamãe.

D. Helena voltou a casa, e Trudinha, depois de lento e longo passeio, foi afinal em procura do velho e enorme pinheiro, bem no centro da matta. Facilmente o encontrou, e ao banco que lhe estava á sombra, e sobre o qual sentou-se pensativa, a scismar... Fazia tanto bem ficar ali scismando, em plena floresta!... Aquella tranquillidade... por companhia apenas o regatinho manso... os passaros chilreantes... as flôres... as velhas arvores amigas... as borboletas azues...

Lembrava-se do irmão, que dentro em poucos dias deveria chegar a *São Januario*. E sentia-se commover com a idéa alegre dos beijos e abraços que lhe daria, a esse bom irmão, que se fôra para tão longe, tão longe!

Viria elle mudado, depois de tamanha ausencia?... Dizem tanto mal das viagens, e que a Europa é tão perigosa... Mas voltava... estava quasi a chegar... E que coisas lindas não contaria elle de Paris... da exposição de Bruxellas... do Rheno... de tantos logares bonitos, cuja belleza ella adivinhava pelas cartas delle...

Seu irmão... seu unico irmão!... Em creança brigaram tanto... Tolices de creanças!... Todoso os dias a mesma resinga, a mesma teima, a mesma briguinha... mas isso não impedia que se quizessem tanto, tanto, como só Deus sabia! Quando elle se despediu, que ia para a Europa, e a abraçára apertada ao peito, ah! no beijo que ella lhe deu já ia antecipada toda a saudade da ausencia que ia vir... Amava-o, ao querido irmão, amava-o mais que tudo, abaixo de Deus e da mamãe...

Um angelico sorriso transfigurava á joven as feições, já naturalmente formosas e delicadas. Uma intima alegria reflectia-se-lhe nos olhos, nas linhas graciosas da bocca bem talhada, emquanto os raios de sol e brisas meigas brincavam-lhe com os cachos do ondeado cabello negro.

— Decididamente mais bella que Venus, a formosa! — exclamou subito uma voz masculina, bem proximo.

Trudinha estremeceu toda, como si uma pilha electrica a vibrasse. Ah! que rude despertar de sonho tão lindo! Ao envez do irmão, cuja lembrança a enlevára, via ali, diante della, o rude filho de um dos fazendeiros da vizinhança, estroina de má reputação, envolvido muitas vezes em escandalosas aventuras equivocas.

A joven, que pouco antes tinha as faces rosadas pela evocação das imagens queridas, dos quadros e das esperanças da familia, empallideceu violentamente, tornando-se branca como a cera... Tremia... As mãos procuravam apoiar-

se no velho tronco do pinheiro, e foi com voz supplicante e o olhar timido que balbuciou:

— Bom dia, sr. João.

— Muitissimo bom dia, minha bella! Que bôa estrella me conduziu a esta picada, onde haveria de encontrar, mais formosa que nunca, a melindrosa flôr de São Januario!

— Eu estou bem doente! — queixaram-se a voz e os olhos magoados da menina.

— Doente?... mas bella como nunca, minha linda! Olha, vem cá...

— Ah! não me toque, senhor!

— Tolinha! Olha... vem...

— Para traz! insolente! miseravel! Para traz! Jesus! Soccorro!

— Não sejas tola, queridinha. Has de me dar um beijinho... sinão...

— Para traz! malvado! Nunca! Soccorro! Mamãe! Cyrino!

— Não grites tanto, meu passarinho espantado. Estás em meu poder, e desta vez não escapas!

A heroica menina, fóra de si, convulsionada pelo medo, pela indignação, pela cólera, pela vergonha, debatia-se, defendendo-se de mãos e pés. Era uma luta desigual. O rapaz, vigoroso, forçosamente a subjugaria. Trudinha sente-se desfallecer, diante da brutalidade cobarde... quando uma voz de trovão estrugiu:

— Com mil demonios! *Má* raios te partam, rapaz! — e um socco terrivel no craneo do miseravel fel-o cambalear e largar a sua victima. Uma das mãos de ferro do Cyrino não largou a presa, depois do socco formidavel, emquanto a outra, empunhando o chicote, que antes lhe pendia á cinta, fel-o vibrar energico e justo sobre o corpo todo do insolente aos berros, até que o fiel capataz percebeu que a sua querida patrôazinha, que desmaiára, necessitava de soccorro. Despedindo forte e pouco amavel pontapé contra o filho do fazendeiro vizinho, Cyrino to-

mou Trudinha nos braços robustos e, com um cuidado verdadeiramente maternal, reconduziu-a a casa.

Violentissimo foi o choque que feriu D. Helena, ao vêr a filha trazida em desmaio nos braços do capataz.

— Minha Nossa Senhora! que é que aconteceu?

— Nada, patrôa! D. Trudinha se assustou um pouco... Vosmecê ha de vêr que não foi nada.

— Meu Deus do céu! Que desgraça!

— Foi só fraqueza. Isso passa já.

Uma hora, porém, decorreu, antes que a joven voltasse a si do desmaio, com o olhar desvairado:

— Onde estou eu?!... Para traz! Para traz, miseravel!

— Acalma-te, Trudinha... olha, sou eu...

— Não me toques!... Soccorro! Soccorro!

— Nossa Senhora!... Fica calma, Trudinha. Sou eu, tua mãe!...

Trudinha não se acalmava, repetindo expressões angustiadas, ora de terror, ora de supplica, ora de repulsa; mas, lentamente, á força de pannos molhados em vinagre, applicados á fronte da moça, conseguiram suavizar a violencia da crise, até que cahiu ella, exhausta, em somno profundo.

Então o Cyrino narrou minuciosamente a scena infame da floresta, que elle chegára ainda a tempo de atalhar... A pobre mãe soluçava baixinho, emquanto o bello quadro, aquella cabeça de creança, magistralmente pintada, e que representava a Innocencia, olhava para a fronte pallida e pura da virgem adormecida, e parecia dizer-lhe, a sorrir:

— Dorme em paz! E's ainda innocente e pura, lirio, victima do amor á pureza dos lirios...

E os lindos labios da Innocencia sorriam... sorriam... com enlevo e confiança infinitos...

SEGUNDA PARTE

XV

Um marinheiro ás direitas

Tenente Alfredo Rosa de Salles, noivo de minha filha... O dr. Antonio da Costa Barros — apresentou o commendador um ao outro os dois moços, sahindo do gabinete, onde longamente se entretivera em animada conferencia com o official.

Um raio que subito estalasse e cahisse ali a seus pés, em plena sala, não fulminaria mais violentamente o joven dr. Costa Barros, do que aquellas simples e banaes palavras do velho commendador: «noivo de minha filha»... Empallideceu sensivelmente. O assoalho atapetado do salão pareceu que lhe oscillava sob os pés. Uma nuvem, como uma sombra de gaze, ennevoou-lhe os olhos...

— Que sente o meu amigo? — indagou logo, solicito, o commendador. — Sente-se mal, não é? Olhe que está pallido como um defunto.

— Isto não é nada! — replicou Antonio com a voz mal firme. — Passo ao jardim, e num minuto estarei melhor... Isto abafa!

Cumprimentou leve e rapidamente os dois cavalheiros, e sahiu.

— E' um excellente rapaz, tenente, e quero-lhe muito bem. Salvou-me a vida, como, por certo, minha filha já lhe ha de ter contado.

— Pois não, commendador. Eu desde logo sympathizei com suas maneiras francas e sinceras.

Durante esse tempo, Antonio, a passos largos, percorria, nervoso, inexplicavelmente nervoso, as aléas do jardim. Um sangue impetuoso e quente lhe subia ás faces. O coração batia-lhe no peito como um martello furioso a querer rompel-o. Sentia que se lhe iam arrebentar as arterias entumecidas.

— Aquelle sujeito... o noivo!

Numa convulsão irreprimivel, soltou uma gargalhada estridente:

— Noivo... *della*!... Mas esse homem está louco!... Quem poderia erguer os olhos impunemente até ella?!... No entanto, o commendador disse-o.

De um relance, Costa Barros comprehendeu toda a violencia, já agora indomavel, do amor que sentia por Dulce. Não lhe era possivel nem a simples idéa de consentil-a esposa de outrem... E esse typo... esse tenente de marinha... Ladrão! Hypocrita!

Ladrão? Hypocrita?... Mas a culpa não devia caber toda a elle mesmo, Antonio da Costa Barros, que tão estupidamente se conservára mudo, sem deixar falar a paixão indomita que lhe convulsionava o peito?... Por que commettera a asneira de assim deixar que as coisas corressem, como si uma moça prendada e linda como Dulce não houvesse de attrahir todas as attenções ... não houvesse de despertar sentimentos e mesmo verdadeiras paixeõs em todos os jovens que a vissem, ainda que fosse uma vez só!... Louco!... Mas o louco havia sido elle! tendo tão proximo um thesouro primoroso, não soubera conquistal-o. E agora? Agora,

que seria de sua vida despedaçada? Despedaçada para sempre?...

Um soluço amargo lhe fez sacudir o peito angustiado. Nunca dantes soffrêra o que soffria agora. Ah! quanto, durante essa longa viagem ao estrangeiro, havia desejado voltar para revêr os seus! Tudo, por mais lindo, por mais interessante que, diante de seus olhos maravilhados, surgisse nessas terras exoticas, para seu espirito de provinciano, tão moço, atirado a essa surpresa dos sentidos que são as viagens por paizes e paragens civilizados e apenas de nome e de fama conhecidos pelas paginas dos compendios e dos livros de descripções dos excursionistas, tudo isso era nada diante da alegria que na alma e no coração lhe havia irrompido quando avistára as costas da patria, que lhe annunciavam iria em breves dias estreitar ao peito os peitos amigos da mãe queridissima, da irman que tanto bem lhe sabia querer... Mas, desde que transpuzera as largas portas hospitaleiras do palacete do commendador Castro, uma outra impressão mais forte o prendera, sem elle mesmo o perceber de prompto: Dulce tornára-se o centro de seus pensamentos, o iman irresistivel que o attrahia...

Muitas vezes, as mais das vezes, estavam em desaccordo e contrariavam-se em discussões longas. Mas que prazer delicioso encontrava elle nessas mesmas discussões! Ella era piedosa, catholica, talvez demais a seus olhos de moço sceptico... mas, por isso, alguma vez deixára de cumprir um só que fosse de qualquer dos seus deveres de bôa filha ou irman? Pelo contrario: era ella de uma piedade solida, que ainda mais lhe grangeava uma confiança infinita...

E linda! Ah! si Dulce era linda!... Mesmo Judith, que era *tambem* tão bonita, podia lá, nem de longe, comparar-se com Dulce?... E que coração!... E que espirito!... Que riso de crystal!.... Que voz harmoniosa...

E agora?... Ir-se... e não mais vêl-a, ou vêl-a de posse desse tenente de mil infernos?... Deu uma forte punhada contra a pequena mesa de ferro do caramanchel a que chegára, e, depois de se haver pesadamente sentado no banco que a ladeava, poisou lenta e maguadamente a cabeça sobre as mãos, apoiadas na mesa, e entregou-se á infinita tristeza de seus pensamentos sombrios...

Leves passos sentiam-se proximos, mas Antonio não os ouvia siquer... emquanto dois grandes olhos negros o contemplavam... De subito, despertou-o uma voz dulcissima, que o vibrou em sobresalto:

— O doutor está doente? Não quer vir commigo? Nós o esperavamos para comnosco levar parabens a Judith, que é noiva... Noiva, a maninha, imagine, doutor!...

Eram muitas emoções seguidas, e Antonio sentiu que a razão lhe fugia, emquanto lhe vacillavam as pernas... Momentos antes, pallido, de lividez doentia, agora, forte rubor lhe afogueava as faces. Quiz falar... apenas conseguiu balbuciar algumas palavras... Apoiou-se a uma das varas do caramanchel, mas de maneira tão perturbada, que Dulce, seriamente afflicta, repetiu:

— Mas, doutor... o senhor está mesmo doente! Precisa tratar-se!... Quer que lhe dê o braço para apoiar-se? Vamos... vamos para casa!

O joven acceitou, febrilmente, o braço, que com tão carinhosa gentileza lhe era offerecido, e como uma explosão as palavras lhe affluiram do coração aos labios, a principio confusas, num mixto de vergonha, de alegria, de dôr, de riso, de acanhamento, de tudo... Pouco a pouco, porém, conseguiu ir acalmando a excitação até que a dominou por completo.

Deveria confessar a Dulce que momentos antes acreditára fosse ella a noiva? E que, por isso, é que tanto se sentira?... Dir-lhe-ia, em-

fim, que a amava, oh! que a amava perdidamente?... Não era possivel. Os labios cerravam-se-lhe, sem attender ao coração, que ansiava por manifestar-se apaixonadamente. E elle ali, de braço enlaçado no della... Ah! por que este jardim, que ainda hontem a elle lhe parecia tão espaçoso, era, *de facto*, tão pequeno!... Por que se não estendia elle leguas e leguas, por que era tão curta aquella deliciosa alameda do parque?...

No grande salão de visitas, Dulce deixou, emfim, o *doente*, já completamente *restabelecido*.

— O doutor estava indisposto, papae, mas agora parece que já lhe passou o incommodo.

Antonio, com viva e sincera alegria, cumprimentou effusivamente os noivos e os paes da noiva. O tenente, esse mesmo *tenente dos infernos*, que elle pouco antes amaldiçoava, parecia-lhe agora um excellente rapaz, em quem descobria qualidades aprimoradas, uma franqueza toda militar, que não podia deixar de despertar sympathias verdadeiras. Os bigodes, a *Kaiser*, davam-lhe certo ar marcial, em contraste com a bondosa e quasi meiga expressão de seus olhos. Esse contraste mesmo dava a seu todo um aspecto de energia viril e de bondosa benevolencia, que agradava. A farda, impeccavelmente bem talhada, assentava-lhe como uma luva.

Falavam sobre Portugal, embora os noivos frequentemente descobrissem ensejo de fugirem á conversa geral, para engolpharem-se em seus sonhos de futuro.

— Eu julgo deshonrada a farda portugueza, pela covardia de seus officiaes — affirmou o tenente.

— Não tentar uma resistencia séria e resoluta, é demasiado — concordou o dr. Barros.

— Elles só souberam ser fortes contra os fracos, as pobres freiras e os padres, não é verdade, papae? — atalhou Judith.

— Infelizmente assim é. Portugal se está

tornando a vergonha do mundo inteiro. Ao envez da liberdade que os propagandistas promettiam, o que ali se vê é uma oppressão cynica, a par de uma ridicula ostentação de força. Aquillo ali não é uma republica, é uma farça...

— Farça tragica — commentou Antonio.

— Contra a Egreja, em Portugal, foi desfechado o golpe de morte, de que se não reerguerá, a não ser por milagre... e milagres... já se não vêem em nossos dias!

— Não ha mais milagres, doutor? Pois olhe, eu creio na restauração da Egreja em Portugal. Maior milagre foi o conservar-se e propagar-se no mundo o christianismo, apesar das mais crueis perseguições que lhe moveram os tyrannos. Por que haveria Portugal de ficar abandonado de Deus, e privado da graça desse milagre?

— Minha futura cunhada tem razão — apoiou o tenente. — O triumpho do christianismo no mundo é de tal natureza e tão irresistivel, que constitue um milagre por excellencia, e confio que ha de realizar-se tambem em Portugal, que eu amo sinceramente, porque é a patria de meus avós.

— Aprecio seus nobres sentimentos, tenente, — replicou o doutor — mas essa historia de milagres, desculpe-me, não posso deixar de julgal-a um pouco exaggerada...

— Exaggerada? Absolutamente não. Para mim, a simples idéa do christianismo no mundo é o que muitas vezes me confirmou ainda mais na fé. Lutei muito. Sabe o doutor por que? Minha noiva e todos pódem sabel-o... Eu sáio á rua, e vejo: que movimento extraordinario! Vou á Central, assisto á sahida e chegada dos comboios... que agitação febril, que azáfama, ás carreiras, ás pressas, empurrando-se uns aos outros... e para que?... Dizem que nós somos uma sociedade christan. Mas, acaso, consideram todos esta vida como coisa passageira, como

simples mas inexoravel preparação para a outra vida? para uma eternidade?... De toda essa multidão que se agita em febre, quem se agita e apressa, solicito, para cuidar dos interesses da alma? Pergunte a todos... e tel-o-ão por louco...

«Vê que ali vae um, a correr, esbaforido; segurem-n'o, façam-n'o parar, e interroguem-lhe si lhe está bem a alma, si está prompto a comparecer perante o Supremo Juiz, si agora mesmo, inesperadamente para elle, fôr chamado para a eternidade... e o louco — elle, sim, louco, chamará o primeiro guarda civil, e mandará o *importuno* para o hospicio... O que eu vejo e observo, pódem os srs. perfeitamente observar e vêr. Passo pela porta do palacio do Cattete, pela dos ministerios, pela da Chefia da policia, pela Prefeitura, e... que vejo, como qualquer dos srs. póde vêr e já têm visto? Uma onda de cavalheiros distinctos, da nossa melhos sociedade, nas antesalas, longas, longuissimas horas á espera, com paciencia infinita e sem se queixarem da demora fatigante... sempre amaveis, diga-se logo: sempre e demasiadamente humildes. E por que? Por amor á virtude? Qual! Simplesmente por amor aos proprios interesses materiaes de cada um! Este aguarda um despacho favoravel, aquelle, a collocação rendosa e commoda para um filho ou protegido, ou coisa que o valha... Mas não é apenas isso. Vamos adiante, e encontramos uma egreja. Diz-me a fé, e eu creio, que ali reside quem é mais que ministro ou presidente de republica. Entro a vêr quaes os que ali levam os seus requerimentos a deferir... quem pede que lhe sejam relevados pena e castigo... quem vae implorar collocação salvadora e eterna para si proprio, para os filhos, a familia, os amigos... e não vejo ninguem!... Mas, não! Por vezes entram alguns. Diz-lhes a fé que Jesus Christo está na realidade presente no tabernaculo. Prostram-se então para adoral-o? Qual! Voltam-lhe as costas. As amabilidades e gentile-

zas são de cumprimentos uns aos outros: combina-se um passeio ao Corcovado, tratam-se negocios...

«Sáio do templo impressionado... e diante de outra porta vejo que se agglomera a multidão. E' um palacete sumptuoso... Luzes em profusão oriental... Criados de farda agaloada... Imaginariam os srs. que é a morada faustosa de um principe das maravilhas? Não, oh! não! E' apenas um cinema... Entro... 1a fita: *Xisto V*. Os srs. sabem: um insulto á fé, á moral, á verdade historica. Que importa? E' de catholicos a platéa, ou, pelo menos, se dizem e se acreditam catholicos... e nenhum delles protesta contra a affronta! Convicções?...

«Convicções?... Sinto-me abalado e a mim mesmo me interrogo: Quem terá razão? Elles, elles todos, entre os quaes eu sei que ha homens illustrados, que, no entanto, vivem como si não houvesse nem Deus nem eternidade, ou eu, que no regaço de minha mãe aprendi a conhecer, a adorar, a amar meu Deus?

«Volto para casa. Na primeira esquina, meus olhos cáem em brochuras, revistas, jornaes illustrados, dependurados a uma parede qualquer... e eu córo de os vêr assim! Minha mãe me ensinou que ha um preceito, que é o do 6º mandamento, e eu ali, em publico, ás escancaras, vejo que se estadeiam gravuras que não lhes posso descrever... No entanto, toda a gente passa diante dellas, e ninguem protesta! Alguns, num cynismo revoltante, páram e contemplam as illustrações demasiadamente suggestivas... outros compram-n'as, até creanças!... E o mercado do declivio continúa...

«De novo me interrogo: Quem está em erro? A sociedade, que parece ter abolido o 6º mandamento, ou eu, que por elle me creio obrigado a evitar e a deixar de fazer tanta coisa?

«Eis-me em casa.... Pego de um jornal. O Medeiros Albuquerque, o Constancio Alves,

e outros, repetem o realejo de suas verrinas contra a religião revelada. Aquelle é membro da Academia Brasileira, e eu um simples tenente da Armada. Quem tem razão? Não laborarei eu em erro?...

«Sim, isso me preoccupa o espirito muitas vezes... Isso me faz reflectir...

— E a que solução chegou, tenente? — interrompeu Antonio, emquanto Judith, radiante, contemplava o noivo com amorosa admiração.

— A solução está no successo triumphal do christianismo que, humanamente, seria impossivel! Pensem um pouco. Quanta difficuldade existe em conquistar um punhado de homens para um systema philosophico-moral, ou uma idéa religiosa!... Cada qual tem nova idéa... apresentam planos e reformas e aperfeiçoamentos que, no fim de pouco tempo, promovem a confusão e a ruina. Mas, si uma idéa religiosa hostiliza tudo quanto o homem julga delicioso; si lhe prohibe seguir todas as inclinações dos sentidos; si lhe impõe sacrificios, como separações, em conflicto com o que lhe pede o coração... haverá probabilidade siquer de que essa idéa religiosa triumphe?... Humanamente, é impossivel! Entretanto, o facto é innegavel: Christo e seus discipulos exigiram isso tudo — e venceram! Como explicar esse phenomeno, doutor?

— Por suggestão, talvez...

— Suggestão? Mas não sabe o senhor quem levou ao povo essas idéas novas, que tanto e tão intransigente guerra moviam contra os sentimentos egoistas e commodistas da sociedade? Imagine que um punhado daquelles estivadores que o senhor, ao desembarcar, viu no Cáes do Pharoux e ás portas da Alfandega, se lembrasse de vir á praça publica discursar ao povo, a apresentar um novo systema philosophico-religioso, com a estulta pretenção de para elle ganhar a fina flôr de nossa sociedade, os lentes das nossas academias, os officiaes do exer-

cito e da marinha, os escriptores, os proprios sacerdotes!... Quanta gargalhada estrugiria de toda parte! Que achado delicioso para os chronistas, um João Luso, um João do Rio, um João Phoca!... Nunca mais podiam reapparecer os miseraveis estivadores no meio de seus collegas!...

«Pois bem, doutor, eu lhe pergunto: Os apostolos tinham posição social mais elevada? Haviam frequentado algum curso superior? Jerusalém, a capital da Judéa, era menos importante que o Rio? Não floresciam as sciencias naquelle tempo? Haveria quem os tomasse a serio si não esgrimissem a arma invencivel da verdade?... Elles, os ignorantes, os homens do «povinho», tornam-se os victoriosos, conquistam para suas idéas os homens mais illustrados, os maiores e os mais profundos pensadores de todos os tempos. Isso não é um milagre?...

«Mais ainda. A autoridade publica intervém. A policia — que, na verdade, não eram nossos guardas civis — prohibe-lhes discursos e *meetings*; ameaça-os da confiscação de seus bens; prende-os; vergasta-lhes cruelmente as carnes a chibata; são condemnados, e condemnados finalmente ao martyrio e á morte. E, no entanto, são elles os que vencem!... Como explicar tudo isso, doutor?

— Effectivamente, o senhor tem uma logica de argumentação terrivel! Mas... milagre... afinal de contas...

— Espere, doutor; ha de convencer-se, como eu, de que sem milagre não ha explicação possivel para este facto. O doutor sabe o que é o nosso Rio. Que são nelle duas pessôas, por mais intelligentes? Desapparecem na multidão... Julga possivel que dois estrangeiros possam, em tempo relativamente curto, transformar radicalmente nossas idéas sociaes religiosas, abolir nossas festas tradicionaes, fazer nossas autoridades

apoiarem um culto de paiz estranho, velarem pela moralidade publica e privada...

— A que se refere, tenente?

— Ao seguinte: dois homens, um dos quaes absolutamente sem instrucção, encontram-se um dia diante das portas da immensa e culta Roma pagan. Defrontam com seus muros colossaes, protegidos por fortificações solidas, que até hoje resistiram á acção destruidora dos tempos. Penetram pela Via Appia. Subitamente, vêem-se diante de um daquelles quadros do antigo mundo: o imperador, cercado de toda a nobreza, á frente de seus soldados, experimentados em innumeras batalhas, entre o estridor triumphal das fanfarras e as acclamações delirantes da multidão, vae ao *Forum Romanum* sacrificar aos deuses... É, e sente-se, o senhor do mundo. Quem o fará cahir do throno? Quem se atreverá contra a solidez de seus palacios? Quem?...

«Aquelles dois estrangeiros humildes, obscuros e despresados, elles, transformaram isso tudo!...

«Os palacios Palatinos, os templos do *Forum*, o Colliseu immenso, as thermas imperiaes, tudo isso desabou... E o christianismo ficou de pé! A Roma pagan e a Roma catholica de já quasi dois milhares de annos... Não é milagre, doutor?...

«De que meios dispunham, de que meios lançaram mão os discipulos de Christo? Só aquelles que empregára o Mestre, isto é, os mais difficeis de exito... As multidões sóem deixar-se fascinar pelo fausto, pelo dinheiro, pelo brilho, pelo gozo — e Christo escolheu caminho opposto, um nome e um signal que eram de opprobrio e repulsa em toda a sociedade: a cruz! E hoje?... Eu vejo a cruz ao collo de minha noiva; vejo-a ao collo de minha futura sogra, ao de minha cunhada; espero merecel-a e tel-a proxima a mim, si, como soldado que sou, me vir envolvido em uma batalha; espero

sentil-a a tocar-me a fronte, quando tiver de separar-me de minha mãe; quero que ella me conforte em dia — o ultimo — quando tambem a mim me chegar a hora da morte...

O joven militar falava com voz ardente e enthusiastica. A attenção de todos voltára-se para elle, todos pendentes de seus labios eloquentes. A noiva, orgulhosa, fitava-o com os olhos brilhantes. O proprio dr. Costa Barros sentia-se arrastado pelo vigor e pela exuberante decisão com que o joven marinheiro defendia suas intimas convicções.

— E querem saber uma coisa? O que ainda mais me confirma na fé em Christo e em sua obra... o que faz com que eu jámais me envergonhe de minha religião, é que Jesus conquistou não apenas as intelligencias, o que já era difficil, mas tambem os corações...

«Todos sabem o que é e o que vale o amor, e eu, hoje, noivo feliz, não preciso entoar seu cantico sublime. Mas, francamente, como é elle de pouca duração neste mundo! Quantos juramentos de uma amizade eterna fazemos na infancia e na mocidade! Não serão sinceros?... Talvez o sejam. Mas vêm os annos, vêm com elles as separações... e, pouco a pouco, as doces imagens dos que amavamos tanto vão empallidecendo.... esbatendo-se... até que de todo se somem... Novo amor nos surge, mais forte, mais vibrante, mais impetuoso, capaz de vencer o mundo, capaz de escalar os astros... é o amor dos dois sexos... E' puro — ao menos deve e póde sel-o; — é forte, é completo; a pessôa que verdadeiramente ama dá-se toda á pessôa amada. Pois bem: esse grande amor será eterno? Uma força ha de vir que lhe ponha termo, uma força que eu não saberei vencer, por mais que ardentemente ame: a morte... Quem, depois della, falará de nosso grande amor ardente, sagrado, impetuoso, vencedor?... Os filhos? Eu não conheço nem o nome dos bis-

avós de meus paes, que se devem tambem ter amado com o mesmo amor...

«Ha o amor dos paes aos filhos, ha o dos filhos aos paes. Sei que são grandes, fortes, capazes de sacrificios, mas já não permittem comparação com o dos esposos entre si. Por muitos annos os filhos não avaliam a força do amor dos paes, e, quando começam a comprehendel-o, abandonam-n'os em busca de outro amor... Fazem-lhes o mesmo que elles, por sua vez, fizeram aos seus progenitores...

«Entretanto... vejo eu um tumulo, que jámais foi esquecido. E' um só, o unico em toda a historia: Christo vive, Christo reina, Christo governa por todos os seculos! Jovens, como nós, doutor, donzellas, lindas e puras como minha noiva e minha cunhada, adultos de distincta posição como meus sogros, todos, todos esses, até a vida sacrificaram e, ás vezes, após tomentos horriveis, porque não queriam ser infiéis e traidores a esse Jesus, que morreu ha tanto tempo, que já lhes não falava, que já não os animava, que não os podia fascinar com o encanto de sua palavra, de seus olhares, de seus gestos, de sua presença!...

«Passaram-se os seculos, e lugubre echôa na Europa o clamor tremendo: «Foi profanado o tumulo de Christo! Os infiéis apoderaram-se dos Santos Logares!»... Um fremito de horror e de indignação percorre e faz vibrar todas as nações, e aos milhares de milhares os christãos deixam o lar, a familia, a patria, para, alanceados pelas mais tremendas privações, irem arrancar aos profanadores o tumulo do querido Mestre!...

«E outros christãos houve, e outros ha, doutor, que renunciam a mais ainda: ao amor puro, que os podia unir a pessôas queridas de outro sexo, e que os poderia fazer felizes... Privam-se deste santo amor, fógem á sua seducção, abandonam a familia, pae, mãe, irmãos,

tudo, para serem total, absoluta e exclusivamente de Christo, desse Christo triumphador de corações!... Eu não teria coragem para tanto... eu não posso renunciar ao amor; mas estimo, admiro, venero extraordinariamente aquelles que a têm. E não menos do que eu, o doutor os admirará.

— O senhor fala com muita convicção. Consideradas as coisas debaixo do ponto de vista sob que o tenente as apresenta, mudaria muito o conceito do mundo sobre ellas. No entanto, não negará que houve muitos frades e muitas freiras indignos.

— Mas isso que quer dizer? Apreciará menos o doutor aquelle bello lirio que ali vemos sobre a mesa, porque sabe que outros ha fanados e murchos? Deveremos despresar ou menospresar os apostolos, porque um delles foi um miseravel? Vamos agora achar detestaveis todos os engenheiros, porque entre elles houve um defraudador, como Lesseps?

— De pleno accôrdo, tenente. Apenas desejaria que, ao envez desse burel exquisito que usam, elles vestissem como nós.

— Como quem? Como o senhor? Então eu deverei abandonar a minha farda e fazer o mesmo? Eu respeito esta farda, que symboliza minha patria; e, portanto, comprehendo que elles estimem o burel e a sotaina, que lhes lembram o céu. Si lhes lembram!... Não o fizessem, e não seriam os religiosos e padres tão odiados; e o são porque, onde quer que um delles appareça, em qualquer parte, sem dizer uma unica palavra, sua simples figura severa nos diz a nós, os homens modernos: «Sêde contentes com o que possuis: eu sou pobre voluntariamente; sêde castos: eu o sou por minha livre vontade; obedecei: eu o faço por amor a Deus». Uma prégação muda e, no entanto, eloquentissima! Não, doutor, eu não teria a coragem de imital-os. Sou militar. Amo minha farda. Sou noivo; quero

fruir as venturas do lar. Mas admiro, sim, admiro aquelles que só têm um amor: Christo!... Acaso Christo os faz ricos?... amados?... Dá-lhes honras brilhantes?... Acaso lhes dá a consolação de uma affeição sensivelmente retribuida?... Não! Permitte que padeçam cada vez mais soffrimentos, mais desgostos, o despreso e tudo... sem intervir em favor delles!... Que ardente fé a delles! Que amor inegualavel! Que heroismo o dos paes, que consentem partam seus filhos para vida de tamanhos sacrificios! Que solida prova dão esses exemplos, que ainda hoje são frequentes, de que Alguem vive, muito longe, por elles nunca visto, nunca ouvido, com quem nunca falaram, mas que no entanto amam, amam tanto, amam sobre todas as coisas! Não estivesse eu, como estou, plenamente convencido da verdade que assiste ao christianismo, e por essa simples razão eu me convenceria!

— E o senhor tem razão — disse de subito o commendador, que até então se conservára calado, ouvindo attentamente a enthusiastica explicação de seu futuro genro.

Disse... e um brilho alviçareiro fulgiu nos olhos limpidos de Dulce e de Judith.

— Eu bem sei — proseguiu o tenente — que nem toda a gente pensa da mesma maneira que eu. Christo continúa a dividir em dois campos a sociedade. A um lado da cruz, multidões enraivecidas, que o ultrajam e o guerreiam com furia; de outro lado da cruz, outra multidão, que se prostra de joelhos em terra, e adora-o. Mas nem um dos dois campos tem interesse em que Jesus deserte do mundo... Si o Salvador, cansado dos ataques que soffre dos ferozes perseguidores da Egreja, molossos enraivados, cujos latidos insolentes nossos pequenos Medeiros Albuquerque, Lopes Trovão, Coelho Lisbôa repetem; si Christo se resolvesse a ceder-lhes o campo, a deixar a sociedade entregue a si mesma

e ao desencadear de suas paixões bestiaes, que acreditam os srs. que aconteceria?...

«O operario, o pobre homem do povo, supplice, ergueria as mãos, implorando a Jesus que se não fosse embora, que o não desamparasse — ao menos Elle! — pois que seria o misero esmagado! O misero trabalhador precisa, tem necessidade de Jesus. Elle só dispõe do braço que trabalha, e o trabalho de seu braço é explorado pela ambição do ganho. Si Christo abandonar o mundo... si a exploração dos desprotegidos não mais lhe receiar a justiça, que será dos opprimidos? Os oppressores dispõem da força, possuem canhões e couraçados e exercitos... Ai! dos tristes, que serão esmagados, si Christo desertar do mundo!

«E acreditam os srs. que sómente os pobres lhes sentiriam a falta? Não! Tambem o rico, o capitalista, o patrão, a autoridade publica! Não pódem — sentem, sabem elles que não pódem — viver separados de Christo. Sem a autoridade de Jesus, que outra autoridade subsistirá?... Os demolidores da autoridade são maioria, formam legiões... Armar-se-iam... Seria a luta de todos contra todos e contra cada um... a revolução universal... Christo não póde abandonar o mundo!

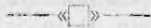
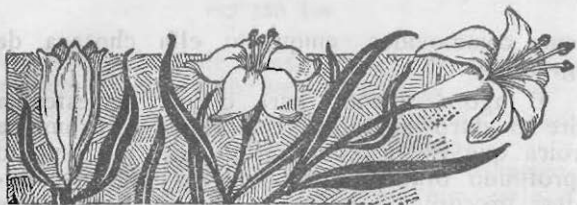
«A mulher, a donzella casta e pura, todos interrogariam a Jesus si permittiria voltarem ellas ao pantano do paganismo, donde sua mão poderosa as arrancou. Sem Elle, as mãos dos libertinos as colheriam fatalmente... Christo, Jesus, é a unica esperança, a salvação das fracas mulheres!...

. . . .

A' noite, Dulce só vagamente se recordava de como o noivo de sua irman terminára a enthusiastica exposição. Lembrava-se de que Judith o abraçára, seu pae e o dr. Barros o felici-

taram, commovidos, emquanto ella chorava de alegria...

E agora, quando para dormir se estendia sobre o duro assoalho, cumprindo a promessa heroica que fizéra, com um grande, um limpido e profundo olhar de seus negros olhos scintillantes, procurou a imagem do Crucificado, que de sobre o seu leito de virgem abria os braços ensanguentados e cravados na cruz:

— Seja hoje em acção de graças a Ti, meu doce Jesus, que eu me deite nesta *cama*. Déste-me um auxiliar no combate pela salvação da alma de papae... de papae... e tambem *elle* ouviu tão bem! Agradeço-te, meu doce Jesus... Ah! sim, como, como te agradeço!...

XVI

Na Camara e no Paiz

Poucos dias após a partida do dr. Antonio de Barros, o commendador, commodamente recostado na larga poltrona de seu gabinete de trabalho, lia o *Jornal do Commercio*, nos telegrammas:

— Republica em Portugal... Recepções de ministros... Reconhecimento da republica pelos governos do Brasil, Argentina, Suissa e Uruguay... Crise de falta de trabalho... Cavalgada annual na Inglaterra... Banquete no Guild Hall... As minas de Glamorgan inundadas... Discurso do sr. Asquith... Briand defendendo o ministro Laferre... Fala do Throno do Rei Alberto... Eleições nos Estados Unidos...

E agora:

BUENOS AIRES, 9. Sabe-se aqui que o Governo Argentino resolveu não impedir o desembarque de frades, freiras, e demais membros de congregações religiosas, recentemente expulsos do territorio

portuguez, e que, segundo parece, não terão permissão de desembarcar no Brasil. Nesse sentido tem o Governo Argentino telegraphado ás companhias de navegação, communicando essa resolução.

— Não o dizia eu?! — exclamou, batendo o punho contra a mesa. — E' uma asneira crassa essa teimosia do Veneravel, do Lauro, do Nilo!... Até a Argentina a dar-nos lições de civilidade! A Argentina!... Não nos faltava mais nada!... Como deve estar o Zeballos satisfeito!... E entre nós, no Brasil, não haverá quem tenha a noção nitida da liberdade?... Ah! sim... aqui temos outro telegramma... mas, que vergonha para o Nilo...

E leu:

PORTO ALEGRE, 9. A «Federação», em editorial de hoje, sob a epigraphe «Uma iniquidade», profliga, em termos delicados, o acto do Governo, prohibindo o desembarque dos frades portuguezes, o que julga attentatorio á Constituição, á liberdade espiritual e á bella conquista republicana.

Após referencias aos inesqueciveis serviços do dr. Nilo Peçanha prestados á Republica, lamenta vêl-o apartado da bôa doutrina, alimentando, entretanto, a esperança de que, ouvindo o clamor dos republicanos, reconsiderará o seu acto.

— E aqui temos mais um:

PORTO ALEGRE, 9. O dr. Borges de Medeiros tem recebido muitos telegrammas de felicitações pela attitude do partido republicano na questão do desembarque dos frades.

— Louca teimosia a da *loja*, promovendo e sustentando um acto verdadeiramente inconsti-

tucional e contrario á liberdade!... Vejamos aqui: Congresso Nacional... Camara dos Deputados... Protestos do sr. José Carlos... Irra! que o homem fala forte!

...diz, que não podia deixar de acompanhar aquelles que protestaram contra o acto inqualificavel do Governo, referente aos frades que aqui deviam chegar, acto praticado nos ultimos momentos de uma agonia allucinada, rasgando-se com as mãos já regeladas pela morte que se aproxima, alguns dos mais sublimes e sagrados mandamentos da Constituição da Republica. Todos os individuos e confissões religiosas pódem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim, adquirindo bens, observadas as disposições do direito commum.

Em tempo de paz, qualquer póde entrar no territorio nacional ou delle sahir com a sua fortuna e bens, quando e como lhe convier, independentemente de passaporte (Art. 72º, §§ 3º e 10º da Constituição da Republica).

O orador, por este seu procedimento, tem motivos de contentamento e agora tem de orgulho, porque confundem-se as palpitações de seu coração com o palpitar seguro, o palpitar nobre e verdadeiramente republicano do glorioso povo dos pampas do sul.

Carlos Barbosa, Borges de Medeiros e todo o Rio Grande do Sul protestam contra a prohibição do desembarque de frades estrangeiros na Capital Federal, medida que a patria de Julio de Castilhos considera attentatoria do regimen republicano, vexatoria e inutil.

— E' isso mesmo! Attentatoria do regimen republicano, vexatoria e inutil! Por que aquelles

idiotas da *loja* não me quizeram ouvir? Ahi está, atiçada por elles, a chamma do fanatismo! Com franqueza, é para perder o gosto pela maçonaria! Não lhes abri eu sempre a bolsa? Não lhes fiz verdadeiros sacrificios, tornando-me surdo ao appello de minhas filhas? Ora, bolas! que não mais estou disposto a servir-lhes de capote e gazúa... O tenente tem razão: estes diabos de frades não são afinal tão feios quanto os pintam!...

— Bom dia, commendador!

— Ah! muito bom dia, tenente. Justamente estava eu agora pensando em você.

— Obrigado... e desculpe que venha interromper-lhe a leitura, mas vim depressa a communicar-lhe que fui transferido para o *São Paulo*.

— Para o nosso grande *dreadnought*?... E' uma honrosa distincção, meu amigo. Parabens, muito sinceros!

— Agradecido, commendador, agradecido! Hoje, qualquer promoção me satisfaz duplamente, porque já me não sinto só. Tenho, graças a Deus, quem partilhe minhas alegrias: sua filha, minha noiva...

— Muito bem, meu... permitte que desde já o trate por filho, não é? quer?

— Si eu quero?! Mas a bondade é toda sua, commend... meu pae!

— Agradeço-lhe.

— Mas, como eu ia dizendo... Não estou de todo satisfeito. No meu velho *scout* eu já conhecia minha gente, a equipagem toda. No *São Paulo*, dizem-me que a disciplina deixa muito a desejar...

— Homem, quer que lhe diga? Não sei... Muita coisa por ahi anda torta... Si o proprio governo é o primeiro a offender gravemente a Constituição!... Si até a Argentina, si mesmo um Estado, o Rio Grande, lhe dá lições!...

— Diga mais: os Estados Unidos, meu pae!

Pois não viu o que o presidente Taft telegraphou em resposta a um telegramma do abbade benedictino de São Paulo? Autorizou-o a que mandasse todos os frades para lá.

— Livra! O Nilo nos está compromettendo diante do mundo inteiro!

— O Nilo... Mas não é elle só. O Lauro e os outros maçons é que o levaram a esse extremo. Eu discuti bastante com o meu irmão, e este disse-me que o senhor e elle combateram na *loja* essa idéa absurda. Elle ficou muito incommodado.

— Eu não menos. Fizeram-me uma verdadeira desfeita.

— Pois deixe de frequentar a *loja*! Já disse o mesmo a meu irmão, que é orador lá dos senhores...

— Deixar a *loja*?!... Deixar?... Mas isso não se póde fazer assim tão facil e repentinamente.

— Não? E por que?

— O almoço está na mesa — interrompeu, da porta, o criado... E a resposta deixou de ser dada...

Os dois cavalheiros levantaram-se e dirigiram-se á sala de jantar, onde já se achavam as senhoras. Carlinhos estava no collegio.

— Nosso doutor — lembrou o amphytrião — já póde ter chegado a Florianopolis. Arranjei um bom logar para elle no Tribunal de Contas. Alegrar-me-ei quando o vir voltar com a familia para residir aqui.

Judith olhou para Dulce, que enrubecera levemente...

— Tambem eu sympathizei com o moço — disse D. Sinhá — Foi um encontro feliz esse de Wiesbaden.

— Sem esse encontro — observou o commendador, alludindo á luta na egreja de Lisbôa — talvez eu não estivesse agora aqui...

— Sinto apenas — disse o tenente — que

tanto se haja elle deixado impressionar pela descrença que reina nos circulos academicos. Um bom rapaz, lá isso, elle é.

— Passa-me o bife, Judith — interrompeu o commendador.

— E' verdade, papae — disse Dulce, querendo desviar a attenção do assumpto de que falavam — que o governo prohibiu o desembarque aos religiosos expulsos de Portugal?

— E', filha.

— Mas, por que?

— Sei eu lá!... E' uma manifestação de intolerancia com que não concordo. E os protestos surgem de toda parte.

— E' pena não ser eu homem — atalhou Judith — que havia de mostrar para o que valho, pondo-me ao lado dos perseguidos!

— Minha Nossa Senhora! — exclamou o noivo, com terror comico — e eu seria então o homem mais desgraçado do mundo! Não! Eu quero-a assim mesmo como está.

Riram-se todos.

— Mas, é realmente pena que nós, as mulheres, nada possamos fazer!

— E por que não fazem nada? — respondeu o tenente, ao mesmo tempo que recebia um prato das mãos de Judith.

— E que poderiamos fazer?

— Que poderiam fazer? Oh! Ponham em movimento todo esse mundo por ahi fóra! Promovam um abaixo assignado de milhares de senhoras da sociedade... Protestem, protestem com energia, como nós o fazemos, e levem essa representação de protesto ao Cattete. Digam ao Nilo o que é que pensa, o que é que quer, o que é que exige a mulher brasileira!

— Esplendido! — exclamou Judith, lançando um grato olhar eloquente ao noivo. — Tu sempre tens idéas optimas!

— Esplendido, sim! — repetiu vivamente

Dulce. — Papae dá licença para que o façamos? Talvez eu peça muito...

— Façam vocês o que entenderem... *Ce que femme veut, Dieu le veut.* Não me posso oppôr.

— Obrigada, oh! muito obrigada, papaezinho! — exclamaram as duas jovens, e Dulce accrescentou:

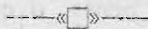
— Pois então, vamos trabalhar devéras. Ainda hoje vou ter com uma amiga, que é professora publica de muita influencia, e combinaremos o que se ha de fazer. Amanhan irei á senhora do dr. Ruy Barbosa, para que seja a primeira a assignar.

— Minha futura cunhada é civilista? — perguntou o tenente, sorrindo.

— Nem civilista, nem hermista. Sou brasileira, e é quanto basta. E si eu puder obter a assignatura tambem da senhora do marechal, fique certo de que não faltará ella em nosso protesto.

— Nosso protesto?... Já estão assim tão seguras de que realizarão a idéa? Cuidado! Si fôr para que se dê um fracasso, melhor é não tentar.

— Ah! tenente! — respondeu Dulce, rindo — então o senhor acha que só os homens são capazes de levar avante uma idéa? Pois, deixe estar, que em poucos dias eu mesma farei parte da commissão que ha de levar ao presidente da Republica o nobre, o unanime protesto da mulher brasileira contra seu acto prepotente! *Ce que femme veut, Dieu le veut!*

---«□»---

XVII

De volta ao lar

Trote largo, rapaz! — quantas vezes o dr. Barros já teria gritado estas palavras ao peão, que trouxera a *conducção* a buscal-o a Palhoça, duas horas distante de Florianopolis. — Trote largo, rapaz!

As saudades pela mãe e pela irman pungiam-n'o. Nos primeiros dias, quando ainda no vapor costeiro *Max*, da casa Hoepcke e C.ª, em seu espirito predominava victoriosa e triumphal a imagem da unica mulher que, até então, conseguira revolucionar em verdadeira febre todo seu intimo. Onde quer que se encontrasse, á mesa, ou recolhido ao camarote, a percorrer o tombadilho, com passadas largas ás vezes, outras vezes miudas e curtas, ou em qualquer outra parte, sempre diante dos olhos imaginosos se lhe erguia a doce imagem querida de Dulce.

— Dulce!... Como lhe ia bem o nome! Nenhum outro lhe caberia melhor. — Dulce! — Assim lh'o murmuravam as auras brandas e o vento impetuoso, as vagas iradas do mar e os astros do céu, e assim o repetiam, dulcissimo,

seu coração e sua alma enamorados, num sonho que se exteriorizava em musica, na harmonia dulcida e linda de duas simples syllabas — Dulce!...

Barros fôra sempre sinceramente patriota; amava seu paiz com essa especie de amor frenetico que por vezes se apodéra dos espiritos os mais como os menos cultos, pela terra que lhes foi berço ao corpo; mas agora parecia-lhe que amava seu Brasil ainda mais, porque... Dulce era brasileira... O Rio de Janeiro sempre exercera nelle uma fascinação irresistivel, uma especie de attracção imperiosa que o magnetizava, quer quando nas solidões da fazenda sertaneja, quer mesmo quando nas sumptuosidades e seducções deslumbrantes das grandes capitaes européas; mas, agora, o Rio lhe parecia mais o Rio, a mais formosa capital do mundo, porque... nelle habitava Dulce, e Dulce era carioca!... Religioso... não era, embora nunca zombasse da religião; mas hoje sentia no espirito e no coração uma ansia quasi dolorosa, um desejo ardente, uma necessidade inadiavel e insaciavel de estudar a religião, de conhecel-a, de verificar-lhe a verdade e observal-a, porque... Dulce era tão religiosa!

E Dulce um dia seria sua? Por que não? Como poderia elle viver sem ella? Que fardo pesadissimo seria sua existencia sem Dulce! Como a vida, sem ella, lhe correria vazia e árida!

Conseguil-a-ia?... Ah! por que não se encorajára a falar-lhe? Era tão facil promover uma occasião, provocal-a mesmo... Imaginára, isso imaginára, architectando periodos, compondo phrases que seriam de effeito seguro, mas, logo que a via, todo o castello, maduramente preparado, ruia por terra, desabava lamentavelmente, esqueciam-se-lhe as phrases preparadas, o coração precipitava-se vertiginoso, em um martellar violento, e a bocca se lhe emmudecia...

Dulce seria sua?... A um homem sem re-

ligião jámais pertenceria ella. E por causa della poderia elle tornar-se catholico praticante? Por causa... ah! isso não! Seria uma hypocrisia! Mas então... só lhe restava o recurso, a que se apegaria com afinco, de estudar bem a religião, convencer-se de sua verdade, pratical-a, emfim, mas praticaI-a por convicção e não por interesse. Podia ser um erro essa religião que fazia *della* um anjo?... Podia ser falsa uma arvore que produzia tão bellas flôres e fructos tão lindos?...

Apesar da má disposição de animo, e mesmo physica, que o mar agitado provocára caprichosamente nos passageiros do *Max*, a imagem querida de Dulce não se lhe apagava, nem empallidecia da lembrança apaixonada. Corriam assim rapidos os dias a bordo, por poucas que fossem as milhas que em sua rota conseguisse percorrer o *Max* por hora.

Uma manhan, os passageiros divisaram, ainda muito ao longe, o panorama encantador da ilha de Santa Catharina. As primeiras casas de Desterro surgiam lentamente, rompendo as nevoas matutinas, fazendo surgir a bella cidade, a que mais republicanamente foi dado ha pouco o nome de Florianopolis. Uns aos outros os passageiros chamavam-se a attenção, mostrando-se mutuamente as torres da cathedral, logo após o palacio do governo, mil e uma coisas da *sua* terra... Igualmente Antonio sentiu então arder-lhe mais intensa a saudade do lar paterno, o desejo de revêr a mãe amada, agora enferma, coitada!... Como ansiava tambem por estreitar nos braços a irmanzinha querida!... Ah! a linda fazenda de São Januario!...

Os demais passageiros, com os olhos indagadores, apenas viam no horizonte Florianopolis, mas elle... elle via mais, legoas e legoas mais longe... longe, muito longe... Depois de dias de viagem penosa, elle via São Januario... a casa ao centro, branca e baixa... as velhas tai-

pas cercando o terreiro... a mattaria ao fundo... o gado... E nesse quadro, que tão gratamente lhe falava á alma e ao coração, elle via mais, e com que enlevo... uma santa velhinha, tão bôa e tão querida!... e ouvia-lhe a voz, uma voz do céu, a recebel-o: «Meu filho!... Antonio!»... Oh! como de facto amava elle essa mãe, que lhe estava ainda tão longe, e que elle sabia adoentada!

Antonio via com olhos do coração tudo isso, emquanto os demais passageiros, apinhados na amurada, viam apenas Florianopolis, que se aproximava lentamente, a limitar-lhes o horizonte... Cegos, todos elles!...

. . . .

— Trote largo, rapaz!

E o peão cravava as esporas nos flancos da mula tordilha que montava, e animava aos brados á *madrinha*, para que tomasse a dianteira e corresse mais ligeiro: Trote largo!...

Ah! si pudesse voar!... Ainda 2 a 3 dias, por mais que as mulas trotem, até Lages, e de Lages ainda outro dia quasi inteiro... Oh! que saudades e que viagem tão longa!...

Por duas vezes o doutor pedira poiso em alguma casa; outras duas preferira pernoitar em campo aberto, depois de amarrar com segurança a mula *madrinha* a um tronco, com a respectiva campainha de guia, para que não debandassem as outras e pudesse continuar-se a viagem aos primeiros albores da madrugada.

Dorme-se bem no campo. O capim fresco suaviza a dureza da cama improvisada. O sellim serve de travesseiro; o *poncho*, pois o nosso viajante já não é o elegante doutor dos salões do Rio, serve de coberta. Pela manhan, emquanto o peão trata dos animaes, elle mesmo vae apanhar uns galhos de pinheiro, com os quaes desperta soberbo fogo, que em 15 minutos dará um esplendido café.

Hoje, porém, Antonio engulira o café ainda mais rapidamente que nos outros dias da viagem. E' que é o ultimo, e deve chegar pela tarde á fazenda...

Já as alimarias pisam terra da Cochilha Rica. As mulas, espontaneamente, correm mais celeres, antegozando soffregas as delicias do descanso, que lhes vae ser finalmente concedido em breves horas...

Faltam apenas duas legoas.

— Trote largo, rapaz!

Vão a entrar no terreiro vizinho á fazenda. Ali está o largo portão, formado de fortes varas transversaes, a destacarem-se da taipa. O *camarada* apeia, abre a larga cancella, fecha-a em seguida... Como correm agora prazenteiras as mulas!

— Trote largo, rapaz! Vamos! Eia!

Seguem... A canseira foi grande, a viagem longuissima, mas agora, como o ar se lhes torna suave e acariciador, acolhendo os viajantes num ambiente balsamico de familia!... Subito, pouco além, estende-se a cerca da fazenda paterna... novamente apeia o peão, abre a cancella... Antonio, ansioso, dá de esporas ao animal... Vinte minutos decorrem, em que as mulas galopam num arranco, até que o telhado amplo e violentamente rubro da vivenda patriarchal se descobre vivo no plaino... a sua casa... a casa de sua mãe!...

Que estará ella fazendo?... em que estará pensando a essa hora?... Esperal-o-á com a irman?... Impossivel que o esperem tão cedo: elles haviam feito a viagem tão rapidamente!... E qual dellas lhe apparecerá primeiro?...

A mente encandescida do joven põe-se a divagar... Estará agora talvez a mãe a cuidar do pequeno pomar ajardinado?... Talvez a irman, a um canto ensombrado da varanda, termine algum bordado caprichoso...

— Mãe! Minha mãe! — irrompe-lhe do peito, embora a casa lhe esteja ainda longe. Subito estremece. Mais um pouco, uma pequena volta, rapida subida de leve encosta, e terá diante dos olhos a casa inteira... talvez os proprios entes queridos por que seu coração fiel anseia e palpita celere... febril... a querida mãe... a doce irmanzinha...

— A casa! olha a casa! — exclama impetuoso, e a mula, estimulada pelas esporas que lhe fazem sangrar os flancos, salta, arremessa-se, corre, precipita-se quanto lh'o permittem as pernas cansadas.

Antonio perscruta os arredores com os olhos ansiosos, mas nem o vulto conhecidissimo e tantas vezes evocado da mãe, nem da irman, nem ninguem... Dóem-lhe os olhos de tanto firmal-os á soalheira... Ellas devem estar certamente em casa. Não perceberam ainda que elle chega... Faz o animal ainda galopar mais forte, num derradeiro esforço, arranca-se do sellim á frente do casarão, e, num impeto, abre estrugidoramente a porta, cahindo, offegante, nos braços do capataz, surpreso:

— O patrão! Minha Nossa Senhora!

— Cyrino, onde está mamãe? Onde está minha irman?

— Psiu!... Não faça barulho, patrãozinho!... Venha cá!

— Depressa! Que quer isso dizer? Deixeme passar!... Caramba! deixe-me passar! Que tem você?

— O senhor... mas o senhor... Venha cá primeiro... sua mãe está doente e póde fazer-lhe mal o vel-o entrar assim tão de repente...

— Deus do céu! Está de cama? E' grave?

— Não, lá muito grave não é, mas o doutor diz que ella precisa de muito socego...

— Pois, deixa-me. Hei de vêl-a, ainda que seja de longe... nas pontas dos pés... E mi-

nha irman? Por que minha irman não vem, Cyrino? Por que não apparece?

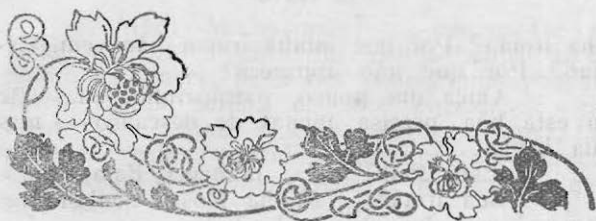
— Ouça um pouco, patrãozinho. Sua mãe já está bôa, precisa apenas de descanso... mas sua irman...

— Está mal? Fala, homem! Fala, ou...

— Sua irman... Minha Nossa Senhora!... como é que hei de dizel-o?

— Fala duma vez! — rugiu Antonio.

— Sua irman.... falleceu ha apenas uma hora!...

Um corpo pesado cahiu surdamente no chão... Pouco depois, o fiel Cyrino carrega nos braços o corpo desmaiado do patrão, que carinhosamente depositou em um leito armado num quarto proximo...

XVIII

Dez mil senhoras

eixa-me vêr tua lista, Dulce... Jesus! Já conseguiste 2749 assignaturas para o protesto contra a prohibição do desembarque dos frades! Parece incrivel! Como deves ter trabalhado! Si as outras da commissão fizeram o mesmo, o numero total ha de ser elevado.

— Eu, por mim, calculo que obteremos mais de dez mil assignaturas. Pena é que não conheça mais ninguem, que já não tenha assignado. Queria ao menos fazer 2750 certinhos. E falta-nos apenas uma hora e meia para irmos a palacio...

— Deixe vêr, Dulce — disse-lhe a irman. — Minha amiga Julinha já assignou?

— Julinha? Julinha Rodrigues?... Oh! Como pude esquecel-a! Vou já tomar do chapéu e corro á casa della.

— Pois, faze isso depressa. Creio que antes das dez horas não irá ella ao conservatorio.

... Julia achava-se commodamente reclinada em uma poltrona, lendo uma revista de caricaturas, quando Dulce entrou. Cumprimentaram-se com certa affeição exaggerada por parte de Julia.

— Apre! mas que autos volumosos trazes ahi, Dulce?

— Não sabes ainda do protesto que fazem as senhoras contra a injusta prohibição de desembarque aos religiosos expulsos de Portugal? Vim trazer-t'o para dares tambem tua assignatura. Já tem muitas, e das senhoras mais distinctas da sociedade. Olha aqui: vês? Mme. Maria Augusta Ruy Barbosa, aqui mais a de...

Julia tomára o documento, observando-o interessada. Quantas senhoras distinctas! Toda a elite da sociedade! A esposa do almirante Barbosa, a do conde de Paranaguá, a do Barão de...

— Julia! — exclamou Dulce, subitamente, indignada — Julia!...

A joven olhou, admirada, vendo nas mãos da amiga a revista que lia, poucos minutos antes.

— Como tu pódes lêr semelhantes baixezas, Julia?

— Mas que tem isso, Dulce? E' uma revista muito interessante e engraçada, que toda gente lê: *O Malho*.

— E' interessante?... Engraçada?... — A voz da joven tremia — Dize, antes, infame, Julia, infame e immoral! Uma sujeira que jámais deveria ser lida por quem se presa, e muito menos por uma moça!

— Não sejas beata de mais! *O Malho* não tem nada de mal. Afinal, a gente não ha de passar o dia inteiro a lêr «praticas» e «meditações»!

— Julia! — replicou muito seria a amiga — abandona e despresa essa leitura, que só te póde fazer mal. Afinal, não disseste que

commungas todas as semanas? Como ousas tu fitar na santa Hostia os mesmos olhos que lêem estas infamias, estas immoralidades?!

— Estas infamias?!... Immoralidades?!... Mas estás exaggerando muito, minha amiga!

— Oxalá assim fosse! Este numero é o de 15 de Outubro... Vê bem o que nelle se encontra... Tens coragem para olhar, sem corar de vergonha, esta pagina que te mostra freiras respeitaveis, amamentando creanças?!... Julia, tu pódes vêr, sem corar, esta outra, em que um sacerdote lamenta ter de «abandonar os... pequenos»?!... Oh! Julia, tu tens coragem para poisar teus olhos de donzella que se presa nesta indizivel baixeza, em que uma mulher, a «republica», puxa a corda da valvula de uma sentina, fazendo sahirem do esgoto bispos, sacerdotes e freiras, com filhos?!... E ainda est'outra — tudo no mesmo numero — com uma procissão indecorosa de freiras gravidas?!... A que baixaste, Julia!

— Não digo nada contra as religiosas, mas tambem outros jornaes...

— Cala-te! Tu, uma moça catholica, falas assim?!... Não sabes que *El Correo de Andalucia* depositou no banco de Hespanha uma grossa quantia para quem provasse veridicas essas infames accusações, espalhadas contra as pobres religiosas em Lisbôa? O *El Liberal* que, em Hespanha, se fizera echo de taes aleivosias, logo se calou diante do desafio!

— Não sabia!

— Pois sabe ainda que sobre essas mesmas calumnias uma senhora, D. Maria José Checa Nunes, desafiou a *España Nueva* a depositar 500$000 contra um conto de réis, que ganharia, si provasse as torpezas que affirmava. E a *España Nueva* emmudeceu!...

— Ora, não te zangues assim, Dulcezinha... Dá cá, que eu assigno já a lista, e prompto!

— Prompto?... Não! Dize-me antes que deixarás de lêr *O Malho*.

— Assim tambem é ser exigente demais. Outras moças fazem o mesmo que eu.

— E eu tenho pena das moças que de tal fórma se aviltam!

— Pois... não te incommodes com semelhantes baboseiras. Dá cá a lista!

— Queimarás *O Malho*?

— Não. Isto é demais! Eu assigno a lista, faço-te a vontade, e tu, por certo, me deixarás entreter-me um poucochito...

— Pois bem, Julia, dispenso tua assignatura. Prefiro mil vezes voltar sem ella, com as 2.749 que já tenho, a arredondar o numero com o nome de uma amiga que ao mesmo tempo que applaude o nosso protesto, applaude igualmente o vil escarneo insultuoso feito aos religiosos innocentes por uma imprensa perversa. Adeus, Julia...

— Mas, não te vás zangada assim! Não queres mais continuar minha amiga como dantes?

— Si não o quizesse, não te falaria com a franqueza com que falo. Más amigas são as que tudo applaudem, embora em consciencia sintam que devem censurar...

Rissssst... e *O Malho*, num impeto, rasgado em mil pedaços, foi mandado para a cozinha avivar as labaredas do fogão...

Pouco depois Dulce voltava a casa, com o numero redondo de 2.750 assignaturas em seu protesto.

. . . .

O dr. Nilo Peçanha, presidente da republica, percorria a passos irrequietos o seu gabinete particular do palacio do Cattete; o official de gabinete lhe annunciára que vinham já penetrando em palacio as senhoras em commissão que lhe iam apresentar o protesto con-

tra a ordem de prohibição de desembarque dos religiosos expulsos de Portugal.

— Em máus lençóes me metteu o Lauro Sodré!... Não posso deixar de ser cortez com as senhoras... no entanto, por outro lado, é impossivel ceder...

— Tenham VV. Excias. a bondade de entrar — convidou o official ás senhoras, afastando gentilmente o pesado reposteiro da porta de entrada.

Alguns momentos de silencio embaraçado... O dr. Nilo saúda com galanteria as senhoras, e, logo após ter falado D. Virginia Pinto Cidade, em nome das signatarias e da familia brasileira, a intima amiga de Dulce, que tambem se achava presente, D. Esther Pedreira de Mello, leu o extenso protesto de mais de 10.000 senhoras da elite carioca, a principio com voz um tanto tremula, mas que se foi a pouco e pouco tornando cada vez mais clara, limpida e vibrante...

Achava-se o presidente da Republica em posição penosa, tendo de ouvir, com o sorriso nos labios, a accusação tremenda que lhe fazia a parte mais distincta da sociedade da capital do paiz:

> ...«Não se comprehende, em verdade, sem natural revolta de todos os sentimentos bons, essa desigualdade, esse menospreso, esse quasi despreso com que é tratada, na pessôa de seus ministros, a religião catholica, apostolica, romana, a nossa, a dos nossos paes, a do povo brasileiro, o qual vê com viva tristeza e dolorosa inquietação — não ha confundir o povo com os máus, que positivam as suas ameaças *mesmo contra a lei*, como num comicio de 11 de Outubro ultimo — que os ministros de qualquer outra religião, a judaica ou de

> Mahomed ou de Confucio, pódem ter entrada franca, sem estorvo, sem a minima difficuldade, quando bem lhes approuver, no territorio do Brasil, ao passo — e o que vae nisto de profundamente injusto! — que a sacerdotes, quaes os mandados retirar de Portugal, *só por serem catholicos*, que outro não é o seu crime, se véda formalmente essa entrada, que, em tempo de paz (Constituição, art. 72, § 10) é permittida a *qualquer*, como a sahida desse territorio, com a fortuna e bens, *quando e como lhe convier*, independentemente de passaporte.
>
> As signatarias, brasileiras e catholicas, como catholica é a mulher brasileira, não sabem, tamanha a sua pena, como verdadeiramente expressar os sentimentos que as animam diante do acto que, vedando a entrada no territorio nacional a sacerdotes catholicos, tão disformemente os equiparou, oh! injuria! aos perigosos perturbadores da tranquillidade das nações, aos sahidos do anarchismo que tudo destróe, e aos vagabundos, mendigos e réus de lenocinio, isto é, dos mais baixos, infamantes e vergonhosos crimes»...

O presidente, perturbado, olhou de soslaio para o official de gabinete, e Dulce, que lhe estava proximo, ouviu-o que murmurava, baixinho: *Maldito Lauro!*... emquanto a voz firme de D. Esther Pedreira de Mello continuava:

> «Nem se diga em tempo algum que os ultimos dias do vosso governo foram assignalados por actos que se não compadecem com esse espirito de justiça e tolerancia, que deve ser inseparavel de todos quantos, no exercicio de funcções publicas, não obedecem a influencias es-

tranhas, como o maçonismo, cujas deliberações toda a imprensa publicou, e em grande destaque as delegações do Grão-Mestre, para a perseguição do clero catholico, accendendo dest'arte, tão imprudentemente, o facho da questão religiosa no Brasil da Constituição de 24 de Fevereiro»...

— Que responderá o presidente? — pensaram todas as senhoras da commissão. — Revogará o seu acto, mostrando-se verdadeiramente homem, energico, superior?...

— O governo, minhas senhoras — respondeu o dr. Nilo, e o proprio official de gabinete achou que nisto não foi feliz — não impediu acto algum contrario á liberdade de consciencia (— oh! — disse uma senhora ao lado de Dulce) ou attentatorio da Constituição federal. O meu acto é uma medida de ordem puramente policial, momentaneo por sua natureza, e provisorio.

— Ah! — murmurou Dulce — está preparando a retirada...

E o dr. Nilo continuou:

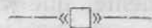
— O governo não é orgam de religião alguma; assegura a liberdade a todos os cultos, e si neste momento prohibe o desembarque de jesuitas, fal-o por acto de soberania e motivos de ordem publica, de que elle, e só elle é juiz.

«Que cynismo! santo Deus!» escreveu *O Universo*, no breve commentario que, no dia seguinte, bordou sobre a resposta do presidente, «mas a ousadia cresce de ponto á affirmação de que só elle é juiz de seus actos!

Alto lá! gritamos nós. De onde recebeste tu a autoridade?

— De Deus.

— Quem te designou para exercel-a?
— O povo.
— Quem te restringe o poder?
— A lei.
— Ahi estão tres juizes aos quaes não poderás fugir. E esses tres juizes te condemnaram, te amaldiçoam, e te hão de castigar como o mereces».

—«□»—

XIX

O «Orissa» em aguas da Guanabara

Com a graça natural e espontanea que lhe era propria, Dulce repetia, á noite, a narrativa do que se passára no Cattete. O tenente, que viéra visitar a noiva, ouvia-a interessado. Subito vibrou estridente o tympano do telephone; o commendador correu a attender:

— Aqui 2.938... sim... 29... 38... commendador Marcos de Castro... Ah! sim, está... Pois não, vou chamal-o ao apparelho.

— Ahi o chamam, tenente, do ministerio da Marinha. Parece coisa urgente.

— Já vou vêr.

E ouviu-se então parte da conversa:

— A's ordens... Sim, tenente Alfredo Rosa de Salles... sim... do *São Paulo*... não percebi bem... Ah! sim... pois não... ás ordens... vou já... prompto.

E, voltando-se para a familia attenta, depois de desligar o apparelho:

— Que massada! Tenho de seguir imme-

diatamente, a acompanhar o official de gabinete do presidente até bordo do *Orissa*. Adeus!... Até depois, queridinha!

— Que será? — indagou Marcos. — O *Orissa* entrou a 9. Haverá algum graúdo a embarcar?

— Que vapor é? — perguntou D. Sinhá.

— Inglez, mamãe — respondeu Dulce. — Não sabes que o inspector Romulo Cumplido foi hoje a bordo impedir o desembarque de dois jesuitas portuguezes?

— Então o governo manteve a ordem de prohibição? Lembro-me do fiasco que soffreu o Nilo, por occasião da entrada do *Atlantique*. Reporters, policia, tudo foi a bordo, á cata de religiosos expulsos, que lá se não achavam...

— Desta vez vieram dois, mamãe — informou Judith. — Como se chamam elles, Dulce?

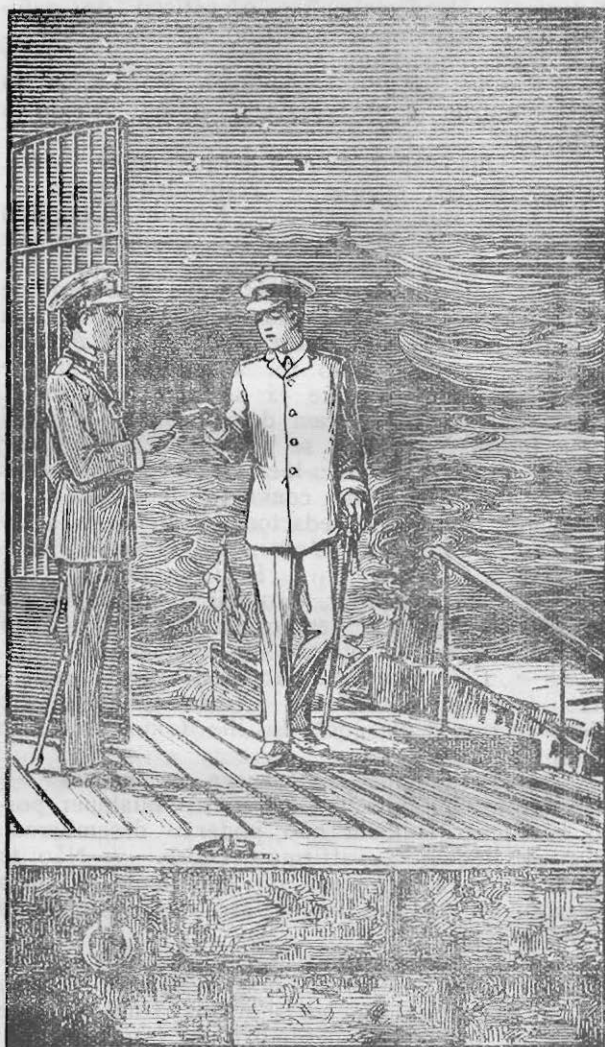
— O *Universo* deu-lhes os nomes. São dois jesuitas eminentes, do convento de Quelhas, o P. Bento Rodrigues, redactor do *Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, que mamãe tanto aprecia, e o outro é o P. Coutinho.

— Que estupidez, prohibir o desembarque de estrangeiros em tempo de paz! E' contra a Constituição — atalhou o commendador.

— E é contra a liberdade de consciencia — completou Dulce — máu grado o que disse o presidente, quando lhe fomos entregar nosso protesto.

— Para onde irão agora os padres? — perguntou D. Sinhá. — Em outro qualquer porto brasileiro tambem não poderão desembarcar.

— Pódem — affirmou Dulce. — Não te lembras do telegramma do presidente do Rio Grande do Sul? Elle os receberá. Que linda lição!

— E que vergonha seria para nós — observou Judith — si os dois religiosos fossem até á Argentina ou aos Estados Unidos, onde lhes foi offerecido desembarque franco!

— Quem sabe si teu noivo não foi encarregado de algum serviço que se ligue ao assumpto?

— E' impossivel, papae. A licença de desembarque já foi negada hoje pela manhan. Para que repetir a ordem? De mais a mais, Alfredo não se prestaria a papel tão degradante.

— Alfredo é militar, e tem de cumprir ordens.

— Antes pediria a reforma ou despiria a farda, papae!

. . . .

O tenente havia tomado um *taxi-auto*, e a essa hora já se achava no Pharoux, onde encontrou um official de palacio, que lhe transmittia uma ordem do governo. Alfredo leu... e ficou pasmado.

— Então o mundo hoje vae ás avessas?... Que é isto?... Pela manhan vedam o desembarque por um inspector de policia, e agora, á noite, mandam desembarcar os homens?!... Que *fita*!... Está bem. Sigamos para bordo do *Orissa*, com prazer, a proclamar que nosso governo, finalmente, se resolveu a cumprir o que manda a Constituição. Ainda bem, e oxalá tenha coragem para fazer o mesmo á luz do dia!

Não foi pequena a admiração dos jesuitas quando o commandante de bordo, que aprendera a estimal-os na travessia, lhes veiu communicar que novos emissarios os procuravam em nome do governo brasileiro. Estremeceram ambos ao verem diante de si a farda dos officiaes, mas o grande embaraço com que foram cumprimentados, principalmente por parte do tenente, inspirou-lhes segurança confiante. Com verdadeira surpresa e alegria souberam da mudança de resolução do governo.

— Graças a Deus! — exclamou o padre Coutinho — graças a Deus, que poderemos emfim descansar tranquillos!

— Não t'o havia dito? — respondeu o redactor do *Mensageiro*. — O sagrado Coração de Jesus não deixa de ouvir as preces dos que a elle recorrem com confiança!

— Pois, reverendos, têm os senhores liberdade plena para desembarcar. Eu mesmo, e este official da casa de S. Excia. o presidente da republica, acompanhal-os-emos até ao convento de seus Irmãos de Ordem, á rua São Clemente.

— Oh! obrigado, obrigadissimos, sr. tenente!

E, pouco depois, já na lancha, perguntou o tenente:

— E' verdade, reverendo, que os senhores foram assim tão maltratados, e por militares, os do «Artilharia 1», em Lisbôa?

— Não, sr. tenente, não foram militares, mas, e infelizmente, a gentalha mais vil, que nem uma simples colhér nos fornecia para comermos o rancho magro; que para... o tenente comprehende, para certas necessidades, que se não pódem soffrer, fixou-nos intervallos de 8 horas, regulamento infame, a que se viam forçados até mesmo pobres enfermos, aos quaes semelhantes atrocidades poderiam matar!

— Que baixeza! — murmurou o official.

— Baixeza?... Maior foi a que nos ultimos dias de nosso supplicio elles praticaram, ousando introduzir, no recinto em que estavamos presos, mulheres de má vida, despudoradas, que, aliás, tiveram de ser dali retiradas, apesar de sua... desvergonha.

— Infames! Que asco, que nausea eu sinto dessa ralé vil, reverendo!

Houve uma pausa.

— Ouvi dizer — disse por fim o official da casa do presidente — que em um calabouço do governo civil, alguns padres ainda

soffreram mais do que os presos no «Artilharia 1», e que ficaram 7 num pequeno cubiculo, onde apenas poderiam ficar 3, menos mal; é assim mesmo, sr. padre?

— Sete?... Oxalá tivesse sido assim! Mas foram 23!... 23 pobres sacerdotes, que tiveram de permanecer durante 5 dias, com ar infecto, em um local onde, de facto, só poderiam caber 5, ou, quando muito, 6 homens!

— Barbaros!

— Desculpe o reverendo — disse o tenente — o governo provisorio não lhes forneceu nenhuma roupa? Não vejo que tragam nem uma simples maleta de mão...

— Fornecer roupa?!... Imaginem os senhores que, apesar de se apoderarem de nossas legitimas propriedades, até mesmo de nossas heranças paternas, obrigaram-nos a pagar a passagem da viagem que elles mesmos nos impunham forçada! Aqui, o meu collega, não se podendo conter, protestou contra semelhante injustiça, que era um verdadeiro desafôro, e teve de ouvir: «Pois deixe estar, que em nós o apertando bem, e em você começando a apodrecer no inverno, logo achará dinheiro para que se livre!»... Não tivessemos sido soccorridos por antigos discipulos, ainda hoje gratos, e a esta hora estariamos, sem duvida, em algum calabouço...

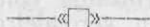
— Mais uma coisa, reverendo: apesar de os jornaes o terem dito, não posso acreditar que os senhores hajam sido obrigados a passar, um a um, pelo gabinete de anthropometria, classificados, medidos, photographados como criminosos contumazes...

Violento rubor de pejo subiu ás faces dos religiosos, rubor que os dois officiaes notaram, apesar da escassa luz da lancha.

— E' verdade, sim... soffremos mais essa

humilhação... e foi-nos a mais cruel! Não se demorará muito que os jornaes publiquem nosso retrato, acompanhado pelo numero infamante!...

Profundo silencio seguiu-se a essas palavras amarissimas. Só quando todos chegados ao cáes de desembarque, a conversação se reatou, emquanto tomavam os quatro um automovel, que os ia conduzir á rua São Clemente.

Pobres expulsos!...

XX

Na Cochilha Rica

Região Serrana, de Lages, orgam official do partido republicano, no 1º Sabbado que se seguiu ao regresso do dr. Antonio da Costa Barros, trouxe a seguinte noticia:

AINDA A TRAGEDIA DA COCHILHA RICA. — Como já noticiamos a nossos leitores, o provecto advogado do nosso fôro, dr. Antonio da Costa Barros, filho do nosso correligionario e prestimoso chefe politico, o finado major Casimiro da Costa Barros, regressou, na semana passada, de sua longa excursão á Europa, á sua fazenda da Coxilha Rica, onde, de chofre, o fulminou a noticia do passamento de sua virtuosa irman, a senhorita Gertrudes, que veiu a expirar uma hora antes da chegada do dr. Antonio. O terrivel choque que nosso amigo soffreu foi tal, que o dis-

tincto clinico desta cidade, dr. Sartori, que por acaso se achava numa fazenda proxima, durante algumas horas receiou por sua vida. Felizmente, a forte constituição physica do dr. Costa Barros o salvou, restituindo-o a sua virtuosa mãe, que, tambem doente, tinha necessidade de seus desvelos.

Infelizmente, a tragedia não ficou nisso. Os parentes, que tinham affluido á casa, julgaram dever occultar á mãe enferma a morte da filha, cujo cadaver estava sendo lavado e preparado.

O dr. Antonio, logo que recuperou os sentidos, e depois de se ter precipitado sobre o cadaver de sua querida irman, exigiu impetuosamente ser admittido á presença de sua mãe. Deixaram-n'o ir tão sómente quando elle, com ingente esforço, se tinha dominado ao ponto de poder occultar á mãe a morte da desditosa joven.

Foi doloroso o encontro de mãe e filho. Por mais que este se esforçasse em dominar sua emoção, a fazer vêr á mãe tão sómente a sua alegria de revêl-a, esta, com o instincto materno, deve ter adivinhado a dura e triste realidade. Em vão o dr. Barros respondeu ás suas inquietas perguntas sobre o estado da filha com evasivas e palavras tranquillizadoras. A doente só apparentemente se deu por satisfeita. Ninguem podia imaginar o que aconteceria depois.

Quando o filho, depois de julgar ter tranquillizado sua mãe, se retirou a mudar de roupa, deixando-a a sós, os parentes que, numa outra sala, acabavam de collocar o cadaver da joven no ataúde, ouviram subito um grito estridente, como só uma mãe angustiada e mortal-

mente ferida póde proferil-o. Voltando-se estarrecidos de horror, viram na porta D. Helena que, num supremo esforço, se levantára da cama, a vêr si o coração materno a illudira.

A surpresa foi tal, que os presentes nem conseguiram amparar a tempo a pobre mãe. D. Helena cahiu de chofre como massa inanimada, e o dr. Sartori, que, felizmente, ainda estava presente, só depois de ingentes esforços fel-a voltar á vida. A pobre senhora, entretanto, perdeu por completo o uso da palavra. Fracamente reagindo, mostra ter conservado a lucidez de espirito, mas a fala não lhe voltou até á hora em que damos estas notas.

Nosso amigo, o dr. Antonio Costa, ferido por mais este duro golpe que, na hora anhelada do regresso ao lar, lhe era duplamente doloroso, mostrou-se digno filho da terra serrana, não succumbindo em desanimo, mas reerguendo-se, com ingente esforço, para servir sua mãe, que de seus desvelos agora duplamente carece.

A consternação entre os amigos da distincta familia Costa Barros é geral.

Sobre o enterro da inditosa moça, D. Gertrudes da Costa Barros, em outro local damos detalhadas noticias.

Ao desventurado amigo os protestos de nossa solidariedade na dôr pelos duros golpes que, inesperada e cruelmente, vieram feril-o.

*

* *

— Não resta outra coisa a fazer — disse ao dr. Costa Barros, oito dias depois do en-

terro da irman, o medico do municipio, dr. Sartori. — Sua mãe está melhorando; já agora é preciso fazer-se forte e procurar fortalecel-a tambem, para que seu estado não se aggrave, o que seria de possiveis consequencias perigosas. Faça o que lhe aconselhei: é forçoso não a contrariar, e necessaria uma radical mudança de ares.

— Não a contrariar! — respondeu amargamente o joven fazendeiro — como si eu não timbrasse em zelar com dedicação talvez sobrehumana sobre quem... sobre aquella, a unica, que me resta no mundo! Afinal, que póde mais desejar minha mãe, sabendo que lhe morreu minha irman?... Hoje pela manhan escreveu na pedra que lhe dei... pobre mãe, que já nem póde falar!... E o que ella escreveu foram palavras de saudade pela filha que lhe morrera!...

— Eu sei que o senhor fará tudo, doutor — interrompeu o medico — tudo quanto estiver em suas forças. Faça, pois, o que lhe disse, e espere. Embora já haja começado o verão, o clima de Lages é demasiadamente inconstante. Não me disse já o senhor um dia que sua mãe é carioca?

— E', mas com certeza o doutor não julgará que seja conveniente faça ella agora viagem tão longa e fatigante, no estado em que se acha?

— Sim, por certo não póde realizar a viagem já e já. Entretanto, deve mudar-se daqui, e, si possivel fôr, para a terra natal; disso só lhe resultará bem, desde que lh'o permittam as forças physicas. Creio que amanhan poderá ella levantar-se por algumas horas. Quanto mais cedo, pois, mudar-se, tanto maior é a probabilidade de que um bom especialista, auxiliado por clima mais benigno e pela mudança de vida, possa fazel-a recuperar o uso da fala, que perdeu por formidavel abalo nervoso.

— O doutor tem effectivamente esperanças, ou quer apenas encorajar-me?

— Estou convencido de que, sobretudo agora, quando o mal ainda não criou raizes fundas, um bom especialista poderá fazer milagres.

— Mas a viagem, doutor!

— A viagem será penosa, será; mas hoje já se viaja menos difficilmente do que ha poucos annos atraz. Temos agora uma bôa estrada de rodagem até Florianopolis, e de lá póde ella tomar facilmente o vapor.

— Eu sempre pensei em transferir nossa residencia para o Rio. Mas agora, que, além de meu pae, deixo aqui, no cemiterio, tambem minha irman, confesso que a separação me custa muito... O doutor não sabe a dôr que é chegar-se ao lar, de que se esteve tanto tempo ausente, e não encontrar mais nelle a irman querida, que na ausencia com tanta saudade era lembrada!... Minha mãe não poderá melhorar aqui mesmo? Desejaria poupar-lhe a fadiga dessa viagem.

— Melhorará sem duvida; já vae mesmo melhorando, e eu, francamente, admiro a energia de vontade de que tem dado provas. O que eu digo é que acho pouco provavel consigamos aqui meios para fazel-a recuperar a fala.

— Então... seja como o doutor quer. Logo que ella possa, conduzil-a-ei em carro, com todo o cuidado, até Florianopolis, e lá tomaremos o vapor. Mas quem me garantirá que minha pobre mãe aguente a viagem? E... que, afinal de contas, todo o perigo que vae correr não seja em vão?

— Quem garante... sou eu, tanto quanto o póde fazer um medico. E mais ainda: para que o senhor se tranquillize, acompanhal-a-ei pelo menos até Canôas.

— Isto sim, doutor, muito e muito agradecido! Não acceitaria semelhante sacrificio —

e sei o que é! — si de mim se tratasse, mas, em favor de minha mãe, acceito, doutor, acceito obrigadissimo. Agora, dá-me licença, não é? Vou vêl-a.

— Pois não; esteja a vontade.

O dr. Costa Barros encontrou a mãe dormindo tranquillamente. As feições da veneranda senhora, de ordinario tão meigas, achavam-se como que transfiguradas por uma expressão resignada, que devia vir de uma resignação fóra deste mundo.

Deveria elle expôl-a á fadiga de viagem tão longa?... Mas, por outro lado, como se haveria elle de resignar a não ouvir mais — nunca mais! — a sua doce e querida voz de mãe carinhosa?!... Não! Faria tudo, tentaria o impossivel para conseguil-a curada, ainda mesmo que tivesse de conduzil-a ás costas!... E Deus não haveria deixar de restituir-lhe a fala. Deus?... Deus?... E tinha elle o direito de esperar tamanha graça de Deus? Não... Elle não, mas a mãe, sim, ella, que sempre foi tão bôa, tão santa, tão religiosa... Por que justamente os bons hão de soffrer tanto? E' possivel que Deus seja para elles tão cruel?... para com os que tão fielmente o servem? Não é isso uma injustiça?...

Subito, Antonio sente despertar-lhe na memoria o quadro que em Oberammergau tanto o impressionára: o caminho de Jesus e de Maria na *Via Crucis*... Horror!... e elles não soffriam tanto?!

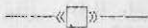
Ah!... e ouvia agora a voz do tenente: «Não houvesse uma outra vida, com pagamento e premio ao mal e ao bem, e tudo mudaria de aspecto. Deixe estar! Ainda que tarde, far-se-á justiça. Deixe estar!»

Feliz, esse noivo de Judith, com sua fé robusta, que tanta força lhe dava em todas as situações da vida! Por que não teria elle a mesma fé? Repugnava á sua consciencia?... á

sua intelligencia?... Ah! isso não! Jámais conseguira apresentar algo de razoavel á argumentação do tenente, do frade a bordo, e... de Dulce...

Dulce!... Dulce!... Ah! si ella estivesse ali! Si ella poisasse a delicada mãozinha na testa de sua mãe, a acaricial-a!... Si ella a fitasse com seus grandes olhos luminosos e profundos, que tão bem reflectiam todo um mundo de generosidade e de grandeza d'alma!... Si ella dirigisse á sua mãe um daquelles encantadores sorrisos, que tão lindos e graciosos lhe cavavam as covinhas nas faces, e que lhe davam ás feições um encanto especial... Ah! então sua mãe haveria de ficar bôa! recuperaria a fala, haveria de dizer-lhe, com a meiguice carinhosa e o enthusiasmo do seu bondoso coração materno: «Minha filha!»

Absorto, o doutor, que se havia sentado ao lado do leito, erguera-se do logar onde estava. O seu espirito vagueou errante até aquelle encantador palacio de Botafogo, a acompanhar quanto ali se passava, mas, particularmente, a silhueta querida daquella joven... Dulce... de nome tão lindo, o unico que lhe ficava bem: Dulce!...

Subito, suas divagações apaixonadas pararam, de chofre. Antonio sentiu cravados nos seus os olhos ardentes de sua mãe querida, e esses olhos sorriam... sorriam... Bom augurio?...

XXI

Reflectia!

Cyrino, typo genuinamente de cabôclo, commodamente posto sobre sua mula favorita, entrava pelo portão do convento franciscano de Lages, e ainda de longe gritava para o Irmão, que via trabalhar no jardim:

— Olá, Mauricio!... Mauricio!... Tem por ahi um cafézinho quente para mim?

— Apeie, Cyrino — respondeu o Irmão. — Vaes então á cidade? *)

— Por esta vez, não: venho acompanhar o patrão, que dentro em pouco virá pedir um padre para dizer Missa em *São Januario*.

— A mãe do doutor peiorou?

— Não peiorou, não; mas quer á fina força assistir a uma Missa.

— Pois vou já falar ao padre Guardião.

O bom Irmão Mauricio gozava da mais franca sympathia da parte de toda a gente que

---

*) Assim — «a cidade» — chamam á capital do Estado.

com elle tratasse, e especialmente os tropeiros se lhe affeiçôavam. Embora nascido na Allemanha, facilmente se acclimára á região serrana, como si filho fôra do paiz. Servia como jardineiro e hortelão, e caprichava em manter ordem admiravel em *seu* bem cuidado e muito querido pomar, que em pouco tempo se tornou digno de vêr-se e apreciar. Os Lageanos todos recordavam-se ainda do velho pedaço de capoeira antiga, que os esforços incessantes do Irmão Mauricio, de seus confrades e ajudantes, transformaram na linda plantação, cultivada com esmero, que hoje é. As videiras, as arvores fructiferas, as flôres, os legumes, tudo testemunhava a applicada intelligencia do incansavel Irmão.

O que, no entretanto, mais que tudo lhe grangeára a estima e até a admiração geral, além do modo lhano e captivante de seu trato, fôra a especial competencia que revelára em tudo quanto se referisse á *locomotiva* do campo, isto é, o cavallo ou a mula. Nesse assumpto reconheciam-n'o superior aos proprios tropeiros, e toda a vez que fosse necessario ir receber um Provincial, em viagem canonica, ou um confrade enfermo, ou qualquer pessôa grada ecclesiastica, era sempre escolhido para a commissão o Irmão Mauricio, conhecedor de todos os desvãos e dos mil accidentes dos caminhos, sempre de uma dedicação a toda prova, cuidadoso com os animaes, que se não afadigassem muito; era elle quem á noite preparava, nas viagens, por vezes longas, as rudes *camas* com os arreios das mulas; quem fazia crepitar o fogo na sésta, a preparar jovialmente o café ou o almoço, e, ao mesmo tempo, e com o mesmo modo pacifico, encilhava ou desencilhava os animaes: era quem os tratava quando mancassem, quem concertava as pontes que faziam perigosas as travessias pelos ribeirões e vallados; elle, finalmente, quem fazia recobrar animo ao ca-

valleiro pouco affeito a tão longas cavalgadas, quandó, derreado de cansaço, já mal se podia aguentar na sella.

Qualquer que fosse a contrariedade com que tivesse de arcar, o Irmão Mauricio se conservava sempre, inalteravelmente, em seu bom humor. Chovia, mas... que importava chovesse, pois que a chuva era enviada pelo bom Deus para refrescar as plantações e fecundar a terra!... O frio, rispido e anavalhante, abria fendas nos dedos e fustigava o rosto. Que mal fazia o frio, diante da sua impassibilidade?... Ardia causticante o sol estival, queimando como brasa, numa atmosphera de fogo e chumbo. Mas... por que se queixar do sol, que fazia cantarem as cigarras e revigorava de seiva a floresta?...

Que teriam feito os padres, sem o concurso intelligente e dedicadissimo do infatigavel Irmão?!... No entanto, o Irmão Mauricio, apparentemente, não exercia nenhum apostolado: apenas cuidava dos pomares, do jardim e da horta, e tratava dos animaes. Mas não era simplesmente indispensavel seu concurso, para que os padres do convento pudessem bem exercer o apostolado da prégação, da visita aos enfermos, da administração dos santos sacramentos?...

Eram essas as idéas que passavam pela mente do joven fazendeiro, quando, pouco depois, ao entrar por sua vez no jardim do convento, via seu capataz em animada palestra com o Irmão Mauricio.

O Irmão, embora Cyrino, com a rude confiança dos cabôclos, o tratasse seguidamente, ora por *tu*, ora por *você*, modestamente o tratava por *senhor*.

A pedido do fazendeiro, o padre Guardião escolheu para seguir até *São Januario* o mesmo religioso que, mezes antes, havia sacramentado D. Gertrudes. E Frei José, embora fatigado, por apenas regressar do Painel, aonde

fóra no exercicio de seu *munus* sacerdotal, apromptou-se para incontinenti acompanhar o dr. Costa Barros.

Seguiram montados, um ao lado do outro, tendo Cyrino ficado na cidade para tratar ainda de alguns negocios, devendo seguir de regresso mais tarde.

— Bôa pessôa, esse Irmão Mauricio. — disse o doutor. — Não comprehendo como elle, com tanto trabalho, consegue estar sempre alegre, bem disposto e serviçal.

— Tem razão, doutor. E' uma perola. Não fosse a satisfação de corresponder a um ideal, e, certamente, elle não conseguiria fazer tanto.

— E' exactamente isso que me dá que pensar. O Irmão, como membro de um convento, não ganha coisa alguma; não póde dispôr nem mesmo de um vintem. O superior póde ralhar-lhe quando ache não estar bem feito qualquer trabalho seu. E o Irmão está sempre contente!... Desde a manhan até á noite, sempre tem o mesmo pesado serviço, e nem a mais leve queixa lhe sáe dos labios!

— E' verdade, doutor; aqui elle não ganha nada. Entretanto, parece-me que os Irmãos leigos são verdadeiros genios financeiros. Elles, realmente, sabem armazenar grande fortuna. Que teriam aqui no mundo, quando constituissem familia e vivessem segundo a propria vontade? Sem duvida, teriam gozos e satisfações, mas tudo isso passageiro, emquanto agora tudo sacrificam para um dia possuirem plenamente o Senhor Eterno...

— Sim... e se não arrependem nunca?

— Ora, doutor! Quem lhes prohibe voltarem para o seio da familia que deixaram?... O convento não é uma prisão. Quem nelle vive, nelle está porque nelle quer estar. Posso affirmar-lhe, doutor, que ainda nem uma vez, nunca eu me arrependi de haver entrado para a Ordem. Horas de desgosto e soffrimento, por certo que

eu as tive, e muitas. Ninguem me reteve no claustro, a não ser minha consciencia, e a convicção de que, vivendo na Ordem, dou uma prova de affeição a Deus, maior do que a que poderia dar, si vivesse no mundo.

— Mas... o reverendo permitte uma pergunta, talvez muito indiscreta?...

— Fale com toda a franqueza, doutor. Absolutamente não me zangarei.

Pararam, porém, por momentos a conversação, para atravessarem o rio Caveiras, cujas aguas haviam crescido consideravelmente com as chuvas dos dias precedentes. Depois que o rio foi transposto, disse o frade:

— Então, doutor?... Fale!

— Oh! reverendo, é um pensamento que mais de uma vez já me veiu, e me custa externar...

— Fale socegadamente.

— Pois seja! Diz-me o senhor que jámais se arrependeu de ter entrado para a Ordem. Mas não se poderá dar o caso de arrepender-se ainda um dia?

— Como?

— O senhor ainda é moço... Não poderá acontecer, por exemplo, que um dia lhe nasça no peito — oh! perdôe-me a franqueza — um amor violento, que o possua e domine todo inteiro?... E o que faria então, reverendo?

— O senhor fala com sinceridade; por isso tambem com a mesma sinceridade lhe respondo. Sim, póde dar-se esse caso, embora eu não o creia provavel. Que faria eu então?... Antes de entrar para a Ordem eu era livre. Podia escolher este ou aquelle estado de vida, casar-me ou deixar de fazel-o. Escolhendo a vida religiosa, avisaram-me que havia de renunciar para sempre ás alegrias do estado matrimonial, á posse de meus bens de fortuna e até á minha propria vontade, devendo curvar-me submisso á de outrem. E eu fiz o sacrificio, com plena liber-

dade, com toda a reflexão, com sincero prazer. Ainda assim, não me admittiram logo, como não admittem ninguem, aos votos que formam o caracteristico da vida religiosa; mas obrigaram-me a viver, durante um anno inteiro, como si já estivesse ligado por esses votos. E' o noviciado, cujo decorrer ainda mais me confirmou na resolução de escolher para sempre a vida religiosa. Fiz então os votos em plena liberdade e consciencia de meu acto, sem a minima especie de coacção, vendo bem de um lado o que o mundo me offerecia em gozos, e, de outro, os sacrificios que me esperavam. Lutas, lutas terriveis, oh! não me faltaram nem me pouparam ellas. Si, pois, uma nova se me apresentasse, eu teria de repetir a resistencia que lhe oppuz no passado. Agora já não sou livre; devo, pois, combater esse tal amor a que o doutor se refere.

— Mas é duro, reverendo! Acho até humanamente impossivel!

— Ah! alto lá, doutor! Agora é que o amigo já não fala acertadamente.

— E por que?

— Ora, por que ha de escolher justamente um religioso para victima desse amor violento? Não se poderá dar o phenomeno com um homem casado, que, de subito, se sinta attrahido e dominado por outra mulher, que não a sua legitima esposa? E que lhe restará então a fazer? Resistir!... Resistir!... Sinão, ver-se-á elle condemnado, não apenas pela propria consciencia, mas, igualmente, pela sociedade honesta em peso!... Já vê, pois, que o voto não obriga a nada de inaudito.

— Não posso contestar quanto diz, mas nem todos comprehendem esse voto de castidade.

— Não o nego; entretanto, doutor, si muitos ha que julgam impossivel a castidade no estado sacerdotal, por que não o julgam igual-

mente, logicamente, impossivel em suas filhas e em seus filhos, emquanto ainda não casados?...

— Sim, isso é logico.

— Aliás, longe de mim a idéa de fulminar condemnações sobre quem cáe. Pelo contrario, tenho-lhes pena. Sei que eu mesmo, sem os meios preservativos que a Religião me offerece, não poderia observar este nem os outros votos...

Seguiram por algum tempo a estrada, guardando silencio.

— E sua mãe, doutor, vae passando melhor estes ultimos dias, pois não é?

— Minha mãe... Quem me déra poder restituir-lhe a fala! Imagine que hontem, ao pedir-me que o procurasse para celebrar a Missa em *São Januario*, teve de fazel-o por escripto, e desse modo faz sempre que se quer communicar com alguem. Isto dóe, reverendo!

— Sim, mas não desanime. Deus perfeitamente sabe o que e quanto faz. O sol jámais deixou de fulgir depois da borrasca.

— Mas por que devo eu justamente soffrer tanto, quando nunca fiz mal a ninguem?

— Não é a mim que o deve perguntar, doutor; eu não sou omnisciente. Demais, o senhor labora em erro, si julga não deva Deus permittir que soffram os justos.

— Mas realmente não comprehendo como possa Deus, o justo Deus, deixar que tanto soffram pessôas innocentes.

— E é tão facil comprehendel-o! Jurisconsulto que é, o doutor quereria que neste mundo sómente os máus soffressem?

— Certo! isto, pelo menos, seria razoavel.

— Absolutamente não seria razoavel, dr. Barros! Si assim fosse, teriamos que dizer adeus á *liberdade humana*.

— Não comprehendo.

— Não?... Mas si sómente os perversos soffressem, ninguem ousaria praticar o mal, não

pelo amor ao bem, mas pelo temor do castigo immediato. Não haveria a plena liberdade de seguir o bem ou o mal, isto é, nenhum merito haveria para os que fizessem o bem e que o fariam só para não incorrerem em pena.

— Onde, então, fica a justiça de Deus?

— O doutor não sabe que Deus tem a eternidade á sua disposição? Nem tudo se fará hoje, mas talvez se faça amanhan, qualquer outro dia; mas justiça será feita, completa, e nós ambos seremos della testemunhas!...

— Com que solemne gravidade o affirma o senhor!

— E não é para menos. Nesta vida o premio e o castigo seguir-se-iam ao bem ou ao mal, e não haveria merito algum.

— Mas, pelo menos, ninguem se poderia queixar!

— Nem o póde agora, porque, infallivelmente, justiça será feita. Entretanto, si o mundo não fosse como é, todos reclamariam a amplitude de liberdade de acção que hoje temos. E a liberdade da applicação da vontade humana é o unico poder que Deus respeita nesta vida!

Seguiu-se nova pausa...

— Minha unica esperança — continuou, finalmente, o dr. Barros — funda-se na palavra do medico: mudança de ar e a consulta de um bom especialista. Logo que o estado de minha mãe o permitta, partiremos todos para o Rio. Foi por isso que vim pessoalmente buscal-o, pos tive ainda de tratar certos negocios em Lages.

— De coração almejo que sua esperança não falhe. Mas, com franqueza, por que diz o senhor que funda sua esperança sómente no que lhe prometteu o medico?

— E que outra poderia eu ter?

— O senhor não é atheu. Julga então seu Deus tão pouco generoso ou tão... pouco bom

que não possa, ou não esteja disposto a soccorrer?

— Ah! padre, milagres já se não fazem em nossos dias!

— Concedo, de antemão, que nem tudo quanto como tal é apresentado seja milagre, principalmente quando o é por individuos menos instruidos. Mas a possibilidade da realização de milagres, aliás, o doutor não a contestará jámais, pois isso equivaleria a contestar o poder infinito d'Aquelle que deu as leis á natureza

— Tem razão.

— Mas, além disso, quem diz que Deus precisa recorrer a um milagre para a cura de sua mãe? Não lhe seria facil dispôr causas naturaes, de tal modo que se lhes siga o effeito desejado?

— Ah! quem me déra assim fosse!

— Talvez só do senhor dependa que o seja!

— Como?

— De sua... de sua fé.

— ?!

E, gravemente, o franciscano continuou:

— Doutor, amanhan, pela manhan, o senhor vae hospedar em sua casa Aquelle diante do qual tremem céus e terra! E não terá nada a pedir-lhe?...

— Oxalá tivesse eu essa fé!

— A fé não é um producto da razão; é um dom de Deus, dom precioso que não é negado a quem quer que humildemente lh'o implore.

— A minha razão se oppõe a isso.

— Oppõe-se? No entanto, não se oppõe a que o senhor preste fé a falaciosas affirmações de desconhecidos, ou pessôas que mal conhece. Só Deus não merece que o senhor lh'a preste?!

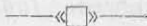
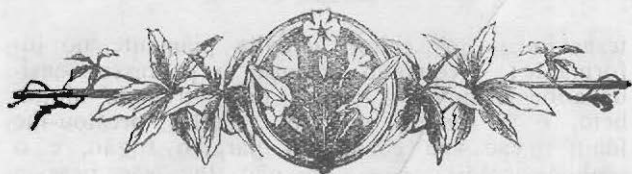
— Reverendo!...

— E' isso: pede informações na estrada para que lhe indiquem o caminho, de que se

transviou, e o senhor acredita piamente no informante; — quando creança, o professor ensinava-lhe o nome e o uso das letras do alphabeto, e o senhor acreditou nelle, prestou-lhe fé; — vae sua cozinheira para o fogão, e o senhor acredita que ella não lhe vae tirar a vida com comidas envenenadas; — embarca, toma o vapor, e crê no commandante, que lhe diz que o trará para o Brasil, quando póde conduzil-o ao Japão, sem que o senhor o perceba em tempo; — tem seu capataz, e confia nelle; confia em todos os que o ceram... menos em Deus?... A seus olhos confiantes, Deus merece, Deus vale menos que todos esses?...

— O reverendo tem um modo de argumentar que me confunde. Deixe-me reflectir...

— Pois sim, doutor, reflicta. Pense muito amanhan, durante a santa Missa, sobre quem é que vem honrar a sua casa com sua presença real, embora invisivel; reflicta bem, e pense com cuidado que sómente o em verdade humilde de coração vê abrirem-se-lhe os olhos do espirito a reconhecer o Senhor dos céus e da terra, o Deus de vida e de morte, o Supremo Arbitro da enfermidade e da saude... Reflicta bem em tudo isso, doutor!...

———«□»———

XXII

A Missa

altar onde se deveria, dentro em pouco, celebrar a santa Missa, na fazenda de São Januario, estava agora longe de apresentar-se tão garridamente enfeitado como quando em vida de Trudinha. As rudes e desageitadas mãos callosas do velho Cyrino pouca ou nenhuma habilidade tinham para tratar de flôres e dispôl-as em harmoniosos ramilhetes; e as mãos de uma longinqua parenta da familia, que viera auxiliar o doutor no tratamento da mãe enferma, nem por sombras podiam competir em geito e gosto artistico com as da fallecida e sempre chorada *Innocencia.*

Mas a doente parecia hoje mais bem disposta e mesmo contente. Com a sua fé vigorosa, bem sabia que maior felicidade lhe não poderia haver do que receber a visita de seu Deus... Como lhe ergueria preces ardentes por occasião da Elevação!... até á sagrada Communhão!... Sim, a Communhão, a intima e mais santa união que entre a creatura e seu autor póde haver... Preparára-se com cuidado meticuloso, com fer-

vor extremo, confessando-se a Frei José, respondendo por signaes ás perguntas do sacerdote, e, ás vezes, quando a resposta era necessario que fosse mais explicita e desenvolvida, escrevendo-a na pequena lousa, que agora trazia sempre comsigo. Conseguira erguer-se do leito nas vesperas, e sentia-se hoje tão forte que, de maneira alguma, consentiria conservar-se na cama.

Durante o santo sacrificio da Missa, D. Helena se manteve sentada em ampla cadeira de balanço. O velho Cyrino e seus filhos, por desejo expresso da patrôa, assistiam tambem á Missa, que era rezada no quarto onde fallecera a saudosa *Innocencia*. Antonio, mais por satisfazer a um desejo que sentia ser ardente em sua mãe, do que por convicção propria, ajoelhou como os demais circumstantes, quando Frei José começou a celebração da santa ceremonia. Os preparativos para o acto, e, não menos, a preoccupação com a proxima viagem que deveria encetar, distrahiam-n'o um tanto, e faziam-n'o assistir á Missa quasi completamente alheio ao que se passava.

Subito, tres vezes se fez ouvir a campainha em *Sanctus*, vibrada pelo filho menor de Cyrino, que servia de acolyto.

O doutor estremeceu. *Reflicta!*... Essa advertencia severa do religioso resurgiu-lhe na memoria. E que lhe haveria dito o padre?... Uma visita... Falára da visita de... mas era impossivel! Como poderia Deus ligar a esse ponto importancia tamanha á misera e pobre humanidade!...

Mas... e si fosse verdade?... Milhares de homens, incontestavelmente instruidos, superiores, o acreditavam!... Si fosse verdade, não se mudaria então o aspecto do mundo inteiro?... Que seria de tudo quanto na terra se julga grande e poderoso — em comparação com o apparecimento do Creador em sua face!...

Não! Não! Impossivel isso!

Reflicta!... Só o humilde...

— Meu Deus! E si fosse verdade? Si Elle... Elle... que na Palestina curou tantos enfermos... si Elle aqui apparecesse realmente... Si sua mãe querida... Oh! idéa venturosa! Si sua mãe se levantasse dali bôa, definitivamente curada, falando, falando-lhe, novamente chamando-o: «Meu filho! meu querido filho!»... ah! então elle acreditaria tambem, sim, com fé, com firmeza, com uma verdadeira e robusta convicção invencivel!

Mas... só nesse caso?... *Reflicta! Só o humilde*... Como poderia elle dar leis e determinar procedimentos a seu Deus! Ter a ousadia de apresentar-lhe as condições sob as quaes o reconheceria!... E Deus poderia sujeitar-se a isso?...

Nisso vibrou novamente a campainha. Era o momento... a hora, o instante solemnissimo, de que lhe falára o padre... Agora... deveria Elle vir... Deveria vir?... ou teria já... ou já ali estava?...

— Meu Deus e meu Senhor!... Creio... creio em Ti!... Não, eu não creio ainda, não quero nem posso mentir-te!... Mas, ah! como desejaria crêr! Crêr em tua presença real, crêr firmemente que aqui estás, em minha fazenda, diante de mim!... Christo, si de facto aqui estás, si me vês e me ouves, escuta-me! Olha com olhos misericordiosos para minha fraqueza e meu orgulho! Si aqui estás diante de mim, oh! tu, Senhor do céu e da terra, faze com que te conheça, que te saiba e possa servir!... Christo, Jesus! soccorre-me e salva-me! Si aqui estás presente, a cinco passos de mim, ouve-me... Vê minha mãe... Tu sabes que eu a amo mais do que a mim proprio... e ella já me não fala, a mim, seu filho, que a quero tanto! Tu bem sabes, Jesus, desde que Trudinha morreu, minha mãe perdeu a fala. Tem pena della e cura-a, Jesus, e eu hei de crêr em ti! Eu já

creio em ti!... Christo, ajuda-me e fortalece minha fé!

Curvando a cabeça, os olhos rasos d'agua, Antonio continuou a orar baixinho e commovido, como jámais rezára antes...

— *Domine, non sum dignus!* — repetiu por tres vezes o celebrante, e aproximou-se de D. Helena, com a sagrada Hostia erguida na dextra...

— *Domine, non sum dignus!* — repetiu como um echo o coração emocionado do joven...

— *Corpus Domini Nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam æternam! Amen...*

E Christo já não mais estava na mão do sacerdote... Passára para a bocca... para o coração da enferma...

Antonio estremeceu violentamente. Sua mãe e Deus — unidos em um só!... Quem jámais o poderá comprehender, a esse mysterio da união intima do Creador com sua creatura!...

Deveria dar-se agora o milagre!... Deveria agora falar sua mãe! Deus, que muito mais lhe déra, poderia negar-lhe o menos?... Poderia Jesus deixar continuasse muda a lingua, em que, momentos antes, poisára?...

— Christo, soccorre-a! — vibrou-lhe de todo o intimo do coração de Antonio, como um brado de angustia — Soccorre-a, Jesus!... soccorre-a!

No entanto, D. Helena, em profundo recolhimento, permanecia muda como dantes...

O joven não viu como o sacerdote terminou a Missa. Nem percebeu quando elle, em voz baixa, rezava as 3 Ave-Marias e as demais orações de estylo para depois do acto. Não viu nem mesmo quando o velho Cyrino e os filhos deixaram a sala...

— E si Christo, por minha causa, não quizesse curar minha mãe?... E si a culpa fosse minha?... Si... mas que hei de então fazer?...

Conf... — ah! nem em simples pensamento Antonio ousava terminar a palavra: — conf... Não, Jesus, isso eu não posso! Romper com todo o meu passado!...

Do intimo uma voz — a voz de Christo — parecia que lhe respondia:

— Não pódes? E si fosse esse o preço do restabelecimento de tua mãe?...

— Tudo! Tudo, menos isso!... Não sejas cruel! Não exijas de mim o que é superior a minhas forças!... Confessar?! Eu me confessar?!... Tudo, Jesus, mas isso... é impossivel!

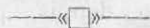
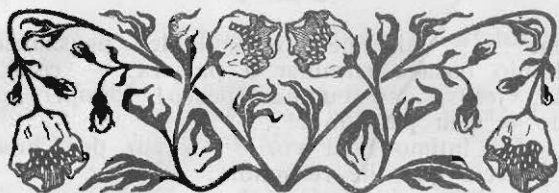
— Tudo?... Sim, a mudez de tua mãe...

— Tu me atormentas, Senhor!... Faze-me soffrer tudo quanto quizeres... martyriza-me... emmudece-me a mim, mas restitue a palavra á minha mãe... e sem eu me conf...

Profundamente perturbado, Antonio se levantou.

Então sentiu que uma mão amiga se lhe apoiava no hombro. Voltou-se, fitou um olhar ardente e febril no rosto sereno e meigo do Religioso, emquanto Frei José lhe dizia:

— Luta, doutor?... Confie! Deus está proximo a todos aquelles que o procuram sincera e humildemente...

——«□»——

XXIII

23 de Novembro de 1910

Tenente Alfredo de Salles?.

— A's ordens, commandante!

— O senhor seguirá immediatamente para bordo do *Minas Geraes*, e transmittirá o seguinte ao commandante Baptista das Neves.

E o commandante do *São Paulo* falou baixinho ao tenente que, perplexo pela gravidade do que ouvia, affirmou desempenhar-se da missão o mais rapido e pela melhor maneira possivel. Meio minuto depois, partia no escaler, em demanda do *Minas*...

Do lado opposto, de bordo do cruzador francez *Duguay-Trouin*, vinha outro escaler, em que regressava o capitão de mar e guerra Baptista das Neves, de volta de uma festa que em sua honra se realizára no vaso de guerra francez. O escaler achava-se já muito proximo ao costado do poderoso *dreadnought*, quando o official brasileiro, de chofre, ergueu-se.

— Ali se passa alguma coisa de anormal! Depressa, rapazes!

De bordo do *Minas* ouvia-se forte algazarra, rompendo com estranha violencia o costumeiro silencio daquella hora adiantada da noite. Subito, echoou um estampido... era um tiro... outro... mais outros seguiram-se... e, inesperadamente, uma voz aspera se elevou, intimando a que não atracasse o commandante, que regressava. Mas já este, presto, galgava de salto a escada de ré, deparando-se-lhe então toda a guarnição formada, em attitude hostil. Energico e vigoroso, o commandante concitou-os a que depuzessem as armas e tornassem disciplinarmente aos alojamentos. Não obedeceram os marinheiros sublevados.

— Vá immediatamente a terra — ordenou o commandante Neves ao capitão-tenente Melciades Portella — e...

Não pôde continuar. Os amotinados, num vozeio sedicioso, investiram contra elle, que arrancára da espada e brandia-a, defendendo-se heroicamente, não recuando diante do impeto dos marinheiros revoltados. Um negro herculeo precipitou-se sobre o capitão, ergueu uma lamina larga e reluzente, e...

Tremendo murro desviou o braço e a arma assassinos. O tenente Alfredo de Salles, que nesse instante tambem galgára a escada, atirára-se como um louco contra o aggressor, prostrando-o com um murro violentissimo. Mas toda coragem era agora debalde. A marinhagem, enfurecida, berrava, fóra de si. A luta desigual recrudesceu de violencia. O commandante Neves sentia que lhe fugiam as forças, emquanto o tenente continuava a bater-se como um leão, prostrando este, aquelle, cahindo por vezes, para logo immediatamente reerguer-se, procurando mais que ao seu proprio defender o corpo do commandante dos golpes enraivados da soldadesca.

De repente, estalou um tiro; uma bala sibilou, e foi mortalmente ferir o capitão de mar e guerra, que cambaleou... procurou ainda suster-se um pouco de pé, num supremo esforço, quando tremendo golpe de machadinha lhe fendeu o craneo, prostrando-o morto.

Allucinado, de raiva e indignação, diante do vil assassinio do commandante, tão cobarde e miseravelmente realizado, o valoroso tenente continuou o combate desigual, até que, em dado momento, sentiu-se elevado aos ares... uma forte pancada, que dirigia á cabeça de um dos aggressores, apenas fendeu o espaço, e o corpo do official, descrevendo uma curva por sobre a amurada, viu-se arremessado ás aguas da bahia de Guanabara.

Na queda, feriu-se-lhe a mão esquerda em um dos remos do escaler; a dôr impediu-o de perder os sentidos, e, conscio da enorme responsabilidade que agora lhe pesava, galgou o fragil barco, auxiliado pelos braços robustos da tripulação. De cima, a maruja revoltada, em franca desordem, continuava aos berros; de vez em quando se ouviam alguns tiros isolados, e algumas balas passavam sibilando por sobre as cabeças dos tripulantes do escaler, até perder-se este na escuridão da noite, deixando ao longe, na sombra, a massa formidavel do *Minas*, em cujo bojo a revolta fervia, e onde jazia o corpo inanimado de seu valoroso e digno commandante.

O tenente arquejava de furor concentrado e de cansaço.

— Para terra! — ordenára, e pouco depois chegaram ao cáes. Nem um automovel áquella hora adiantada. Era de desesperar... quando, felizmente, vae a passar um. Era particular. Que importa! O official, com gestos desesperados, faz o *chauffeur* parar a machina veloz. Dentro do vehiculo, assustado, um casal interroga sobre o que ha.

— Por tudo quanto lhes ha de mais caro

na vida, preciso do seu automovel por uma hora. A esquadra está revoltada. Esperem-me aqui mesmo!

E, em carreira vertiginosa, partiu em demanda do Arsenal de Marinha.

— O ministro! O ministro! Urgentissimo! Onde está o ministro?!...

Narrou rapidamente o que se passára, e novamente partiu no *auto* veloz, em procura do novo Presidente da Republica, poucos dias antes empossado.

O marechal, embora soldado, estremeceu commovido ao ouvir a inesperada noticia da sublevação da armada. Apenas uma semana do inicio de seu governo!... e já uma revolta!... Mas, talvez pudesse ainda ser conjurado o perigo...

Mas novas noticias chegavam já, pelo telephone do palacio, confirmando o que affirmava o tenente. A situação tornava-se mais grave. O outro *dreadnought*, o *São Paulo*, adherira á revolta!

O joven official mordia raivosamente os labios, indignado. O *São Paulo* — o seu navio!...

O telephone continuava a informar: O «scout» *Bahia* adherira aos revoltosos... e pouco depois os couraçados *Floriano* e *Deodoro*, os cruzadores *Republica* e *Tiradentes*, até os navios-escola *Benjamin Constant* e *Primeiro de Março*, quasi toda a esquadra se revoltára!

E com nenhum vaso de guerra poderia o governo contar?... Sim, alguns... o *Rio Grande do Sul*, o *Barroso*, o *Tamoyo*, o *Tymbira*, conservavam-se fiéis, bem como todos os torpedeiros. Mas, que eram todos esses vasos, em comparação com um só que fosse, dos formidaveis *dreadnoughts*!

O marechal ficou sériamente preoccupado, considerando a tremenda responsabilidade da situação difficilima em que se encontrava, logo ao inicio de seu governo, diante de um movi-

mento revolucionario, que parecia tomar proporções verdadeiramente sérias.

Que fazer?...

. . . .

Na manhan do dia seguinte, era profundamente penosa a impressão geral em toda a cidade, causada pela noticia dos acontecimentos que se iniciavam, e cuja gravidade ainda ninguem, ao certo, podia aquilatar. Uma angustiosa oppressão parecia abafar a todos; logo cedo abriam-se curiosas as janellas e indagavam-se os vizinhos, colhendo noticias dos padeiros madrugadores, os primeiros informantes, sobre os disparos ouvidos durante a noite, para os lados do mar.

Os primeiros informes eram contradictorios. Havia-os que affirmavam terem já desembarcado os marinheiros, commandados por um almirante, e a tropa de terra a elles se lhes alliára, marchando victoriosa para o palacio do Cattete, aprisionando o marechal, Presidente da Republica. Pouco depois, chegava noticia mais comedida: nem toda a tropa do exercito adherira ao movimento, mas apenas um batalhão de caçadores e um regimento de cavallaria, isso sem contar com um parque de artilharia, aquartelado em Deodoro, que se revoltára, e a fortaleza de Villegaignon, que fizéra causa commum com os revoltosos...

Os boatos ferviam e corriam de bocca em bocca. Dentro em poucas horas, aos rubores da alvorada, talvez envergonhada de tanta mentira, avolumavam-se os rumores para a população afastada do centro.

Como nas outras casas, a impressão causada por esses boatos e noticias desencontradas fôra, pela manhan do mesmo dia, penosa e mesmo dolorosa, em casa do commendador Marcos de Castro. Souberam do que se passava pelos vizinhos, e, pouco mais tarde, lêram nos

jornaes matutinos a confirmação das noticias, encimadas de epigraphes e titulos garrafaes.

O commendador felicitou-se por terem, na vespera, subido para Petropolis sua mulher e Judith, que iam ali assistir a um casamento. Resolveu passar-lhes incontinenti um telegramma, determinando-lhes que ficassem na cidade serrana, aguardando o desenrolar dos acontecimentos, mas seu coração affligia-se na incerteza do que teria acontecido ao joven official de marinha, noivo de sua filha.

Em dado momento retiniu a campainha do telephone... Alguma noticia má?... Correu ao apparelho:

— Sim... não está... não tenho noticias delle... Não! Não se assustem!... Qual perigo!... Sim, logo que eu saiba alguma coisa, communicarei para lá...

Eram os paes do tenente, ansiosos tambem por noticias, e que as julgavam talvez encontrar em casa da noiva de seu filho.

Cinco minutos se escoavam apenas, e já de novo a campainha vibrava:

— Ah! sim?... Muito bem! muito bem!... Que allivio! Meus parabens!... Pois não!... Vou já telegraphar para Petropolis!...

Era ainda o pae do tenente, que recebera finalmente noticias delle, que, são e salvo, se achava no Arsenal, e pedia transmittissem noticias tranquillizadoras á noiva.

O dia passou-se inteiro com a população aterrada, receiosa de um bombardeio, que se dizia imminente. Tropas do exercito, com canhões, desfilavam, a guarnecer os pontos do littoral. Boatos aterrorizadores corriam de bocca em bocca. A's portas das redacções dos jornaes succediam-se os boletins, alguns procurando tranquillizar os animos, outros, porém, augmentando o panico á população.

Da esquadra amotinada, que fizera durante toda a noite funccionar seus holophotes pode-

rosos, de vez em quando partia um tiro de canhão, com alvo ignorado. Nos arrabaldes dizia-se que na cidade já se contavam algumas victimas, e que, a cada momento, ia ser iniciado o bombardeio. Tudo dependia da attitude do governo...

Os espiritos attribulavam-se com mil incertezas, mil apprehensões.

Começou por volta do meio dia o exodo da população da cidade para os pontos mais afastados do littoral. Os trens da Central e os da Leopoldina eram tomados de assalto. De Petropolis communicavam que os hoteis já estavam transbordantes. Em muitas casas particulares appareciam, de surpresa, avultado numero de parentes e conhecidos, fugidos do centro, a pedirem hospedagem provisoria. Por vezes, em algumas, até desconhecidos a pediam!

Deveria retirar-se tambem o commendador, com Dulce e Carlinhos?... Não! Marcos não acreditava levassem o esquecimento de seus deveres e dos seus sentimentos de humanidade ao ponto de bombardear a cidade e sacrificar inutilmente vidas innocentes.

A pedido do commendador, os padres da rua São Clemente deram poisada, á noite, ao Carlinhos, para evitar que este, mesmo de bonde, atravessasse a zona da praia, em perigo. Marcos ficou, pois, só em casa com Dulce, e discutiam o assumpto forçoso do dia.

— Não me surprehende nada, papae. Um homem religioso jámais recorre á violencia, jámais se torna revolucionario, não tráe jámais seus superiores. Religioso e revoltoso são coisas que realmente se repellem.

— Nisso tens razão, minha filha. Oxalá os officiaes tambem tratassem melhor os pobres marinheiros! Por que não observam a disposição da lei, que prohibe o uso da chibata aviltante?

— Tu bem sabes, papae, como toda a cruel-

dade me indigna e repugna. Mas, dize-me, que poderão os officiaes fazer, afinal de contas, si não são obedecidos?

— Deveriam castigar, mas não tão cruelmente.

— Sim, mas o homem que não obedece, em respeito á legitima autoridade, isto é, a Deus, forçosamente se rebellará contra qualquer castigo. Si não ha Deus, ou si não se ensina obediencia a elle, ninguem nos póde forçar a obedecer a quem quer que seja, neste mundo.

— Mas, a ordem social, minha filha...

— Que ordem social, papae! Cada qual a comprehende e interpreta de maneira differente. Os anarchistas esforçam-se por destruil-a a ferro e fogo; os socialistas tentam transformal-a em uma utopia irrealizavel; os partidos politicos visam apenas os proprios interesses, e os dos seus amigos, e não os do paiz e do bem publico...

— A propria razão obriga á observancia rigorosa de certas leis.

— Sim?... Então o ladrão, que entende injusta a distribuição desigual dos bens deste mundo; então o devasso, que affronta a moral, cubiçando o que lhe não é devido; o usurario, que armazena thesouros á custa alheia; todos esses seguem os dictames de sua razão pessoal... Sem crença absoluta em Deus, e sem obediencia completa a elle, a vida social será uma balburdia, uma verdadeira revolução de todos contra todos...

De repente, ambos estremeceram. Um projectil de canhão passára por sobre o telhado, sibilando, e foi bater violentamente contra á parede mais alta de uma outra casa, situada nos fundos do palacete.

Timida e carinhosa, a joven achegou-se ao pae

— E si te acontecesse alguma coisa, papae!

— Que me poderia acontecer, tolinha?

— Não ouviste o tiro de canhão?

— Ouvi. Mas, afinal, aqui estamos mais ou menos protegidos.

— Ah! papae, dóe-me só o pensar nisso, mas si a bala te ferisse!...

— Por que falar só de mim? Não receias por tua vida, filhinha, tu que és moça e linda e tens toda uma vida inteira diante de ti, sorridente de promessas de futuro risonho e feliz?...

— Não, papae, eu por mim nada receio, mas por ti... Ah! por ti eu tremo!

— Filha!

— Deixe-m'o dizer, meu pae, deixe-m'o dizer por uma vez, agora que estamos sózinhos, que nem mamãe nem Judith estão em casa; ah! papae, si te acontecesse alguma coisa, si tu morresses assim, agora, eu nunca mais, em toda minha vida, teria o minimo momento de alegria!

— E por que? — perguntou carinhosamente o commendador, estreitando apertadamente ao peito o busto gracil da filha.

— Por que?... Papae, perdôa, mas... tu não estás na graça de Deus!

— Sou então assim tão máu?

— Para mim, tu és o meu querido, o mais querido e o melhor dos paes; quero-te tanto, tanto, que nem t'o sei dizer; mas aos olhos de Deus...

— E que queres tu, queridinha, que teu pae faça?

— Mas ainda o perguntas? Ah! Como fiquei afflicta quando soube que depois da tua volta tornaste a frequentar a maçonaria! Oh! si a abandonasses, e quizesses tambem commigo receber os santos sacramentos!...

— Não te afflijas por isso, Dulce!

— Não!... Mas, si eu não conseguirei ter socego emquanto o não fizeres! Si tu soubesses quanto eu soffro com isso...

— Mas não vale a pena!

— Não vale? Só si eu te não amasse e não amasse a Deus! Rezo por ti... E tenho já rezado tanto por ti!... faço sacrificios por ti... E tudo, tudo até hoje tem sido em vão! Até quando, paezinho, meu querido paezinho, até quando quererás que tua pobre filha soffra por tua causa?

— Mas não encares as coisas assim com tamanho exaggero, filha! Eu não quero que soffras por mim. Por que isso tudo?

— Porque te amo, papae; porque te quero muito, muito bem; porque te quero vêr feliz, não só nesta vida, mas na outra, para sempre, para sempre! Attende ao que tua filha pede, papae!

E, num impeto de afflição, Dulce abraçou quasi convulsivamente o pae, e pôz-se com infinita meiguice a acariciar-lhe a cabeça, com a pequenina mãozinha mimosa. O commendador desejava tanto poder satisfazer-lhe esse desejo, mas sentia que aquillo era demais... não podia... era impossivel!... Separaram-se, depois das «Bôas noites!»...

— Até quando, meu Deus, até quando ainda? — suspirou Dulce, pouco mais tarde, depois da oração da noite, ao deitar-se sobre o duro tapete, estendido nú no assoalho, e deixando abandonada a cama virginal, fôfa e macia...

Marcos não conseguiu conciliar o somno, quando se recolheu ao seu vasto dormitorio, que de momento a momento se illuminava pelas projecções vivas dos holophotes poderosos dos vasos de guerra revoltados, que varriam, pesquisadores, as aguas da bahia e o littoral, como si os grandes navios receiassem uma surpresa das torpedeiras. Além desse motivo de desasocego, tinha ainda o commendador a preoccupal-o a visivel afflição em que via a filha... essa querida filha, tão meigamente bôa, que lhe era o enlevo e o orgulho, e que elle sabia todos os

outros paes lh'a invejavam. E ella rezava por elle... Soffria... mas soffria como... e quanto?... Certamente, por causa delle, privava-se de algum divertimento... dava esmolas... Que d'outra fórma poderia ser?... E o commendador reflectia, reflectia, até que afinal adormeceu...

Silencio...

Subito, um violento estampido rompeu estrugidoramente o silencio morno da noite, e fez estremecer nos alicerces a casa toda. Um projectil de canhão! O commendador salta precipitadamente da cama; desorientado, não sabe ao certo si está ferido ou não; não tem consciencia si a casa se teria ou não desmoronado; perturba-se á idéa de ter acontecido alguma coisa á sua filha, á sua querida perola de filha! Ouviu que ella soltára um grito angustiatiado de horror. Marcos arremessou-se num impeto para fóra do quarto, correndo pelo corredor escuro... empurra a porta do quarto da donzella e abre a chave da luz...

Felizmente, soltando um largo suspiro de allivio, reconhece que Dulce nada mais soffrera que o susto... Apenas, a coberta de vidro do alpendre cahira. Marcos, ainda profundamente emocionado, aperta a filha nos braços e imprime-lhe na fronte um carinhoso beijo paternal!... De repente, pasmam-se-lhe os olhos... Que é aquillo?... O leito da moça absolutamente intacto... O travesseiro no chão... tambem no chão uma ligeira colcha...

Estupefacto, o commendador olha de olhos pasmados, ora para a filha, ora para o chão... Dulce, duplamente bella na confusão que a prende, as faces rosadas de subito rubor, por vêr descoberto o seu segredo, o segredo do seu admiravel sacrificio, baixa, envergonhada, os olhos, como si houvesse commettido uma falta.

— Dul...ce! — balbuciou o commendador, que começava a comprehender — Dulce!...

que é isso?!... é assim que passas a noite?!... E por que?!...

A joven, enleiada, não respondeu.

— Dulce, por que?... — a voz de Marcos vae se tornando tremula... elle espera, ansioso, a resposta, como quem espera uma sentença.

— Dulce, por que?...

O mesmo confuso mutismo da joven...

— Foi... por causa... daquillo... que conversamos esta noite?

— Foi, papae — murmurou baixinho a moça.

— Foi... e ha quanto tempo?...

— Ha um mez, papae...

O violento bater dos corações do velho e da joven parecia querer perturbar o silencio solemne da noite. Pallido, muito pallido, livido como a cêra, Marcos apoiou-se á parede, sentindo-se como que prestes a cahir, victima de uma vertigem... Parecia-lhe aquillo um sonho, um sonho inexplicavel, que elle ainda não comprehendera bem.

Em um momento, porém, num esforço extraordinario de energia, recobrou o animo.

— Espera-me aqui, filha — disse, com voz estrangulada pela emoção, e os olhos com as lagrimas quasi a saltarem.

Desappareceu... e Dulce ali ficou, como que petrificada, pela surpresa do que se passava e que não previra.

Marcos, a esse tempo, mexia febrilmente os papeis da escrevaninha que tinha no quarto de dormir, e onde guardava documentos particulares. Depois de certo tempo, apanhando alguns documentos, voltou precipitadamente ao quarto da filha, e, numa voz alta e clara, vibrante, sem a antiga aspereza, exclamou, entregando os papeis a Dulce:

— Toma-os, minha filha, e rasga-os todos!

Dulce fitou-o surprehendida. Seriam os...? Oh! que alegria, si fossem!... Quasi geladas

tremiam-lhe convulsivamente as mãos... Abriu os documentos, e quando, com um grito de jubilo, reconheceu que eram os da affiliação do pae á maçonaria, rasgou-os nervosamente em mil pedaços e viu-se de subito abraçada pelo pae, com um vigor, uma effusão, um impeto de amor paterno e ardente, que jámais conhecera antes.

— Ah!* papae, como tu és bom! Como me fazes feliz!... E agora... agora... tambem a segunda coisa que te pedi, não é, papaezinho?

— Tambem a segunda, minha filha! — beijou-a nas faces, na bocca, nos lindos olhos innocentes; apertou-a novamente contra o coração e abraçou-a como si a quizesse matar suffocada.

— Ah! meu querido papae!... Amo-te agora ainda muito mais do que te amava!... Agora és tu o melhor de todos!... Como eu sou feliz!...

Pae e filha então passaram uma doce, uma inesquecivel hora de infinito encanto, como si só agora se houvessem finalmente conhecido... como si até então tivessem vivido estranhos um ao outro, e só agora o feliz encontro de ambos se désse. Falavam-se... tinham tanta coisa a dizerem-se, agora!... Tanto ansiavam seus corações por mutuamente abrirem-se em confidencias...

E quando, finalmente, ia o comemndador retirar-se, tomou a filha nos braços, como si ainda ahi a tivesse pequenina como outr'ora, deitou-a carinhosamente no macio leito, cobriu-a com desvelado carinho, e disse, com os olhos arrasados de lagrimas:

— Agora...* nunca mais!... Ouviste, filhinha?

— Sim, papae, não preciso mais. Tu és tão bom!

— E tu... és... um anjo, meu amor de filha! — respondeu o pae, beijando-lhe novamente os lindos olhos meigos...

XXIV

Em São Clemente — Um discurso parlamentar

Aos primeiros albores da madrugada, logo se percebeu que os estragos causados pelo projectil de bordo, na coberta envidraçada do alpendre, não eram tão consideraveis como á noite havia parecido. O crystal, quebrado em estilhaços, espalhava-se pelo chão, sobre a mesa de cedro e as pequenas cadeiras, e sobre as plantas raras, que adornavam, elegantes, os cantos e os lados do pateo. Dentro em poucas horas de serviço, tudo poderia ser concertado; o commendador deu as ordens necessarias para isso, ao *fac-totum* caseiro, o Frederico, e dispôz-se então a procurar a filha, que já encontrou levantada do leito e vestida:

— Dormiu bem a minha queridinha?

— Como nunca em minha vida, papae! — respondeu a moça, com aquelle seu lindo sorriso angelico, que tanto a aformoseava. — E tu?

— Eu não dormi, meu bem; mas foi por-

que mesmo não quiz. Tomei a sério meu compromisso comtigo, e quiz preparar-me para a... Estás prompta para acompanhar-me?

— Oh! meu querido paezinho! — exclamou Dulce, atirando-se aos braços do commendador. — Como tu és bom! Vamos! Vamos! Que lindo dia, o de hoje!

— O automovel já está á espera. Vamos, pois!

— Sim, papae. E' só tomar o chapéu... as luvas... e prompto!

— Rua de São Clemente, collegio! — indicou Marcos ao *chauffeur*, pouco depois, e o *auto* partiu, rapido, pela rua, a essa hora matinal pouco movimentada.

Dirigiu-se logo, ao chegar, para a capella do collegio. Dulce deixou o pae com o padre Natuzzi... Quinze minutos, lentamente, escoaram... Outros quinze ainda... e quando, finalmente, o commendador appareceu e foi, commovido, ajoelhar ao lado da filha, tomou-lhe a mão delicada, apertou-lh'a carinhosamente, e murmurou, com os olhos marejados de lagrimas:

— Nós iremos juntos receber a sagrada Communhão...

— Papae! — pôde apenas, como num suspiro, dizer Dulce, beijando-lhe a mão, em que o ancião sentiu cahirem algumas lagrimas ardentes, deliciosas lagrimas de alegria.

. . . .

O tenente assistia á memoravel sessão da Camara dos deputados, em que se ia votar a amnistia aos revoltosos, que se achavam ainda de posse dos poderosos *dreadnoughts*, cujos canhões, ameaçadoramente, dirigiam suas enormes boccas de fogo para a cidade, e não pouco amedrontavam os proprios legisladores.

Grupos de parlamentares, aqui e ali, pa-

lestravam, por vezes com desembaraço tal, que os pobres oradores, apesar da ansiosa preoccupação geral, nem sempre se podiam fazer comprehender e ouvir bem. Um ou outro, disfarçadamente, aproximava-se das janellas, e espreitava o mar, a pesquisar o que faziam os navios revoltosos.

As tribunas e galerias regorgitavam de espectadores. Mais de uma vez o presidente se viu forçado a ameaçar evacual-as, caso continuassem os ouvintes populares a interromper os debates com apartes e opiniões intempestivas.

O tenente fremia de indignação, quando era lido o parecer do deputado Germano Hasslocher, opinando pela concessão da amnistia. O joven official nunca sympathizára com o deputado Irineu Machado; desta vez, porém, applaudiu-o com sinceridade, quando o fogoso tribuno, com incontestavel eloquencia, depois de desagradavel incidente com o sr. Hasslocher, atirava á sala suas vigorosas apostrophes:

> «Não! Mil vezes não! Entendo que é chegado o momento de se aferir do que resta dos sentimentos superiores de coragem, de civismo, de abnegação e de patriotismo de nossa alma, de nossa raça, de nossa nacionalidade!»

Apartes violentos cruzavam-se, aos quaes o sr. Irineu retorquiu com vivacidade feliz:

> «A coragem não consiste em gritar que se tem coragem, mas em resistir a todo transe!»

Apartes e protestos de todos os lados. Mas o eloquente deputado era terrivel:

> «Generosos não são os deputados; generosos são, sim, os marinheiros rebellados, que não incluiram entre as suas reclamações a refórma dos officiaes e

a consequente collocação nos punhos das suas blusas dos galões e dos bordados...
Ha as leis para a abertura de creditos e para que o governo possa lançar mão de todos os recursos financeiros necessarios para fazer face ás indemnizações pelos prejuizos materiaes. Só não ha remedio para o rasgão que a amnistia dará na honra do exercito e da marinha.»

Apoiado! Apoiado! — echoava das tribunas, e o presidente, mais uma vez, ameaçou fazel-as evacuar, caso proseguissem as manifestações.

«E é chegado o momento em que se tem de pesar: de um lado, a perda de predios e capitaes, pequenos sacrificios materiaes; e, de outro, todo o nosso patrimonio moral...
E é o nosso credito, e a nossa economia que quereis salvar? Enganaes-vos!
A prosperidade economica repousa tanto na tranquillidade, quanto na confiança, e não podemos ter prosperidade economica, a estabilidade do cambio, a prosperidade das nossas industrias, a valorização do café, a alta da borracha e do cacáu, e os estrangeiros não quererão arriscar os seus capitaes na exploração de industrias, na execução de grandes trabalhos publicos, si não tivermos a tranquillidade, a perfeita confiança na energia dos governos»...

Poderiam semelhantes argumentos deixar de produzir effeito? O tenente estava febril, ansioso por perceber a impressão que o discurso do vibrante orador produzira no espirito de seus pares, e por conhecer o resultado da votação. E mais se lhe augmentaram as esperanças quando o temivel tribuno terminou seu formidavel discurso com a seguinte apostrophe, em verdade atrevida, mas de effeito seguro:

«Si quereis partilhar desta deshonra, eu me esquivo á villeza da solidariedade comvosco, e exclamo:

Ergue-te da tumba, Floriano Peixoto! Anima com as energias do teu espirito a alma conturbada do marechal Hermes! Dize-lhe bem alto que cumpre ser bravo como Rodrigues Alves, pronunciando o seu sereno *O meu logar é aqui!* Que lhe cumpre renovar os exemplos da estoica energia e coragem do integro Prudente de Moraes! (*Bravos!* no recinto e nas galerias) e ensina-lhe, tranquillo, na apotheóse da gloria immortal que te engrandeceu no coração da patria como a incarnação da virtude e da dignidade do poder, que tu foste nesses dois annos de martyrio, de resistencia, em que déste a vida á republica, para reviver, eterno e indestructivel, na posteridade!»...

Vibrantes, impetuosos, os applausos, os *vivas* enthusiasticos irromperam. Debalde o presidente reclama calma e silencio, fazendo vibrarem os tympanos. O orador soubera bem interpretar os sentimentos de muitos, da maior parte, do verdadeiro povo, e por isso as acclamações vibrantes não cessavam.

O joven tenente rejubilava. Nas condições actuaes, a votação a que se estava procedendo não haveria de dar um resultado que dignificasse, que honrasse a patria, os brios do exercito e da marinha?...

Cruel decepção colheu-o em breve... Apurados os votos, eram elles 115 a favor da amnistia, apenas 19 contra...

— Desolador! — murmurou o tenente, ao deixar o edificio da Camara. A' porta foi procurado por outro official, que lhe disse:

— A's 7 horas da noite, no Club Naval, camarada. Resolveremos sobre nossa attitude.

— Estarei presente. Sinto-me desmoralizado com a votação dessa lei que facilitará, que até mesmo ha de provocar novas revoluções...

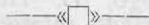
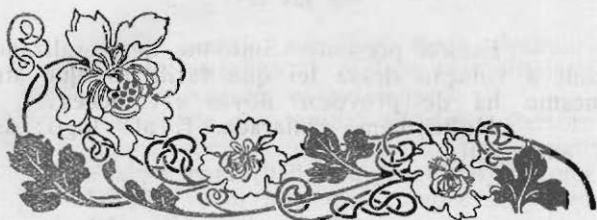
— Muito bem, camarada. E até logo; ás 7 em pontro.

. . . .

No entanto, nenhum dos dois pôde apparecer no Club, á noite. Ficaram retidos, como todos os officiaes da armada, no Arsenal de Marinha, tendo o governo prohibido que se effectuasse a projectada reunião.

Amargamente commentava um dos officiaes:

— Humilharam-se diante de marinheiros rebeldes armados... e enchem-se de coragem contra officiaes disciplinados e sem armas!...

Os outros officiaes, sentindo-se offendidos em seu brio e pundonor militar, approvaram tristemente, inclinando a cabeça...

XXV

A enfermeira

Desde tres dias antes, já o dr. Antonio da Costa Barros achava-se residindo em companhia de sua mãe numa casa pouco distante do palacete do commendador Marcos de Castro, na bella Avenida Beira-Mar, trecho de Botafogo. D. Helena, muda como antes, havia supportado relativamente bem as fadigas da viagem penosa, e teve de conservar-se de cama durante algumas horas por dia, para recuperar as forças combalidas,

O commendador e a familia, que já haviam, por cartas, demonstrado a participação que tomavam nas desgraças que haviam ferido a familia do joven advogado, haviam ido receber o dr. Costa Barros a bordo do *Itajubá*, e assiduamente os visitavam, pois o doutor, retido em casa para cuidar de sua mãe enferma, nem sempre podia ir em visita ao palacete do commendador. Antonio, embora preoccupado constantemente com o cuidado em sua mãe, estre-

mecia durante a viagem todas as vezes que se lhe apresentava á mente a idéa do reencontro proximo com a familia Castro Moreira... A familia?... por que não ser franco?... por que não confessar de vez que o poderoso iman, que cada vez mais fortemente o attrahia, se chamava Dulce?... Teria a joven lido em seus olhos tudo quanto lhe ia n'alma?...

A mãe do doutor, logo na primeira visita que lhe fizera Dulce, notou que a moça possuia verdadeira habilidade em tratar pessôas enfermas. Ah! nem sua saudosa e sempre chorada filha, a inesquecivel Trudinha, sua querida *Innocencia*, poderia tratal-a com mais carinhoso desvelo... E por que a tratava assim tão bem esta moça? Gratidão?... Antonio lhe contára que o commendador se julgava seu devedor pelo que se passára em Lisbôa. Mas... seria aquillo gratidão apenas?...

Olhos de mãe sabem vêr longe... E D. Helena julgou não andar errada na supposição de que a joven visse nella, antes de tudo, a mãe de Antonio... Recordava-se de que, vinte e sete annos antes, quando conhecera seu fallecido esposo, e se enamorára delle, sentira como que uma irresistivel attracção pelos seus paes... porque eram os *delle*... principalmente mãe, que o alimentára, criára-o, que o tivera nos braços... que... em uma palavra se diz tudo: que era sua mãe...

Nesse dia, D. Helena, repousando na cama, aguardava a visita de Dulce, que promettera vir vêl-a ás 3 horas da tarde.

Desde as 2 1/2 Antonio, furtivamente, alongava o olhar pela janella ampla, a vêr si a moça vinha... Começára a leitura de uma obra posthuma de Machado de Assis... as letras, os capitulos curtos e nervosos do grande estylista brasileiro embaralhavam-se-lhe á vista, e elle quasi nem comprehendia a leitura... que, aliás, quasi não lia. Não lhe era possivel prestar at-

tenção aos contos. Os olhos, frequentemente, fugiam-lhe do livro para a janella. Os olhos e... por que não dizer? os olhos e o coração, ainda mais ansioso que elles...

Os ouvidos do moço advogado, muito attentos, esforçavam-se por perceber, ao longe, o rumor subtil de um certo passinho miudo e leve, um certo passinho que elles distinguiriam entre mil... Faltava um quarto para 2 horas. Como era lá possivel prestar attenção á literatura de Machado de Assis?!

— Mas, na verdade, ella ainda não póde ter vindo, pois disse que viria ás 3 horas. E 3 horas estão ainda tão longe!...

Irrequieto, levantou-se, passou para o jardimzinho, em frente ao gradil, estendeu um longo olhar para a rua extensa...

Oh! mas como era insipido hoje o Machado de Assis! Não podia comprehender que alguem encontrasse encanto em semelhante leitura, tão semsaborona... Literatices de desoccupados!... Ah! Antonio, Antonio! Como pódes tu fulminar assim o grande escriptor, si lhe estás a *lêr* a obra de pernas para o ar!...

E 3 horas batem, com 3 grandes pancadas lentas, no grande relogio da sala de jantar. Tres horas?... E *ella* ainda não veiu!... Pôz-se o joven, irrequieto, a percorrer o jardimzito com largas passadas nervosas, até que D. Helena, pela campainha electrica, o chamou, pedindo-lhe por signaes lhe servisse um copo com agua.

— D. Dulce deve chegar agora, mamãe...

Os olhos da doente agradeceram, jubilosos, a communicação, mas pareceram maliciosamente querer lembrar ao joven que de uma senhora não se deve exigir pontualidade ingleza.

Sob um pretexto futil, mas do qual a mãe logo, facilmente, descobriu a falsidade, Antonio desceu novamente ao jardim. Era impossivel conservar-se quieto. Onde teria ficado Dulce, que

não chegava? Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa? Ella era sempre tão pontual!

Quiz entregar-se de novo á leitura, tentando afastar os pensamentos ansiosos que o atormentavam, mas... decididamente, Machado de Assis não prestava para distrahir ninguem! Quem podia lá entender as garatujas que estavam ali a bailar naquellas paginas? Aquillo até parecia magica, isso de letras que chegavam a sumir-se do papel... Ah! Antonio! que teus olhos é que fogem do papel para espiar o caminho tão deserto, tão deserto... apesar da fileira dos bonds que passam vertiginosos e cheios de passageiros... Detestavel, Machado de Assis!... e zás!... atirou o livro para um canto.

Logo se envergonhou de sua impaciencia. Subiu ao gabinete de trabalho... remexeu os livros... percorreu agitado a sala de jantar... chegou a ir até á cozinha... e... como foi isso, que elle nem o percebeu?... ali estava de novo no jardimzinho, a espiar a rua...

— Bôa tarde, dr. Barros! — exclamou cumprimentando subito a voz tão conhecida de Dulce, — bôas tardes! Como vae a senhora sua mãe? Desculpem-me o atrazo. Estive com os meus pobrezinhos, que não queriam deixar-me...

Os olhos de D. Helena fulguraram de jubilo intimo, quando surgiu Dulce, a consolal-a, accommodando-a melhor no leito, tratando-a com um carinho delicado e meigo, como si lhe fosse ella verdadeira filha.

Antonio, embevecido, não perdia nenhuma das palavras da joven, nenhum de seus gestos, nenhum de seus incomparaveis e deliciosos sorrisos.

— Sabe, D. Helena — disse a moça com uma naturalidade encantadora — sabe do que me lembrei?... Eu respeito a sciencia e tenho mesmo confiança no que dizem os medicos, que prometteram restituir-lhe a fala, embora só de-

pois de longo tratamento; mas... por que a senhora não se dirige a quem mais sabe, e maior bem lhe quer do que os especialistas mais celebres?

Os olhos da enferma claramente indagavam: «E quem é?»

— Nossa Senhora Apparecida!...

A essas palavras de Dulce seguiu-se pesado silencio...

Antonio já não era o mesmo homem que fôra incredulo á Europa. O que vira em Oberammergau, em Lisbôa, o que ouvira dos labios de Frei Estevam, o exemplo do tenente, e, principalmente, além do exemplo de Dulce, tudo aquillo que se passára em sua volta á terra natal, a morte da irman, a doença da mãe, a conversa que teve com Frei José, a Missa a que assistira na fazenda, e, *last not least*, as séries reflexões que, ao lado da mãe privada da fala, fizera durante a longa viagem, tudo isso lhe modificára o antigo modo de pensar e de vêr as coisas, e, si bem se não houvesse ainda resolvido a mudar praticamente de opinião, começára a encarar com outros olhos a pratica da religião.

Sua mãe parecia profundamente tocada pela proposta commovedora da nobre joven. Um raio de esperança, um reflexo de alegria de viver coloriu-lhe a face pallida; mas, afinal, pedindo a lousa, escreveu:

— Sou indigna de tão grande graça!

— Tu indigna, mamãe?!... Mas não fales assim! Tu, que foste sempre tão bôa!

A enferma sacudiu tristemente a cabeça, mas já logo Dulce, com voz melodiosa, doce, tão doce e persuasiva, começou a inspirar-lhe tal confiança, que de novo as feições da doente illuminaram-se de santa alegria.

— Nossa Senhora tem feito tantos milagres — disse ella, com singeleza, accrescentando um pensamento que não havia muito tempo ouvira

Antonio por outros labios: — e depois, nem é preciso um milagre. Nossa Senhora sabe servir-se das causas naturaes, sem apparato, sem barulho, para conseguir tudo quanto quer.

A doente estreitou commovida nas suas as mãos da gentil consoladora.

— E mesmo que lhe não dê logo o que pedimos, não ha de deixal-a sem consolação, fique certa, D. Helena.

— Ella disse *pedimos* — murmurou Antonio. — Então ella reza tambem, e suas orações não pódem deixar de ser ouvidas.

— Pois está resolvido — continuou Dulce. — Vou pedir a papae que me deixe acompanhal-os juntamente com Judith. Está bem assim?...

Como lhe agradeciam os olhos eloquentes e as mãos carinhosas da enferma! Os labios moviam-se-lhe como si, num esforço violento, quizessem romper o silencio que já ha tantas semanas lhe fôra imposto. Mas... não podiam articular nem uma unica palavra distincta...

Quando se despedia Dulce, o doutor acompanhou-a á sala, onde a moça retomou o chapéu, endireitando-o com mãos ageis diante do espelho.

— Tenho um pedido a fazer-lhe, doutor.

— Oh! D. Dulce!... de antemão...

— Não prometta já, pois poderia arrepender-se!

— A senhora nunca exigirá de mim o que não seja bem.

— Mas talvez o que lhe seja custoso e pesado.

— Pela senhora...

— Não! Não! Não quero sua palavra. Ouça-me apenas, e resolva como entender melhor.

— Estou prompto a tudo, D. Dulce.

— O doutor quer muito bem á sua mãe, não é? Pois bem; graças grandes se não obtêm a não ser por grandes sacrificios, por mais que

nos custem. O senhor quer que a Santissima Virgem lhe faça o enorme favor de curar sua mãe; faça-lhe tambem um presente digno della: confesse-se e commungue na Basilica.

Antonio tornou-se terrivelmente pallido. Por essa não esperára! Poderia acaso prometter semelhante coisa? Não era isso contra suas convicções mais intimas?...

— Mas o senhor tem escrupulos por suas convicções? Comprehendo. Pois, ouça-me mais um pouco. Si ainda não está convencido por si da verdade e da necessidade da pratica da religião, faça-o humildemente, porque outros estão perfeitamente e inabalavelmente convencidos. O senhor não duvida de minhas faculdades mentaes (protestos energicos de Antonio); o senhor estima minha mãe e minha irman; todos nós nos confessamos e commungamos, por convicção; o senhor ouve muito meu pae; tambem elle se confessou...

— Seu pae se confessou?!... Mas elle ainda em Lisbôa me disse ser maçon, e a bordo me affirmou ser apenas catholico de nome.

— Meu pae se confessou e commungou ha 4 dias, na egreja da rua de São Clemente. Confessou-se, e é hoje tão feliz! Grandes graças, só por meio de grandes sacrificios se as obtêm. Reflicta!... Reflicta bem!...

Reflicta! Reflicta bem!... Ah! onde ouvira elle essa palavra, que d'outra vez o impressionára tanto?...

— Creia em minha bôa vontade, D. Dulce, e, si lhe mereço esse favor, reze por mim, para que eu faça o que devo fazer.

— Já rezei — suspirou baixinho a moça, emquanto o doutor, que lhe percebera a palavra, apesar de apenas balbuciada, exclamou, jubiloso:

— Oh! como agradecer-lhe!...

— Adeus, doutor — respondeu Dulce.

— Adeus, adeus! D. Dulce, e mil vezes agradecido!

XXVI

Novos horrores

DULCE percorreu a pé a pequena distancia que medeiava entre a casa do commendador e a do dr. Costa Barros, aspirando a plenos pulmões o ar fresco que sopravam as brisas da Guanabara. De repente, sentiu que qualquer coisa lhe puxava a saia.

Um petiz de uns tres palmos de altura, descalço e maltrapilho, o dedo pollegar enfiado na bocca, fel-a parar, e murmurou, sem deixar de chupar o dedo:

— A mamãe manda dizer para você ir á casa della.

— Mas quem é tua mãe? Como se chama?

— Chama-se mamãe...

— E como a chama teu papae?

O garotito reflectiu.

— Papae... ás vezes chama *minha velha*... mas outras vezes chama *diabo... peste do inferno!*...

Dulce estremeceu.

— E onde moram vocês?

Com a mão esquerda, e o pollegar da direita sempre enfiado na bocca, o pequeno indi-

cou a direcção por onde se ia á casa, sem proferir palavra.

— Tua mãe está muito doente? Como é que ella me conhece?

— Papae deu-lhe uma surra e ella está de cama. Todos conhecem você.

— Está bem; vamos! Eu te acompanho.

Por muito que fosse caritativa e piedosa, Dulce não se pôde conservar indifferente aos olhares dos transeuntes que a fitavam, surprehendidos diante daquella senhorita, elegantemente vestida, a acompanhar um garoto esfarrapado, em plena rua. Acostumada, porém, a saber vencer-se, a joven se limitou a fazer acto de resignação, offerecendo o sacrificio a Deus, e accrescentando, bem no intimo do coração:

— Seja por *elle*!...

Quem seria *elle*, cuja lembrança lhe poderia tornar doce o sacrificio? Não podia agora ser o pae, que já satisfizera plenamente as aspirações ardentes que a joven nutria durante annos de ansias, de esperanças, ora desanimada, ora confiante...

A casa da doente não era de feição a inspirar muita confiança, mas corajosamente a moça não recuou.

Por toda parte imperava a miseria. Uma mesa tosca, mal segura, um pequenino banco e dois caixotes, em vez de cadeiras. As vidraças das janellas immundas. As paredes nuas e desoladas. Gemendo de dôr, completava o quadro lugubre uma mulher de seus 28 a 30 annos, estirada numa enxerga.

— Desculpe-me a senhora tel-a feito incommodar. Não me conhece, mas todos nós, os pobres, conhecemol-a muito. Eu não quiz reclamar seus caridosos serviços, por mais que, na verdade, eu precise delles. Umas bôas vizinhas me dão de esmola o necessario para não morrer de fome... Eu quiz sómente... (e a enferma

falou mais baixo, como em segredo) eu quiz sómente... prevenil-a do perigo que a ameaça.

— Um perigo que me ameaça? — exclamou Dulce, estupefacta — mas que perigo póde ser esse?

— Oh! não é bem a senhora quem está ameaçada... mas pessôa de sua familia... o noivo de sua irman.

— Meu Deus! fale!... mas fale depressa!...

— Não se admire a senhora. Nós bem conhecemos nossos bemfeitores, e o sr. Alfredo é tambem tão esmoler!

— Mas, pelo amor de Deus, de que perigo fala?

— Ouça-me bem, que eu já lhe explico. Meu marido, que é marinheiro, Deus não o castigue! é muito máu. Ainda hoje esteve aqui, maltratando-me a tal ponto, que já me não sustento de pé. Elle é máu só quando bebe, e então não recua diante de nada. E tinha já bebido muito hoje... Elle disse que os soldados do batalhão naval e os marinheiros dos navios de guerra vão revoltar-se esta noite e matar os officiaes todos. Não quiz acreditar, mas tive de reconhecer que elle falava a verdade. Lembrei-me logo do bom tenente, que já tanto bem tem feito aos pobres daqui, e, como não sei onde elle mora, mandei incommodar a senhora para que o previna...

— Agradeço-lhe muito, bôa mulher, mas não acredito que a coisa seja assim tão grave. Os marinheiros e soldados são ás vezes uns simples fanfarrões. Exaggeram muito... Em todo o caso, avisarei... Mas antes vou ajudal-a um pouco. A senhora não póde continuar assim numa cama tão dura! Apoie-se em mim, levante-se um pouco e sente-se aqui neste banquinho, emquanto lhe preparo a cama melhor...

— Não, minha senhora... Eu não estou mal de todo... E talvez não haja muito tempo a perder. Meu pequeno demorou-se já tanto

tempo em chamal-a! Eu mesma não podia ir, como a senhora bem vê... e não tinha outra pessôa a mandar... Vá, D. Dulce, vá antes que seja tarde!

— Que! Não póde haver necessidade de tanta pressa assim... Deixe-me antes allivial-a um pouco...

— Pelo amor de Deus, minha senhora, vá! Eu fico afflicta, si a senhora se demorar por minha causa. Quem sabe si de um aviso seu não dependem algumas vidas, muitas vidas?... Vá depressa, peço-lh'o!

— Pois seja; mas voltarei, para auxilial-a um pouco.

. . . .

O commendador mostrou-se incredulo, quando a filha lhe deu o aviso que mandava a enferma. Em tempo tão anormal, porém, como o que corria, nada era impossivel, e por isso resolveu communicar a denuncia pelo telephone ás autoridades.

O general Menna Barreto, inspector da 9ª região militar, não despresou o aviso, pois communicações semelhantes lhe chegavam a esse tempo de varias outras fontes. Iriam ter logar novas scenas de horror, apenas poucos dias depois das provocadas pela sublevação das guarnições dos *dreadnoughts*? O general expediu ordens ao commando da 1ª brigada estrategica, para que se conservassem de sobreaviso as tropas. Do quartel general, o commandante da brigada, coronel Julio Barbosa, expediu por sua vez ordens aos officiaes dos corpos em suas residencias, para que promptamente comparecessem a seus respectivos quarteis.

Os cáes do Porto e do Pharoux, em toda a extensão, foram occupados, este por uma companhia do 1º regimento de infanteria, e aquelle por uma do 3º regimento da mesma arma. No quartel general ficaram de promptidão uma ba-

teria do 1º regimento de artilharia, sob o commando do capitão Leite de Castro, sendo distribuidas, por muitos pontos da cidade, patrulhas do 13º regimento de cavallaria.

. . . .

Na camara do commando do «scout» *Rio Grande do Sul* ia animada a palestrra entre o commandante, capitão de fragata Pedro Max Frontin, o 1º tenente Carneiro da Cunha e o antigo tenente Alfredo de Salles, promovido, por actos de bravura, na defesa do commandante do *Minas Geraes*, a capitão tenente, e transferido, temporariamente, para o «scout» *Rio Grande do Sul*. Os dois officiaes cumprimentavam vivamente ao novo capitão, por sua promoção honrosa, e, sobretudo, o 1º tenente Carneiro da Cunha, amicissimo do noivo de Judith, demonstrava seu intimo contentamento.

Alfredo estimava cordialmente esse amigo, excellente official, conhecedor de todos os ramos da technica naval, optimo chefe de familia, jornalista de merito e perfeito cavalheiro, de educação finissima, apesar de em seu serviço militar ter de achar-se em contacto com elementos de toda ordem.

Não era menos distincto o commandante, a cuja attitude digna, calma e energica, se devia não ter a guarnição do «scout» feito causa commum com os revoltosos dos *dreadnoughts*, poucos dias antes.

Seriam talvez 8 horas da noite; os cáes estavam já occupados militarmente, quando atracou ao «scout» o capitão-tenente Heitor Pereira da Cunha, official de gabinete do almirante Marques de Leão, ministro da marinha, e portador da ordem para o *Rio Grande do Sul* levantar ferro pela madrugada e partir com destino a Santos. Introduzido na camara do commando, o capitão Pereira da Cunha conferenciou com o

commandante Frontin, que, em seguida, mandou formar a guarnição.

Surpresos, os officiaes perceberam os marinheiros agrupados á prôa, e ouviram alguns gritos: *não fórma! não fórma!*, e em franca attitude de revolta.

O commandante lhes dirigiu a palavra, calmo e energico, e falava ainda quando o navio se cobriu de trevas: um grumete fechára o registo da illuminação electrica... Terrivel a situação em que se achavam tão poucos officiaes, diante de rebeldes tão numerosos!

Sem se perturbarem, os officiaes subiram para a parte superior de ré, e, armados de carabinas, dirigiram uma ultima intimação aos revoltosos.

Foi debalde, e só obtiveram como resposta alguns disparos de carabinas. Incontinenti se travou a luta desigual, sempre ás escuras. No tumultuar do combate ouvia-se ora um brado de furor, ora um gemido de angustia. Alfredo batia-se como um leão, ao lado dos camaradas, tentando subjugar os marinheiros rebellados.

A luta tornava-se terrivel, e os officiaes, ajudados apenas por poucos marinheiros fiéis, cada vez mais se sentiam levados até ao corrimão de ré. Seriam todos elles ali massacrados?... ou atirados ás aguas da bahia?... Um escaler foi arriado, sem que, na escuridão, fosse notado pelos combatentes. Mas não era nenhum dos officiaes que fugia. Eram marinheiros que, desesperados pela valentia de seus superiores, tudo deixaram, a salvar-se pela fuga.

Os officiaes já não mais podiam recuar. Pelas costas o corrimão, que os separava do fundo; na frente, a multidão rebelde, que com facas e punhaes, machados e carabinas, rewolvers e páus, os atacava com furia. Um momento... e estariam todos perdidos!...

Subito, um grito angustiado de agonia vibrou pela noite negra; o 1º tenente Francisco

Xavier Carneiro da Cunha era baleado em pleno peito, e, ao mesmo tempo, recebia profundo golpe de baioneta na região dorsal. A queda do companheiro redobrou o impeto valente dos officiaes, que num violento impulso de vingança se precipitaram contra os aggressores. Estes, perdendo terreno, por sua vez, foram rechassados até que, finalmente, se renderam á officialidade heroica, que salvou a honra da farda brasileira e evitou, com sua bravura, que o espirito de rebellião se propagasse aos outros navios.

Foram improficuos os esforços para salvar da morte o official, ferido gravemente. O medico de bordo, 1º tenente dr. Fragoso de Barros, prestou-lhe os primeiros soccorros; levado carinhosamente para terra pelo capitão-tenente Alfredo Rosa, o inditoso official falleceu, momentos depois, no posto medico do Arsenal de Marinha

O *Rio Grande do Sul* continuou em profundas trevas, e a 1 hora da madrugada se pôz em movimento vagaroso, collocando-se entre o *Minas Geraes* e a ilha das Cobras.

. . . .

Entretanto, não haviam ainda findado as scenas de horror. Pela noite foram artilhados os morros de São Bento, Conceição e Castello, e o littoral; ao raiar da aurora, pelas 5 horas em ponto, rompeu cerrado o bombardeio contra a ilha das Cobras, donde os revoltosos respondiam com fogo nutrido. As baterias de terra despejaram sobre a ilha uma chuva terrivel de projectís, fechando-a em um circulo esmagador de ferro e fogo, continuando ininterruptos os disparos da artilharia e dos fuzís Mauser e metralhadoras da infantaria.

Um tiro feliz da bateria do cáes do Pharoux desmantelou a torre e furou o reservatorio dagua da ilha. Tambem os disparos dos rebeldes produziam consideraveis estragos na ci-

dade. O mercado novo foi derrocado em muitos pontos. A grande faixa entre São Bento e o Castello foi muito attingida, e nella houve grande numero de mortos e feridos. O velho edificio do mosteiro de São Bento, optima posição estrategica, recebeu innumeros projectís, que lhe damnificaram as paredes vetustas, mataram um empregado portuguez dos benedictinos, feriram um monge, Dom Joaquim de Luna, e diversos soldados, logo todos medicados no proprio mosteiro

A's 3 1/2 da tarde resolvera o governo tomar a ilha de assalto, por uma força de 1.500 praças, commandada pelo coronel Tito Escobar. Mas os revoltosos já apenas respondiam com dois canhões-rewolver, collocados por detraz das janellas dos alojamentos que dão para o lado de terra.

A's 4 horas cessou por completo o tiroteio. A's 9 horas da noite, cerca de 300 fusileiros navaes embarcaram da ilha para a terra, onde foram recolhidos presos no quartel-general do exercito, permanecendo na ilha cerca de 80 fusileiros, todos em profundas trevas, pois o governo mandára cortar o cabo da companhia *Light and Power*, que fornece a electricidade á ilha das Cobras.

Voltaria, emfim, a paz á capital?...

XXVII

Lagrimas e risos

Desde havia dias andava Judith quasi inconsolavel, com os olhos frequentemente lacrimosos, entumecidas as palpebras, de tanto que chorava.

— Não deves assim affligir-te tanto — dizia-lhe a mãe. — Nossa Senhora ha de por força proteger teu noivo!

— Tem confiança, maninha — reforçava Dulce — jámais se ouviu dizer que Nossa Senhora houvesse abandonado quem a ella recorre.

— Sim — respondia a noiva, desolada — mas ha já dois dias não tenho noticias delle, e quem sabe si não está para ahi ferido... ou morto, no combate ou no bombardeio!...

— Si assim fosse, já o teriamos sabido — interpôz Marcos. — As más noticias não se fazem esperar muito. Pódes ficar socegada, filhinha, que por certo nada de mal lhe aconteceu.

— Ah! como hei de agradecer a Nossa Senhora, si o salvar!... Fiz uma promessa de ir com elle a Apparecida, logo que volte são e feliz, e obtenha alguns dias de licença.

— Iremos juntas e agradeceremos ao mesmo tempo, maninha.

— E' um verdadeiro horror essa historia de revoltas — disse o commendador, dirigindo-se á esposa. — Afinal de contas, já hoje, no entanto, não me admiram muito. A chibata revólta, e têm razão os que se revoltam contra ella. Mas que meio encontra o official para fazer-se obedecido? O capellão, no exercito ou na armada, usaria de meios suasorios e, mesmo quando offendido, perdoaria o aggravo e proseguiria em sua missão salvadora. Mas um official não póde nem deve deixar-se desfeitear impunemente.

— São coisas essas bem tristes — respondeu D. Sinhá. — Não podiam então os pobres homens viver em paz?

— Os interesses se chocam, e dahi se originam as lutas. Estou mesmo convencido de que sem a religião não poderá subsistir o estado. A policia é praticamente impotente para repellir as audacias dos perversos.

Emquanto os paes dialogavam, Dulce, procurando distrahir a sua querida maninha e apagar-lhe os tristes pensamentos que a affligiam, convidou-a a fazerem uma visita a D. Helena, que, apesar de apresentar-se physicamente menos fraca, não havia ainda obtido melhoras que fizessem crêr proximo o dia em que recuperasse o uso da fala, não obstante o rigoroso tratamento a que se submettera, pela electricidade, e que lhe era applicado por um dos mais celebres especialistas do Rio.

Judith annuiu ao convite carinhoso da irman.

Encontraram mãe e filho um tanto abatidos, por se terem posto a lembrar, saudosos, a recordação de Trudinha, a querida *Innocencia*, que não podiam esquecer. Comprehendiam-se perfeitamente os dois, embora D. Helena só respondesse por meio de gestos e poucas vezes se utilizasse da lousa. Antonio apenas uma vez fizera sahir a mãe a passeio pelo Rio, de car-

ro, a mostrar-lhe algumas da bellezas da moderna capital; a situação politica, aggravada agora com a decretação do estado de sitio, e a propria infelicidade que para a pobre senhora era a privação da fala, faziam com que D. Helena preferisse permanecer em casa, ou — e isso já era muito para ella — fazer pequeno passeio pelo jardim florido, um verdadeiro primor de gosto e de arte.

Por algumas vezes Dulce fôra lêr trechos escolhidos á sua nova amiga, que immensamente apreciava e de coração agradecia a gentil delicadeza da joven. Nesse momento, Antonio não conseguia desviar os olhares da silhueta elegante da moça, cuja voz lhe echoava no coração como a mais formosa e encantadora das harmonias, e cujas feições reflectiam numa aureola as limpidas emoções, que lhe agitavam a alma pura de virgem.

— Quem sempre assim pudesse ouvil-a!... Quem sempre assim pudesse tel-a! — murmurava ao joven advogado o coração embevecido.

Tambem por esta vez Dulce, que receiára não ser facil manter conversação viva, diante da tristeza quasi invencivel de que se deixára possuir a irman, munira-se de um livro que fôra escolher á estante, que compuzera de obras escolhidissimas, e trouxe-o, escolhendo um que, em certas horas de desanimo ou indisposição nervosa, mais de uma vez lhe déra força e coragem.

De facto, embora todos se esforçassem por vencel-a, não foi possivel fazer desapparecer a a nuvem de tristeza que maguava os espiritos de Antonio, de sua mãe enferma e de Judith. De quando em quando, por mais que para aval-a se esforçassem todos, a palestra cahia, como que prestes a morrer. Dulce então exhibiu um pequeno livro, manual elegantemente impresso nas officinas Salesianas de São Paulo.

— D. Helena quererá ouvir algum trecho de um livro que eu aprecio muito?

Agradecidamente brilharam os olhos da senhora enferma, dizendo que sim... E Dulce, então, com a voz harmoniosa de sempre, e com expressão eloquente, começou a lêr:

De Christo a vida inteira
Cruz e martyrio foi.
E gôzo e quietação
Na tua queres ter!...
Erras, erras devéras,
Si buscas ou si esperas
Alguma coisa além de afflicções supportar;
Pois cumpre confessar,
Esta vida mortal eil-a toda atulhada
De miserias crueis e de cruzes cercada.

— De quem são estes bellos versos? — indagou Antonio, depois da pausa que Dulce fez na leitura.

— De Affonso Celso, que assim soube traduzir a admiravel *Imitação de Christo*.

— A senhora sabe escolher!

E Dulce continuou:

Si alguma coisa houvera
Mais util e melhor á humana salvação
Que padecer — Jesus, sem duvida, tivera
Essa coisa, este estado,
Por exemplo e palavra aos homens revelado,
Sem soffrer a paixão.
Aos discipulos seus que o seguem, e a quaesquer
Que o desejam seguir, claramente, elle exhorta
A que levem a cruz. Isto muito lhe importa,
Pois exclama: «Si alguem vir commigo quizer,
Que se negue a si mesmo, e tome cada dia
Sua cruz, e me siga.»
Eis a celeste via!
Depois de lido bem e investigado tudo,
Seja esta a conclusão final de nosso estudo:
— Que é preciso passar

Por mil tribulações, por muita e muita dôr,
Para poder entrar
No reino do Senhor.

— Não se devem tanto affligir com a morte de Trudinha... Ella goza de sorte mais feliz que a de nós todos... Já não soffre mais. De certo está já na mansão da felicidade eterna... Mas ouçam o que diz o meu livro:

Assim, ao céu fulgente
Levanta a face tua: eis-me, e, commigo,
Meus santos todos. Elles grandes lutas
Sustentaram no seculo inimigo;
Agora gozam glorias impollutas,
Agora consolados são, agora
Em segurança estão, e nelles mora
A paz que não se esváe;
E repousam agora, e resplandecem
E commigo sem termo permanecem
No reino de meu Pae.

— Dulce tem razão — disse Judith, interrompendo o silencio que se seguiu á leitura dos formosos versos. — Desde que se abram os olhos da fé, tudo se nos apresenta com outro e melhor aspecto. Bem certo é que a vida presente, passageira, rapida e curta, nada mais é que a preparação á outra, a verdadeira, a eterna. Como é triste reconhecer que tantos cégos ha que não o querem comprehender! E no fim... no fim de tudo, quando já será tarde, que formidavel e terrivel decepção aguarda a esse infelizes!... E que consolo, para os que conquistarem o dia onde nenhuma separação mais haverá entre os bons, em que se estará eternamente... oh! eternamente!... junto a todos aquelles a quem se ama!...

— Ora, cá estou eu! — vibrou, jovial, a voz alegre do recem capitão-tenente, á qual respondeu Judith com um grito de jubilo vibrante,

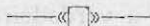
atirando-se-lhe aos braços fortes. — Cá estou eu, que já não mais podia com as saudades! Procurei-te em casa, e como disseram-me que tinhas vindo para aqui, com D. Dulce, em visita aos bons amigos, cá vim eu ter tambem. Meus cumprimentos a todos!

Uma vasta alegria espalhou-se por todos os semblantes. Longamente se conservaram em meigo abraço os noivos, e D. Helena, o filho, e Dulce, não podiam desfitar os olhos do ditoso par.

— São elles bem felizes! — murmurou Antonio, olhando ternamente para Dulce.

Invejal-os-ia o doutor?...

Dulce, sob o olhar do moço, enrubeceu violentamente; elle percebeu-lhe a perturbação.

Pensaria ella da mesma fórma que elle?...

XXVIII

Nossa Senhora d'Apparecida

Apparecida! — annunciou com voz forte o conductor do comboio expresso. O dr. Costa Barros, que viajava em companhia de sua mãe enferma, do capitão-tenente Alfredo Rosa e das duas filhas do commendador, levantou-se, tomou da pequena prateleira de arame do wagon sua maleta de viagem, sacudiu o pó que lhe cobria quasi literalmente o paletot, e prepararam-se todos para desembarcar.

Apparecida é a nossa Lourdes, como lhe chamou, mais tarde, na Camara Estadual, o deputado dr. José Vicente, pedindo a concessão de uma verba especial para inadiaveis melhoramentos na localidade. Apparecida, o celebre Santuario Nacional, ao qual o proprio vice-presidente da Republica, dr. Wenceslàu Braz, foi, mais tarde, em romaria, a pé (!!), desde sua fazenda, em Minas.

Apparecida, exteriormente, não corresponde á innegavel importancia que tem. Quasi todas as ruas lhe estão em pessimo estado; as casas, pequenas e baixas, são as de pequena e lobrega

aldeia do sertão; só o que em Apparecida causa bôa impressão, desde fóra, é o Santuario da Virgem, cantada em sua belleza e em suas sublimidades pela quasi totalidade dos poetas brasileiros.

Desde longe os cocheiros de carros abordam os freguezes, para que lhes tomem os vehiculos. Antonio, com um gesto incisivo, chamou um delles, mas quando quiz ajudar a mãe e as moças a subirem, sentiu como que uma revolta de indignação:

— Pois chama-se a isto um carro?... aqui, numa cidade como Apparecida?!

De facto, o lastimavel estado em que se apresentava o vehiculo, deselegante e incommodo, era de envergonhar.

Um supplice olhar de Dulce fez, porém, calar-se o doutor, que teve então de tomar tambem assento na *carruagem*, embora visivelmente incommodado. Subiram a ladeira ingreme, que ameaçava a todo momento a propria vida dos passageiros, os quaes mal se podiam segurar bem nos duros bancos dos *carros*.

Foi com certa emoção profunda que o doutor e seus companheiros entraram na Basilica. Era esse, pois, o Santuario, onde Nossa Senhora attendia a tantos desesperados, doentes, infelizes, miseros peccadores! Um tremor, nervosamente irresistivel, lhes percorreu o corpo a todos. A egreja, limpa e bem cuidada, impunha-se á admiração geral. Que bello e agradavel contraste com o quadro exterior, esse admiravel quadro que offerecia o interior do templo!

Os romeiros, porém, quasi não tinham olhos sinão para a despretenciosa imagem da Virgem, pequena, e sem gosto artistico. Exquisito era que Nossa Senhora, que possue em sua honra Santuarios tão sumptuosos e celebres, justamente dispense graças tão extraordinarias a imagens ou quadros de apparencia modestos, para não di-

zer mais... Será para nos inspirar sentimentos de humildade?...

Mas nem o doutor nem seus companheiros podiam agora reparar nisso tudo.

O tenente e a noiva, ah! quanto haviam de agradecer, e agradeciam á doce *Auxilio dos Christãos*! Todo o bello e vibrante amor que lhes ia n'alma extravasava-lhes nas orações que erguiam em acções fervorosas de graças. Consagravam-se dedicadamente a Ella, á Santa Virgem da Apparecida. Depunham sob sua protecção materna toda sua felicidade de noivos, toda sua ventura no futuro...

D. Helena... mas quanto tem a dizer uma mãe, quando ajoelhada diante da Virgem Santissima!... Não podia articular uma palavra vocal, mas, oh! pelo coração falava, e com que admiravel eloquencia!

Em prece ardente, D. Helena pediu pela filha que Deus levára... pelo querido esposo, sempre saudosamente lembrado... pelo filho extremecido, que ali estava presente tambem... apenas em si mesma e em sua enfermidade a pobre senhora pouco pensou... Ah! o amor de mãe, que se offerece sempre pelos outros e de si mesma se esquece!...

Dulce jámais havia rezado com tanto fervor como nesse dia. Alheiava-se de tudo quanto lhe estava em volta. O casto e limpido olhar profundo tinha-o cravado na santa imagem de Nossa Senhora, e seu corpo elegante e airoso quedava ajoelhado e immovel... Desde longos annos, com extremo desanimo e infinita magua, soffrera ella, e, agora, ali estava diante da Virgem Santissima, e, felizmente, já não precisava mais pedir-lhe a conversão do pae querido... Agora — e como lhe palpitava de jubilo o coração! — tinha de agradecer-lhe a misericordia com que lhe attendera ás supplicas. E agradecia com tanto fervor, com piedade tão extrema, que parecia um anjo do Senhor que houvesse

baixado do céu á terra, e ali estivesse ajoelhado aos pés da Rainha dos anjos...

Agradecia... agradecia sempre... mas, pouco a pouco, as acções de graças iam sendo substituidas por um novo pedido... era uma supplica por outra nova conversão;... e podia Maria Santissima deixar de ouvil-a? Não era ella a mãe dos peccadores? Não tinha ella o maior interesse em que seu Filho fosse por todos conhecido e verdadeiramente amado?...

— Ah! sim, Virgem minha, Mãe Santissima, sempre tão bôa e dadivosa, favorece-o com esta graça!... Haverá algum mal em pedir-t'a?... Oh! minha Mãe do céu, eu te quero confiar o meu segredo: sim, eu amo-o, amo-o com todo o meu coração... sinto-me feliz a seu lado... quereria tornar-lhe a vida serena e doce... permitte-me que t'o diga: eu queria que elle me amasse... que me quizesse como eu lhe quero a elle... oh! minha Mãe Santissima, si fôr preciso o sacrificio de meu amor para que sua alma se salve, si fôr preciso que eu renuncie a vêl-o, para sempre... a ouvil-o... mesmo a ter delle qualquer noticia... para que se não perca eternamente... oh! Virgem Maria! dou-te o meu amor e deponho-o a teus pés... Sacrificar-me-ei;... de meus labios, si não se converter, jámais elle ouvirá uma palavra de amor, como ainda até hoje não a ouviu... Peço-te, imploro-te por sua alma... E peço-te por sua pobre mãe. Si eu... oh! eu não devo, não quero, nem posso voltar atraz... mas... mas, si eu fosse delle... ella seria tambem minha mãe... Ouve-me... attende-me, pois, Virgem Santissima, faze com que ella recupere a fala! Auxilia com tua bençam a mão do medico que a trata!... ou faze-o, directamente, tu mesma... Si é preciso um milagre, faze-o, Mãe poderosa! Mãe doce e meiga!... Oh! minha Mãe do céu!...

Absorta em sua prece ardente, Dulce não percebera que agora ali faltava alguem. D. He-

lena, as duas jovens, o capitão-tenente Alfredo Rosa, tinham-se confessado no Rio, para receberem a sagrada Communhão na Apparecida. Apenas o doutor não o fizera... Durante todos esses dias lutára intimamente, depois que Dulce lhe falára em confessar-se; lutára ainda na ultima noite, que passára quasi toda em claro... Ainda durante toda a viagem lutára comsigo mesmo... Mas, quando penetrou na Basilica, quando assistiu, em pasmo, á transformação quasi sobrenatural das feições da moça, absorta na oração, não mais resistiu, e tomou uma resolução firme: ergueu-se e entrou discretamente e tremulo no confessionario mais proximo, onde piedoso e experiente Redemptorista aguardava os penitentes.

E confessou-se...

Orava ainda Dulce com o mesmo piedoso fervor, quando leve empuxão, que a irman lhe deu á manga, a chamou a si. Judith, com os olhos, indicou o confessionario, e quando Dulce, dirigindo para ali o olhar, reconheceu, ajoelhado humildemente, o doutor, um subito e violento rubor lhe subiu ás faces. Pulsou-lhe violentamente agitado o coração... tremia-lhe quasi convulsivamente o corpo todo, de alegria, de jubilo inebriante, numa extrema ventura, quasi sobrehumana...

Começou então a santa Missa. Pela altura do Offertorio, o doutor deixou o confessionario. Parecia que não tinha mais olhos para coisa alguma, e foi ajoelhar-se em um ponto um tanto afastado de todos... Parecia rezar como o capitão do Evangelho: *Eu não sou digno, Senhor!...*

Ao triplice signal da campainha, para a Communhão, pela primeira vez, Antonio acompanhou sua mãe á Mesa Eucharistica, ajoelhou-se-lhe bem ao lado, tendo Dulce á esquerda, depois Judith, depois Alfredo...

E os anjos do céu se alegraram pela volta

de uma ovelha perdida ao aprisco do Divino Pastor...

. . . .

Ninguem se sentia com animo de falar, quando sahiram todos da Basilica. Uma extraordinaria felicidade, uma paz, uma tranquillidade immensa, estampavam-se nas physionomias de todos. Mas quando, finalmente, Dulce ergueu os olhos profundos, fitou-os nos de Antonio:

— Obrigada! Mil vezes obrigada, doutor! — tambem dos olhos do joven irrompiam raios de uma luz tão brilhante, que lhe fizeram desde logo vêr o mundo com aspecto completamente outro, festivo, como jámais o vira antes.

D. Helena estreitou o filho ao coração commovido. Quanto ansiára por essa hora feliz!... Agora, resignava-se de bom grado a conservar-se para sempre muda, si assim o quizesse o bom Deus, pois que estava satisfeito o maior de todos os seus desejos.

Sem dizer palavra, sem fazer uma qualquer allusão menos delicada, tambem Judith e o noivo cumprimentaram affectuosamente Antonio, que se sentia outro, feliz, mas, agora sim, verdadeiramente feliz.

Foram almoçar em alguma casa proxima ao templo; mas durante a refeição pouco falaram, absorvido cada qual em sua intima felicidade. Só Judith e o noivo mantinham animada palestra que, afinal, conseguiu tornar os outros um pouco mais communicativos.

Algum tanto fatigada, pela viagem e pelas emoções, D. Helena lembrou o regresso á estação.

— Tenho medo dos carros, mamãe... esta ladeira é tão ingreme...

— Não se assuste, doutor, disse Dulce, com um dos seus encantadores sorrisos. — Nossa Senhora, que tantas graças nos deu hoje, tambem nos ha de proteger agora. Tenha confian-

ça, que Ella ainda o fará ouvir de novo a voz de sua mãe!...

Annuviou-se um pouco a fronte do doutor, lembrando-se da graça que pedira para sua mãe e que, apesar de toda a sua fé e de todos os seus sacrificios, não lhe fôra concedida; mas respondeu simples e tranquillamente:

— Assim seja!

Alguns cocheiros estacionavam com seus vehiculos na praça em frente á egreja. Antonio chamou-os, ajudou ás senhoras a subirem, não sem certa apprehensão, observando a fragilidade dos carros e como era ingreme e accidentada a ladeira que deviam descer.

No carro da frente iam D. Helena e Dulce; seguiam no segundo os noivos e, no terceiro, Antonio. Carinhosamente Dulce mantinha o braço enlaçado ao collo de D. Helena, confiando-lhe quanto pedira por ella a Nossa Senhora d'Apparecida.

De repente, por um descuido do cocheiro, a carruagem tropeçou numa quebrada e ameaçou tombar. Perdendo a calma, o homem fustigou o animal, que disparou pela ladeira abaixo... Das janellas das casas partiram gritos de terror... dentro em poucos instantes ia despedaçar-se o carro...

Um duplo grito partiu do vehiculo onde iam as duas senhoras. Sentiu-se um choque tremendo, e D. Helena e Dulce foram arremessadas longe, na gramma, e o cocheiro, que abandonára as rédeas, se precipitou ao chão.

Durante um momento, as duas senhoras ficaram immoveis, semi-desmaiadas, até que Dulce, erguendo-se, indagou pressurosa:

— Está ferida, D. Helena?

— Não... e a senhora?

— Tambem não... mas estou quasi morta de susto!

— Graças a Nossa Senhora da Apparecida, que nos salvou...

— Mas... D. Helena!... D.... He...le...na!... Que é isto!... A senhora fala!... Doutor!... Doutor!... Corra! Corra depressa! Sua mãe...

— Minha mãe!... Mamãe está ferida? — respondeu, ansioso, Antonio, que vinha correndo, em companhia de Judith e de Alfredo.

— Doutor! — exclamou Dulce, commovissima — Doutor, sua mãe...

— Que é, mamãe?... Soffres muito?

— Não, doutor... Sua mãe fala! Sua mãe recuperou a fala, doutor!... Ah! Minha Nossa Senhora d'Apparecida! — exclamou Dulce, prostrando-se de joelhos em plena rua — eu te agradeço!

— Tambem eu... tambem eu t'o agradeço, Nossa Senhora d'Apparecida — disse em voz tremula, mas alta, D. Helena, abraçando-se com o filho, com Dulce, com Judith, com Alfredo, quasi que todos a um tempo só.

— Mamãe!... Não é possivel!... Tu estás curada?!... Meu Deus!... Mas eu enlouqueço!...

— Vamos voltar á Basilica, meu filho!

— Vamos — secundou Dulce. — Temos tanto a agradecer a Nossa Senhora!

Entre exclamações quasi convulsas de uma alegria infinita, de uma surpresa sem limites, dirigiram-se todos de novo ao templo. O povo, embora já acostumado aos frequentes milagres de Nossa Senhora, sahia correndo, curioso, das casas, e muitos acompanharam a familia até ao Santuario, a unirem suas orações em acção de graças ás dos felizes romeiros.

. . . .

— Como lhe hei de agradecer, D. Dulce? — disse o doutor, ao sahirem novamente da Basilica, e tomando a mão da donzella, que beijou respeitosa e carinhosamente.

— Agradecer-me a mim?... Mas a mim não tem nada que agradecer!...

— Sim, a senhora merece... merece...

Não ousou continuar, a concluir a phrase. Novo rubor tingiu as faces da joven... A sua mãozinha mimosa tremia nas delle... e quando, num impetuoso movimento, elle lh'a apertou com força, ella retribuiu-lhe, embora levemente, a caricia...

— Dulce!... posso então esperar... Posso crêr que... Oh! como sou feliz!

Ella, então, lhe sorriu deliciosamente.

— Dulce!... Minha Dulce!... Minha querida Dulce! — exclamou o doutor, apertando a moça ao peito, em plena praça publica, e apesar dos olhares admirados dos populares, que os contemplavam...

— Amas-me muito, Dulce?

— Sim... eu te amo... e desde ha muito tempo, Antonio!...

E um beijo, um grande e casto beijo, sellou as juras dos noivos, em plena rua, diante da milagrosa Basilica...

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

ROMANCES E CONTOS

Ai ! meu Portugal. Romance contemporaneo por Frei Pedro Sinzig, O. F. M. 381 paginas 13×19 cm.

... depuz o livro, esperei, li de novo, examinei, comparei, analysei, — e eis aqui num como breve estudo o resultado.

Póde-se resumir nas seguintes proposições : o *Ai ! Meu Portugal* offerece ao *sentimento artistico* os encantos de uma engenhosissima ficção ; ao *entendimento*, as salutares lições da mestra da vida : a Historia ; ao *coração*, impulsos suavemente fortes para o bem... — *L. Brentano, S. J.*

Anjinho. (O) Conto Viennense, e **Morto por imprudencia**, pela Baroneza Eurik von Handel-Mazzetti. 2ª edição.

São duas historietas simples e encantadoras, mas que chegam a commover até ás lagrimas, tão emocionantes são os episodios descriptos e narrados, naturalmente decorrentes uns dos outros, até ao desfecho final. Duas obras primas. — *Eug. Werneck.*

Da Arena da Vida. Contos por Ancilla Domini. 2ª edição.

Acham-se reunidos neste volume : «Os divorciados» — «O Resgate de um Pae» — e aquella perola que é «Uma correspondencia franqueada ao publico».

Atravez da Africa. Viagens e aventuras do Irmão Franciscano Pedro Farde de Gand, 1686—1690, segundo a edição de Frei Caetano Schmitz, O. F. M., por M. G. de L., e **Uma Fazenda em Maranhão.** Episodio dos tempos coloniaes, por Ancilla Domini.

São duas narrativas, ambas interessantes mas absolutamente differentes, as que formam este setimo volume da collecção da excellente Bibliotheca Universal. A primeira consta da descripção, sempre e cada vez mais empolgante, das viagens e aventuras de um irmão leigo franciscano, Pedro Farde, — aventuras realmente dignas de narrarem-se, e que do modesto religioso fizeram quasi um segundo Robinson Crusoë. Escriptas em linguagem despretenciosa e simples, lêem-se sem fadiga, antes com crescente interesse, o mesmo que succede ao leitor da novella *Uma fazenda em Maranhão*, episodio dos tempos coloniaes, que completa o volume. Como os demais da collecção, o vol. 7 da Bibliotheca Universal é de edição cuidada e optimamente impressa. — *J. T.*

Aventuras duma abelha. — Conto para creanças, por Waldemar Bonsels. Traducção do Padre Huberto Rohden.

Por certo a leitura deste interessante conto — infelizmente a unica obra aproveitavel desse escriptor — deve ter proporcionado aos pequenos leitores das *Vozes* agradaveis momentos.

Creio bem que o autor teria cercado o seu nome de muito maior prestigio, dedicando-se a este genero literario, em que se mostra tão fino psychologo, do que malbaratando o seu innegavel talento em tantas outras obras estereis e dissolventes.

E nisto talvez já tenha meditado o autor, ao vêr a enorme vulgarização que este seu livrinho tem alcançado, especialmente na Allemanha, onde as suas edições attingem hoje a trezentas, sendo que as ultimas cem foram feitas durante a sua publicação nas *Vozes de Petropolis*.

A traducção é irreprehensivel e revela um conhecimento seguro do nosso idioma, o que torna mais agradavel a leitura deste conto, realmente encantador. — *Ajr.*

Casa (A) Assombrada. (Harry Dee) Romance pelo Padre Francisco Finn, S. J. — Traducção do inglez pelo Padre Huberto Rohden.

As obras do revmo. P. Finn obedecem todas a um plano educativo e moralizador habilmente delineado, o que as torna altamente recommendaveis.

Christovam, por Conrado Kuemmel, traducção de Ancilla Domini.

Christovam é um pequeno romance de leitura agradabilissima e these de actualidade: a ambição do poder e do destaque politico, procurados primeiro no favor do rei, depois á sombra da democracia e do suffragio popular, esvaindo-se tudo, afinal, no mais inesperado e atroz desengano, e começando, então, a verdadeira orientação, para Deus, do principal personagem do romance...

Recommendamol-o a todos, sobretudo aos rapazes, que bem podem vir a ser politicos um dia, e... quem sabe? novos Christovams. — *A. R.*

O Collar perdido e outros contos, por Ancilla Domini. 2ª edição.

O Collar perdido é um conto cheio de ternura e de arte, em que uma negra escrava paga o pato dum collar furtado... Gabriella morreu innocente e o collar appareceu mais tarde, por artes de berliques e berloques. Segue-se o arrependimento e uma pontinha de remorso, suavizada pela fé.

Dois amigos e outros contos dos mais felizes tempos da Palestinas, por Frei Donato Pfannmüller, O. F. M Traducção do Dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro e do P. Manoel Pinto dos Santos. 2ª ed

Os deliciosos contos evangelicos de Frei Donato já são bastante conhecidos mesmo entre nós, para que se lhes torne necessario novo encomio... *Dois Amigos* (Jesus e Lazaro) e os tres contos que se lhe seguem: *Seu Testamento, Está consummado* e *Alleluia!* — são verdadeiras joias literarias. Verdadeiros mimos preciosos. — *Julio Tapajós.*

***Dame Dolores.** Narrativa por Miss Taylor. Traduzido do inglez, por Francisca de Assis.

Acompanho com os melhores votos a primeira edição brasileira dessa lenda commovente.

... A singela narrativa não póde deixar de ser util e de, talvez, consolar muita gente. — *P. S.*

Entre Demonios. Romance sul-americano, por Leopoldo Gheri. Traducção do Dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro.

Empolgante episodio da vida do grande Garcia Moreno, que prende a attenção do leitor do principio até o fim, que o deixa suspenso e o faz proseguir na leitura até terminal-a toda.

O Espelho de Lucrecia Borgia (historia macabra) e **Y. Z. 100** (conto humoristico) por Eufemia von Adlersfeld Ballestrem. Traducção do Dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro, e **O Maltrapilho e Creanças Pobres**, por Paulo Keller. Traducção por Miriam.

Quatro simples mas excellentes trabalhos de fino gosto literario. A historia macabra do espelho de Lucrecia trata em linguagem empolgante de uma superstição que durante annos sem conta affligiu e perturbou uma familia inteira, superstição essa que é destruida graças ao animo forte de uma digna joven.

Eva-Maria, Romance, por Pedro Cistras. Traduzido do francez da segunda 2ª edição por Gabriella Ferreira França. 2ª edição.

— Interessante romance religioso social, cujo scenario se desenrola no paiz de Albion. Trata da historia de uma conversão, que se opéra pela intercessão da SS. Virgem, e mostra, ao mesmo tempo, como muitas filhas de Eva MUTANS EVÆ NOMEM — se mudam em bôas Filhas de Maria. O enredo se desenvolve em torno daquillo de Addison: «E quando submergia em peccado e tristeza fez reviver minh'alma pela gra-

---

Os livros marcados com * não são edições da casa.

ça». — Traducção esmerada e fluente, encadernação elegante, feição portatil. — *M. T.*

Esposa do sol. Romance Historico, muito interessante, de Gastão Leroux. Traducção autorizada de Nycota Sampaio.

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de Gaston Leroux. E' empolgante a acção, fazendo esquecer certas inverosimilhanças.

A faia do judeu. Conto criminal da Westphalia montanhosa, pela Baroneza Annette de Droste-Hülshoff. Traduzido por Rodolpho da Veiga.

Neste pequeno conto admira-se a perfeição do desenho dos caracteres. A autora é uma artista. Que nitidez e precisão e, apesar disso, que sobriedade no exercicio do seu buril!

R. d. V.

Filha (A) do Director do circo. Romance pela Baroneza Ferdinande von Brackel. Traducção livre. e autorizada da 25ª edição por Isocrates.

A leitura empolga, commove, arrasta, impressiona profundamente.

Durante a publicação deste grandioso romance, um dos mais bellos da literatura universal, nas paginas das «Vozes de Petropolis», a redacção desta revista recebeu innumeras felicitações e os mais enthusiasticos applausos.

Filho (O) de Agar. Romance de Paulo Keller. Traducção do Dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro (para adultos).

O Filho de Agar é a triste historia de um filho «sem pae», cuja vida dará muito a pensar e será para muitos verdadeiro exame de consciencia. A leitura deste livro **para adultos** só póde fazer bem. Em tres annos foram necessarias 23 edições do original allemão dessa obra prima.

A critica, catholica e acatholica, foi unanime em reconhecer-lhe um primeiro logar entre os grandes romances.

*** Filho (O) do Homem.** Episodios, da vida de Christo. por Anna, Baroneza von Krane. Traducção por uma senhora bahiana. Com illustrações de Fellipe Schumacher.

Grandeza Occulta e A Coroa de Espinhos Novella pela baroneza Anna von Krane, Traducção por Miriam. 2ª edição.

A primeira das duas novellas é uma linda e commovente fantasia evocadora da meiga e doce infancia de Jesus, a pastorear ovelhas proximo a Nazareth... A segunda novella, tam-

bem, é vasada em assumpto biblico... E' delineada como uma bençam de luz no lindo quadro a figura ideal de Maria...

Julio Tapajós

Guerra !!! Romance por Frei Pedro Sinzig, O. F. M. Illustrações de Gaspar Telles.

Os quadros que a penna magica de Frei Pedro evoca, e para sempre grava como no marmore, nas paginas de um livro — valiosissimo contingente para a historia futura da grandiosa hora que passamos, — são de hoje, e não os forjou elle em sua fantasia : foi buscal-os á verdade contemporanea, são paginas vividas da mais tragica etapa da historia do mundo civilizado, e como a nós nos commovem hoje e falam eloquentissimas, na mesma eloquencia falarão mais tarde ás gerações porvindouras...

As grandes scenas tragicas contrastam com episodios leves ou commovedores, mas em todo o desenrolar do romance perpassa um vôo de tragedia épica, que dóe, que punge, que secca os olhos num ardor de febre e afoga os corações em lagrimas de angustias. — *Julio Tapajós*.

Josephina. Romance por Franz von Seeburg. Traducção livre e autorizada por Lyrio do Valle 4ª ed.

O autor de *Josephina*, estimadissimo em seu paiz por outras obras de nota, encontrou felizmente, num cantinho de Petropolis, uma penna finamente apurada de poeta para o interpretar em vernaculo. Fructo de longas vigilias, aquecido com o affecto de uma alma que só sonha com resurreições moraes, o volume que nos cahiu nas mãos, qual pomo dourado e sagrado, vae ser naturalmente devorado por quem quer que o queira folhear.

Retocado, ampliado e por vezes mesmo aparado em muitos topicos demasiados, o trabalho de Lyrio do Valle tomou uma feição que é mais sua que de outrem.

Josephina não é um simples romance nem tão pouco uma obra de pouca imaginação, mas uma serie de factos psychologicos magistralmente tecidos para destacar um vulto de mulher primorosamente desenhado.

Em cada um dos seus capitulos surgem surpresas que nos banham o espirito de deliciosos aromas de virtude. Os diversos episodios que matizam essas paginas cheias de vida, assustam, abalam, commovem e muitas vezes mesmo arrebatam o leitor. — *Mons. A. Macedo Costa.*

Magna Peccatrix. Romance do tempo de Jesus Christo, pela baroneza Anna von Krane. Traducção livre e autorizada, por Isocrates. (para adultos).

Meu (O) novo Coadjuctor. Romance pelo Pe. A. Sheehan. Trad. do dr. Manoel de Queiroz M. Ribeiro.

Moribus Paternis. Romance original de Ansgar Albing. Traducção do dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro.

Bellissimo e empolgante romance... Basta a referencia á maneira verdadeiramente magistral como o autor soube delinear, apresentar, definir e fazer moverem-se as personagens que vão em scena, e movimentam-se e agem com vida quasi tangivel, num flagrante evidente, numa acção nitida e limpida que se extende e desenvolve por toda a obra, prendendo sempre e cada vez mais a attenção e o interesse do leitor. — *Julio Tapajós.*

Némesis. Romance por A. Haidheim. Trad. do allemão.

Nova (A) Cruzada das Creanças (Annita e Felisberto) Interessante romance proprio para creanças por Henri Bordeaux.

...Inspirando-vos no Decreto «Quam singulari Christus amore», quizestes, em lembrança da peregrinação dos jovens neo-commungantes francezes a Roma, 1912, escrever para os pequenos francezes este livro encantador que narra a odysséa dos dois Saboyardos que transpuzeram os Alpes para ir pedir ao Papa a Santa Communhão, e agradecer-Lhe o favor de receber, em uma idade tão tenra, o Deus dos tabernaculos — Jesus-Hostia. — *R. Cardeal Merry del Val.*

Novos Contos, pelo P. Ambrosio Schupp, S. J., com muitas illustrações. Traduzido por Leopoldo Brentano, S. J.

Não são muitos: apenas tres; mas tão esfusiantes de chiste e abarrotados de interesse, que não vejo quaes possam passar-lhes a perna.

O primeiro — *Conto dos seis que tinham coragem de cincoenta,* recorda-me as aventuras de Jean Calais, as scenas espirituosas da edade media, que nós hoje vestimos com a gaze vaporosa das fadas e os crystaes fulgentes das fontes encantadas. Hercules é o seu protagonista, contra o qual arremettem, com a galhardia dos covardes, o ferreiro Pinque-Panque, o selleiro Sem-Pavor, o carniceiro Vira-Tripas, o trançador Péga-Péga, o cantoneiro Malhão e o alfaiate Pé-Ligeiro. — *J. Soares d'Azevedo.*

Orvalho (O) Vespertino e outros contos, por Ancilla Domini. 2ª edição.

Contos encantadores e cheios de moralidade e ensinamento, como são todos os da benemerita escriptora.

Pela Mão duma Menina. Romance contemporaneo brasileiro, por Frei Pedro Sinzig, O. F. M. 3ª edição, com 27 novas e artisticas illustrações,

todas em formato de pagina e trabalhadas por artista europeu de nomeada.

Pela mão duma menina é um bello romance, vasado em linguagem limpida e fluente, e offerecendo leitura amplamente empolgante e deleitosa. É um trabalho literario digno da penna de mestre que o escreveu, de uma psychologia aguda e ao mesmo tempo tão delicada, que nem parece pertencer á literatura... de hoje. — *Julio Tapajós.*

Pela Terra dos Doidos. Alegrias e tristezas da vida dum irmão franciscano, por Frei Donato Pfannmüller, O. F. M. Traducção autorizada de Justino Mendes.

Pela terra dos doidos é um livro que descreve fielmente a vida que os frades franciscanos levam em seus conventos.

Sendo a familia franciscana tão numerosa aqui no Brasil, é portanto de interesse geral conhecer-lhes o modo de vida, o que se encontra fielmente no livro do Frei Donato.

Raios de Sol. Historias e palestras divertidas de Otto Ernst, livremente traduzidas e adaptadas, por Eugenio Mendes.

Quem, em suas horas de lazer, gosta de occupar-se com leituras uteis e interessantes, leia: *Raios de Sol* que ficará completamente satisfeito; a linguagem é correcta, e os assumptos divertidos.

Reminiscencias dum Frade, por Fr. Pedro Sinzig, O. F. M.

Signal (O) Mysterioso Romance por M. T. Waggaman. Traducção do P. Huberto Rohden.

Bellissima traducção sobre o original allemão, feita pelo já conhecido e festejado escriptor patricio, o revmo. P. Huberto Rohden.

A acção se passa na America do Norte, entre P. Paulo, o parocho do lugar, e Eric, joven filho da terra que pertence a uma corja de malfeitores, que se tem conjurado ao demonio por meio de um signal mysterioso, que lhes é tisnado no peito. — *M. T.*

Sua culpa (A) Narrativa por Jean Vézère. Versão por J. Soares d'Azevedo.

— Uma obra prima, interessantissima, em versão digna do bello original. E' narrativa duma vocação sacerdotal frustrada por culpa dos paes e que tem por consequencia innumeras desgraças. Não ha leitura mais util na época da escolha de estado.

Terror s(O(do Rei. Romance pelBa aronez aAnna von Krane. Traducção de Miriam.

Parece reviver, diante dos olhos admirados do leitor, o despotico rei Herodes, destacando-se maravilhosamente, do scenario de horror, a figura lucida de Jojada, o valoroso guerreiro, e, como fundo de indizivel encanto, o Menino Jesus e sua Santissima Mãe.

Violetas. Victima do sigillo da confissão e outros contos, originaes e traducções, por Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

São realmente «Violetas» odorosas. O episodio veridico da «Victima do sigillo da confissão», que abre o livro, é devéras tocante e impressionador. Todas as mais historietas do primoroso livrinho: *Um presente a Maria — Mater dolorosa — Arcabouço de uma tragedia — Umm ed Dschamahl — Uma filha de Maria — Á ultima hora* — não são menos edificantes e commovedoras.

As recommendaveis «Violetas» de Frei Pedro Sinzig fecham com a delicada opereta infantil, em 3 actos, *Joãozinho e Margaridinha*... — *Eugenio Werneck.*